

**ROMPENDO OS TAPUMES:
UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO VIVENCIADA
ATRAVÉS DA RESTAURAÇÃO NA COMUNIDADE DE
SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS / MG**

Moema Nascimento Queiroz

Moema Nascimento Queiroz

**ROMPENDO OS TAPUMES:
UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO VIVENCIADA
ATRAVÉS DA RESTAURAÇÃO NA COMUNIDADE DE
SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS / MG**

Dissertação apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Área de Concentração – Tecnologia de Materiais e Conservação Preventiva.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2003

Queiroz, Moema Nascimento, 1964-

Rompendo os tapumes : uma proposta de interação vivenciada através da restauração na comunidade de São Sebastião das Águas Claras / MG / Moema Nascimento

Queiroz. – 2003. –

218 f., 44 f. de anexos. - il. –

Orientador: Luiz Antônio Cruz Souza

Co-orientador : Lucia Gouvêa Pimentel

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de

Minas

Gerais, Escola de Belas Artes

1. São Sebastião (Capela : Nova Lima, MG) –

Conservação

e Restauração – Teses 2. Educação patrimonial – Teses

3. Identidade cultural – Teses 4. Monumentos –

Conservação

e restauração - Interdisciplinaridade – Teses I. Souza, Luiz

Antônio, 1962- II. Pimentel, Lucia Gouvêa, 1947-

I. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas

Artes

II. Título

CDD : 720.288

CDU : 72.025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE MESTRADO EM ARTES VISUAIS

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA
ALUNA MOEMA NASCIMENTO QUEIRÓZ nº. de REGISTRO
2001227072.

Prof. Dr. Luiz Antônio Cruz Souza - Orientador – EBA/UFMG

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Co-Orientadora – EBA/UFMG

Prof. Dr. Allaoua Saadi -Titular –IGC/UFMG

Prof. Dr. Altino Barbosa Caldeira – Titular – IPHAN/MG

Belo Horizonte, 06 de Outubro de 2003

*Ao Tempo,
que em seu sábio compasso,
guia, suaviza, consola,
amadurece, transforma e transcende
nossa visão do que é mundo.*

AGRADECIMENTOS

A Essa Força Cósmica e a seus instrumentos, que nos impelem a crescer, sempre;

aos meus pais, Manoel Carlos Dutra Queiroz e Flora Emilia Nascimento Queiroz, pelo exemplo constante, pelo incentivo contínuo, pela cumplicidade e carinho, pela amizade e amor incondicionais, pelos valores que norteiam minha vida, meu crescimento e minha identidade, por acreditarem em mim, por me aceitarem como sou; aos meus irmãos, Guacyra, Queiroz e Adriana, fontes constantes de exercício de amor; às minhas sobrinhas, Beatrice e Izabella, que me ajudam a resgatar meu universo infantil. Por vocês e para vocês sempre;

aos meus orientadores, Prof. Dr. Luiz Antonio Cruz Souza e Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, pela aceitação e crédito à minha proposta;

ao CNPq, por parte do apoio financeiro; à UFMG e à Escola de Belas Artes, pelo apoio institucional e pelas oportunidades; ao Cecor, pela formação, pelo crescimento profissional, pelos desafios e à diretora do centro, Profa. Anamaria R. A Neves, pelo apoio; aos colegas, por nossa troca constante;

aos colaboradores e parceiros desse projeto, Prof. Dr. Abdias Magalhães Gomes e sua equipe, do Departamento de Engenharia da UFMG, Profa. Dra. Eleonora Sad Assis, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, Prof. Marco Elízio de Paiva, Mestre em História da Arte, professor da Escola de Belas Artes da UFMG, pela disponibilidade com que se dispuseram a repassar seus conhecimentos, pelas reflexões, incentivo e auxílio, pela troca constante;

aos amigos e colaboradores, Mestre Capoeirista Índio, à Cineasta e Roteirista Cristiane Matos, ao Musicista e Violoncelista Abel Moraes, pela generosidade, disponibilidade, competência e alegria com que enriqueceram minha proposta de interação junto à escola municipal;

à C/Arte Projetos Culturais, pela iniciativa do “Projeto de Restauração da Capela de São Sebastião”; à Conservadora/Restauradora e amiga, Carolina M^a Proença Nardi, pelo convite à parceria na coordenação do projeto de restauração dos bens artísticos integrados da Capela de São Sebastião; aos novos amigos que fiz junto à equipe que formamos;

à comunidade de São Sebastião das Águas Claras, em especial à Dona Maria de Lourdes, Sr. Rivalino Souza, Dona Vicentina Souza, pela imensa generosidade com que me receberam, pelo carinho e abertura às minhas idéias, pela amizade que se formou; ao Padre João Maria Viane, e ao Conselho da Capela, pela confiança, por concederem espaço e apoio às minhas propostas; à Escola Municipal Rubem da Costa Lima e sua equipe, pelo apoio incondicional, Diretora Sonia M^a Paula, Supervisora Celi Regina Leonardo, Professoras Rosane C. Peixoto, Claudia B. Ferreira, Vânia Grigório, Gilmaria Faria, Gleuza Lopes e ao seu pessoal de apoio; aos queridos alunos da primeira, segunda, terceira e quarta séries do ano de 2002, meu eterno agradecimento por me

aceitarem e me guiarem no projeto desenvolvido e pelo carinho espontâneo com que me alimentaram durante nosso convívio;

ao Conselho Consultivo do Patrimônio de Nova Lima, pela disposição em conhecer minhas idéias; à Diretora do Patrimônio de Nova Lima, Arquiteta Rosana Bianchini, pelo apoio e parceria nos ideais ao longo de todo o projeto; à Fundação Kairós e seus membros, pela participação e por me incorporarem a um ideal;

à secretária de Pós-graduação da EBA/UFMG, Zina Pawilovsk, que acompanha meu caminho profissional há tanto tempo, pelo profissionalismo e carinho;

às conservadoras/restauradoras e amigas, Ivê Duarte Madeira (*in memoriam*) e Gislaíne Randaso Teixeira Moura, por me haverem transmitido, desde meu início na profissão, a grande alegria, aventura e prazer contidos na experiência do restaurar;

aos amigos Mário Souza Jr., Marcelo Albuquerque Corrêa, Inês de Melo Neves, Jorge Cabrera, Milta Costa Rocha, Sérgio Favilla Lucca de Paula, Ana Carolina Araújo e Silva, Suzana Matoso, Leonardo Barreto, João Cura D'Ars, Claudia Signorelli e Wivian Diniz, pela amizade, apoio, incentivo e por terem me acompanhado em minha "síndrome do mestrado". Obrigada pelos bons momentos, pela compreensão e pelas deliciosas risadas;

à querida amiga e companheira de profissão, Luciene Maria de Almeida Elias, pela amizade, pelas incentivadoras conversas, discussões e sugestões, pelo exemplo e coragem de ter mergulhado primeiro no caminho ao qual estou dando continuidade;

ao Dr. Luiz Celso R. de Oliveira, à Isaura M^a M. Cunha e Eduardo Andrade Silva, que muito me ajudaram para que eu chegasse ao fim desse processo;

à amiga Maria Lucia Azevedo Santos, Mestre em Educação, por sua disponibilidade e amabilidade com que repassou suas experiências no campo da ação social;

a Mario Lucio Zavagli, que viu nascer as sementes desse trabalho, muito antes dele ter forma. Minha gratidão e carinho, sempre, por todo o apoio, amparo, afeição, compreensão, amizade e pelo diálogo constante.

Por fim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desse projeto. Meu mais profundo respeito e minha imensa gratidão.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	14
1. ESTADO DA ARTE	17
2. HISTÓRICO	24
2.1 REGIÃO DE NOVA LIMA	24
2.2 REGIÃO DE SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS	26
2.3 CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO	33
3. ASPECTOS ADMINISTRATIVOS: UMA VISÃO GERAL DA IGREJA COMO PESSOA JURÍDICA	37
3.1 A CAPELA E SUA VINCULAÇÃO	39
3.2 ASPECTOS ADMINISTRATIVOS	40
3.3 A IGREJA E OS BENS PATRIMONIAIS	47
3.4 A PREFEITURA DE NOVA LIMA E A GESTÃO DE RECURSOS VOLTADA AO PATRIMÔNIO	50
3.5 A ROTINA DA CAPELA	53
4. ASPECTOS FORMAIS E ESTILÍSTICOS DA EDIFICAÇÃO E SEUS BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	57
5. O EDIFÍCIO E SEU ENTORNO	67
5.1 O GERENCIAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NA INTERVENÇÃO DE UM PATRIMÔNIO	68
5.2 O CLIMA NA REGIÃO	71
5.3 O EDIFÍCIO	73
5.3.1 IMPLANTAÇÃO	73
5.3.2 ORIENTAÇÃO	75
5.3.3 O TERRENO	78
5.3.4 O ENTORNO	76
5.3.4 CARACTERIZAÇÃO	78
5.3.6 O CLIMA NO INTERIOR DO EDIFÍCIO	82
5.4 BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	85
5.4.1 TÉCNICA CONSTRUTIVA	86

6. DIAGNÓSTICO DA EDIFICAÇÃO E DOS BENS INTEGRADOS	92
6.1 DIAGNÓSTICOS	93
6.1.1 INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS: IEPHA/MG	94
6.1.2 ENGEARP ARQUITETURA E ENGENHARIA LTDA	97
6.1.3 CONSERVADOR/RESTAURADOR E DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS E CONSTRUÇÃO – UFMG	98
6.2 INTERVENÇÕES NA EDIFICAÇÃO E NOS BENS INTEGRADOS	104
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PATOLOGIAS, SEUS FATORES DE DEGRADAÇÃO E AS AÇÕES EMPREENDIDAS	114
7.1 PATOLOGIAS	115
7.2 FATORES DE DEGRADAÇÃO	116
7.3 AÇÕES EMPREENDIDAS	128
8. ROMPENDO OS TAPUMES: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO	134
8.1 O ENCONTRO COM A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO: UM EXERCÍCIO DE PERCEPÇÃO ENTRE PROPOSTA E REALIDADE	137
8.2 ESTUDO DE CASO	140
8.2.1 GRUPO I	143
8.2.2 GRUPO II	150
8.2.2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	151
8.2.3 GRUPO III	187
9. DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS	189
10. CONCLUSÃO	198
11. BIBLIOGRAFIA	201
12. APÊNDICES	209
13. ANEXOS	218

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Mapa da Região de São Sebastião das Águas Claras	28
FIGURA 02 – Núcleo da cidade num fim de semana	31
FIGURA 03 – Centro urbano com única via de acesso congestionada	31
FIGURA 04 – Capela de São Sebastião	33
FIGURA 05 – Bens móveis e integrados da Capela de São Sebastião (antes da restauração)	36
FIGURA 06 – Festa de São Sebastião	54
FIGURA 07 – Andor de São Sebastião	54
FIGURA 08 – Desenhos esquemáticos da Capela de São Sebastião	57
FIGURA 09 – Anexo ao fundo da Capela	58
FIGURA 10 – Volumes e Coberturas	58
FIGURA 11 – Coro	59
FIGURA 12 – Capela-Mor	59
FIGURA 13 – Abertura para os dois sinos	60
FIGURA 14 – Detalhe da abertura no interior da Capela	60
FIGURA 15 – Altar em estilo Pedro II (de Portugal) – MAS/UFBA	62
FIGURA 16 – Altar-Mor da Capela de São Sebastião	63
FIGURA 17 – Altar-Mor da Capela de N ^a S ^a de Nazaré – Cachoeira do Campo/MG	64
FIGURA 18 – Altar-Mor da Capela de N ^a S ^a do Ó – Sabará/MG	64
FIGURA 19 – Conjunto escultórico - Altar-mor da Capela de São Sebastião (após restauração)	65
FIGURA 20 – Localização de São Sebastião das Águas Claras	72
FIGURA 21 – Dados climáticos da Estação de Águas Claras, município de Nova Lima/MG	73
FIGURA 22 – Planta do perímetro do entorno e detalhada localização da Capela de São Sebastião	74
FIGURA 23 – Entorno da Capela e região	74
FIGURA 24 – Insolação nas fachadas e vãos de ventilação (a – b)	76
FIGURA 25 – Insolação na fachada posterior	76
FIGURA 26 – Mapa das curvas de nível da região de São Sebastião das Águas Claras	77
FIGURA 27 – Plantas de localização com as curvas de nível	77
FIGURA 28 – Estrutura da Capela	80
FIGURA 29 – Coberturas	80
FIGURA 30 – Valores externo e interno	84
FIGURA 31 – Altar-mor	87
FIGURA 32 – São Sebastião	88
FIGURA 33 – Santo Antônio	89
FIGURA 34 – Santana Mestra	90
FIGURA 35 – São Brás	91
FIGURA 36 – São Gonçalo	91
FIGURA 37 – Desenho dos problemas estruturais detectados pela primeira inspeção	95
FIGURA 38 – Estado de conservação da edificação: área externa e interna	99-101
FIGURA 39 – Sistema de segurança e instalações Elétricas	102

FIGURA 40 – Altar lateral de alvenaria	106
FIGURA 41 – Basculante na capela-mor	106
FIGURA 42 – Dutos de Drenagem	108
FIGURA 43 – Estado de conservação do altar-mor	109-110
FIGURA 44 – Manta de brita abaixo do altar-mor	112
FIGURA 45 – Variação média normal anual e mensal horária estimada dos dados de temperatura e umidade relativa na Estação Climatológica de Águas Claras, no período de 1983-1990	124
FIGURA 46 – Sistema de ventilação/aeração passiva	131-132
FIGURA 47 – Últimas medições, posteriores à abertura dos vãos de ventilação/aeração	133
FIGURA 48 – Reunião com membros da comunidade	143
FIGURA 49 – Grupo responsável pelo projeto de restauração	143
FIGURA 50 – Visita dos alunos à Capela	145
FIGURA 51 – Jovens da comunidade, integrantes da equipe de restauração	147
FIGURA 52 – Sr. Rivalino Souza	148
FIGURA 53 – Sra. Vicentina Souza e Sra. Maria de Lourdes	148
FIGURA 54 – Confecção da Caixa de Memórias	159
FIGURA 55 – Caminhada ecológica	162-163
FIGURA 56 – Produção dos <i>Recados para os Turistas</i>	168
FIGURA 57 – Exemplo de alguns desenhos produzidos pelos alunos	169-170
FIGURA 58 – Apresentação de Capoeira Angola	173
FIGURA 59 – Interpretação da história <i>Os Viajantes de Sírius</i>	177
FIGURA 60 – Aula sobre Teatro de Sombras	179
FIGURA 61 – Confecção e montagem dos personagens	180
FIGURA 62 – Apresentação da história	181
FIGURA 63 – Abel Moraes	183
FIGURA 64 – Apresentação de vídeos e exercícios práticos	184
FIGURA 65 – Apresentação dos sons do violoncelo	185
FIGURA 66 – Solenidade de encerramento das atividades com entrega das caixas de memórias e diplomas	187

RESUMO

Esta dissertação aborda o trabalho desenvolvido na Capela de São Sebastião, em seu período de revitalização, envolvendo três aspectos: uma restauração promovida pela iniciativa privada e suas conseqüentes dificuldades no campo do gerenciamento com as limitações ainda comuns de diálogo e interação entre equipes; uma pesquisa acadêmica voltada à investigação do edifício e de seus bens integrados; a compreensão das influências que seu entorno exerce no processo de degradação e a importância desse edifício no contexto de sua comunidade, em São Sebastião das Águas Claras (Macacos) – Nova Lima/MG. Desse trabalho decorreu a proposta de interdisciplinaridade como tentativa de um salto qualitativo na preservação do patrimônio pelo caminho da educação, mediante interação entre o autor desta pesquisa (conservador-restaurador) e a comunidade local, usando conceitos da conservação preventiva como um instrumento a mais para o despertar de uma consciência crítica e responsável para com a preservação do patrimônio e a percepção da relação deste com a própria identidade pessoal e cultural. Desse modo, demonstrando ser a educação patrimonial possível de ser realizada também fora dos museus e centros culturais, ao lançar a possibilidade de uma nova postura sobre o patrimônio e sua vinculação aos valores que a comunidade lhe outorga, deixa para a mesma o desafio de continuidade das ações nela desenvolvidas.

ABSTRACT

This paper reports on the work carried out during the revitalization of the Capela de São Sebastião (St. Sebastian Chapel) and deals with three aspects: the promotion of a restoration through a private initiative and the managerial difficulties ensuing from the limitations on dialogue and interaction between teams that is still experienced; the understanding of the influences the surrounding environment exerts on the process of degradation, as well as the role played by the building in its community, São Sebastião das Águas Claras (Macacos) – Nova Lima. This project led to a multi-disciplinary proposal aimed at bestowing a significant level of quality to the preservation of all heritage by educational means, through the interaction amongst the preservationist, the restorer and the local community, utilizing the concept of preventative conservation as an additional tool for the awakening of a critical mind, aware both of the need to preserve historical heritage and of the relationship it bears with personal and cultural identity. In this manner, it can be demonstrated that cultural heritage education can also be achieved outside museums and cultural centers, through the promotion of the possibility of a new stance regarding cultural and historical heritage and the establishment of its links with the values given to it by the community, leaving them with the challenge of undertaking and continuing the activities developed therein.

“(...) As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (...) As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. (...)”

(Ítalo Calvino, As Cidades Invisíveis)

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui desenvolvido reflete uma proposta em que o caminho trilhado buscou a interação. Interação entre o autor desta pesquisa (conservador-restaurador) com a comunidade local de São Sebastião das Águas Claras (Macacos) – Nova Lima/MG e outros profissionais, tendo como elemento convergente um projeto de restauração e a aplicação de determinados critérios e procedimentos de conservação preventiva para o desenvolvimento e compreensão sobre o processo de restauração do patrimônio e seu resgate, a fim de torná-lo, em toda sua legitimidade, veículo de revalorização e de reafirmação de uma identidade cultural local.

Para tanto, estabelecemos primeiramente nossos objetivos, pautados na investigação sobre o processo de degradação da edificação estudada – Capela de São Sebastião – e de seus bens móveis e integrados (esculturas e altar-mor); nas informações sobre seu entorno e na aplicação de uma metodologia de análise e diagnóstico do estado de conservação para a compreensão de suas patologias; numa análise dos dados sobre a edificação e seu entorno e suas conseqüências diretas e indiretas às obras; no desenvolvimento de práticas junto à comunidade para o despertar do interesse pela sua própria história, tendo como estímulo inicial a restauração da Capela e suas imagens de devoção; em ações integradoras, mediante compreensão dos objetivos anteriores, para serem repassados de forma compreensível a esta comunidade, convidando-a a ser co-participante de seu processo futuro de conservação e autora de si mesma pelo resgate de sua auto-estima.

Como primeiro passo (Item 1), buscamos o embasamento teórico para dar início à nossa proposta, através de literatura referente à ciência da conservação nos aspectos referentes ao controle ambiental, ao desenvolvimento de estratégias, às normas e

procedimentos para proteger o patrimônio e experiências no campo da educação patrimonial como geradoras de novas posturas no processo de preservação patrimonial.

No Item 2, fazemos o levantamento histórico-geográfico da região de Nova Lima, nela localizando São Sebastião das Águas Claras e sua Capela.

Em seguida (Item 3), damos uma visão geral da Igreja como pessoa jurídica, destacando ainda seus aspectos administrativos, sua subordinação ao Direito Canônico no que se refere aos bens patrimoniais, dentre eles, a Capela de São Sebastião, da qual apresentamos sua rotina e o papel da Prefeitura de Nova Lima na gestão de recursos voltados a ela.

De posse desses dados, analisamos, no Item 4, os aspectos formais e estilísticos da edificação e seus bens integrados, inserindo-os no contexto barroco de Minas Gerais, destacando sua importância histórica e artística que, após restaurada, teve restabelecida sua unidade potencial e a continuidade de sua utilização, em seus 300 anos de história.

Estudando o edifício e seu entorno, no Item 5, abordamos problemas referentes ao gerenciamento e suas implicações na intervenção de um patrimônio e a dificuldade que geralmente ocorre, no estabelecimento de uma conduta de real interação entre os diversos setores vinculados à sua recuperação, justamente pela ausência de uma visão conjunta mais abrangente quanto ao comprometimento com o patrimônio no contexto ao qual ele pertence. Em seguida, procuramos compreender a região em seus aspectos climáticos, estabelecendo as relações entre o edifício, seu entorno e toda a influência dos agentes externos no ambiente interno da Capela.

Realizando a análise das condições do bem em questão, procuramos, no Item 06, baseados em diagnósticos anteriores e em nosso próprio diagnóstico, compreender as patologias recorrentes tentando estabelecer suas possíveis causas, para elaborar, no Item 7, um levantamento dessas patologias recorrentes e formar uma linha de conduta que

levasse a soluções quanto aos problemas detectados, sem prejuízo à edificação e à sua comunidade mantenedora.

Nesse aspecto, no Item 8, fazemos uma reflexão sobre o papel do conservador-restaurador e seu comprometimento profissional e de cidadania quanto à preservação do patrimônio cultural através de ações que extrapolem seu âmbito de trabalho, num exercício de percepção entre proposta e realidade que pudesse estabelecer um elo com a educação patrimonial.

Assim, no Item 9, abordamos os três grupos que interagiram diretamente com o conservador-restaurador: o primeiro formado pelos membros mantenedores da Capela; o segundo, pela escola municipal local e sua equipe e o terceiro formado pelo Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima.

Após toda a abordagem aqui apresentada, discutimos, no Item 10, os resultados das ações empreendidas, chegando à conclusão (Item 11) de que o contexto em que as empreendemos é dinâmico e passível de modificações e que acreditamos não estar o projeto totalmente fechado por ser ele uma abertura para um diálogo mais amplo no que se refere ao patrimônio e à integração de profissionais de áreas diversificadas em seu processo de preservação.

1 ESTADO DA ARTE

A imagem romântica associada à restauração como uma atividade artesanal, onde um artesão munido apenas de sensibilidade e habilidades artísticas poderia “arrumar, consertar e/ou reformar” bens culturais vem sendo ao longo do tempo dissipada, adquirindo um caráter cada vez mais especializado e complexo, apoiando-se em outras ciências do conhecimento e nos avanços tecnológicos, articulando e estruturando as associações sujeito-objeto-contexto e as intervenções propostas com uma postura crítica e uma visão mais abrangente. A conservação e a restauração tomaram novo impulso a partir do século XX, conquistando uma personalidade mais científica e uma postura interdisciplinar.

Neste contexto o conservador-restaurador abandona o empirismo e investe em uma formação cada vez mais especializada e qualificada com amplitude e riqueza cultural e científica, consciente da importância do trabalho interdisciplinar, visando a preservação do patrimônio cultural. Como consequência deste salto qualitativo, o conservador-restaurador volta-se à priorização da conservação preventiva em relação à intervenção direta nos bens culturais. Percebe que não basta somente intervir, mas também aplicar todos os meios possíveis, externos aos objetos, que garantam sua correta conservação e manutenção através da segurança e controle das condições ambientais adequadas à sobrevivência dos objetos. Esta nova postura em relação à Conservação/Restauração vem sendo adquirida, sobretudo graças a organismos internacionais como o ICCROM- International Center for the Study of Cultural Property, ICOM- International Council of Museums, The Getty Conservation Institute, e outros que vêm trabalhando há décadas na difusão de conceitos relativos às questões patrimoniais, sua conservação, além de

orientações específicas quanto a critérios de preservação, conservação/restauração, conservação preventiva e educação patrimonial.

No Brasil, órgãos federais como o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, institutos estaduais – IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, e órgãos municipais de proteção e defesa do patrimônio e associações como a ABRACOR - Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores, atuam em moldes semelhantes aos órgãos internacionais na busca de uma linguagem unificada para a atuação na preservação e defesa do patrimônio, além de fomentar discussões de ordem ética quanto à profissão. Um destes órgãos pioneiros na formação científica especializada do profissional da restauração é o CECOR - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais que ao longo de seus 22 anos de existência, vem oferecendo ao país profissionais especializados e melhor capacitados, além de estabelecer parcerias com os principais órgãos internacionais, promovendo cursos voltados ao fortalecimento da conservação preventiva no país e a estratégias de gerenciamento ambiental. O Laboratório da Ciência da Conservação/LACICOR, vinculado ao CECOR/EBA-UFMG, tem sido de fundamental importância neste salto qualitativo, através da realização de análise e identificação de materiais artísticos/tecnológicos de obras de arte, na implementação da conservação preventiva em museus e galerias em todo o país e na pesquisa direcionada à conservação preventiva. O Mestrado em Artes Visuais da EBA, com concentração na área de Conservação e Restauração, vem corroborar para o fortalecimento desta área investigativa e abrir novos rumos no campo da pesquisa.

Outros dois importantes órgãos no campo da conservação-restauração de bens imóveis são o CECRE – Curso de Especialização em Conservação e Restauração de

Monumentos e Conjuntos Históricos – vinculado ao programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o CECI – Curso de Conservação Integrada Urbana e Territorial, núcleo de pesquisa e treinamento ligado ao Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. O CECRE atua no país desde 1981, através de um convênio entre a UFBA, o IPHAN e a UNESCO na formação de especialistas, capacitando arquitetos, urbanistas e engenheiros civis brasileiros e estrangeiros. O CECI, criado em 1997, promove a conscientização, o ensino e a pesquisa sobre a conservação integrada urbana e territorial dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável, tendo suas atividades direcionadas à comunidade técnica e acadêmica brasileira e internacional.

Em nossa pesquisa abordamos conceitos relativos à Conservação Preventiva e à Educação Patrimonial e nos baseamos em diversas fontes para o seu desenvolvimento. Para iniciarmos as investigações, buscamos informações históricas voltadas à região de nosso estudo, através de uma valiosa pesquisa histórica realizada por Villela (1998), que por meio de fontes primárias, acervos históricos de particulares, relatos orais, arquivos públicos e museus com acervos específicos, reuniu dados importantíssimos sobre a região de Nova Lima e seus distritos. Através de Dossiê de Tombamento (2001 – Departamento de Patrimônio Histórico de Nova Lima) e relatórios de vistoria (1986-IEPHA/MG / 1998 - Engearp) complementamos informações referentes aos aspectos históricos, econômicos e políticos, inclusive dos fatos históricos da fundação da cidade como também informações mais recentes sobre a descaracterização local. Para compreendermos aspectos administrativos, realizamos um levantamento em fontes bibliográficas que nos esclarecessem um pouco mais sobre a Igreja como pessoa jurídica, legislada pelo Direito Canônico, que designa as responsabilidades referentes ao seu patrimônio, em seu intrincado processo hierárquico ao qual uma capela está

submetida. Informações orais da comunidade complementaram e elucidaram alguns pontos ainda obscuros.

Para analisarmos formal e estilisticamente nosso objeto de estudo (Capela de São Sebastião e seus bens integrados) nos pautamos em Bazin (1983), Smith (1962), Bury (1991) e em publicações especializadas nas Revistas Barroco n° 13 (1984/85) e n° 17 (1983/96), que elucidaram dúvidas surgidas nas leituras quanto às primeiras análises formais e estilísticas realizadas sobre o altar-mor, antes de sua restauração. Após a restauração dos bens integrados, houve necessidade de uma nova interpretação, uma vez que os elementos originais encobertos pelas diversas intervenções anteriores emergiram após sua recuperação. Assim, dados importantes foram aclarados, complementando e enriquecendo as informações já existentes, ajudando a ressaltar a importância histórico-artística do conjunto patrimonial no contexto das artes no barroco mineiro.

Para compreendermos o edifício e seu entorno, seu estado de conservação e suas patologias, as fontes pesquisadas foram acessadas através de estudos anteriormente realizados por órgãos acima mencionados, em seus dossiês e relatórios. A partir da reunião dos dados referentes à Capela e todo o seu percurso até o momento de sua revitalização, fundamentamos nossas reflexões e ações a serem empreendidas por conceitos pesquisados por Thompson (1998), que aborda princípios e técnicas relacionados ao controle ambiental e sua aplicabilidade para a redução dos efeitos prejudiciais causados por fatores internos e externos de uma edificação e seu contexto ambiental, com recomendações quanto às condições ideais para sua estabilidade. O curso “*Taller Edifícios de Museos y sus Colecciones*”, realizado pelo The Getty Conservation Institute em 2001 no Cecor/EBA-UFMG (Belo Horizonte) e do qual participamos, lançou-nos a uma nova proposta frente às investigações mais recentes sobre aspectos técnicos e organizacionais para a gestão de conservação preventiva.

Alguns dos textos veiculados no curso, produzidos por especialistas da conservação preventiva (May Cassar, Kathleen Dardes, Michel Henry, Luiz C. Souza, Franciza Toledo, entre outros), abordam o meio ambiente das coleções e dos edifícios que as abrigam, apresentando novas estratégias interdisciplinares, que possam ser aplicadas ao edifício e às suas coleções para sua otimização, e recursos educacionais a serem aplicados em programas de treinamento. Discutem sobre valores de umidade relativa, considerados ideais para a conservação de objetos artísticos e os novos parâmetros que vêm sendo debatidos sobre a estabilidade das coleções e a diversidade climática do planeta e seu comportamento diante do contexto ambiental em que elas se inserem.

Quanto ao edifício histórico, Romo (2001) aborda, com grande clareza, questões relacionadas ao edifício como fator de importante influência ambiental e sua construção por materiais e técnicas tradicionais. O estudo sobre o comportamento dessas edificações e suas vantagens e desvantagens nos forneceram material teórico para a linha de pensamento que procuramos seguir em nossas análises. Paralelamente a esse material, nos deparamos com bibliografias no campo da patologia das edificações. A coleção produzida por especialistas arquitetos no campo da conservação e restauração de edifícios, lançada pelo *Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid* (COAM – 1991), veio elucidar diversas questões referentes à edificação e suas patologias mais frequentes, um campo ainda por nós pouco explorado. Essa coleção aborda estudos sobre patologias construtivas dos edifícios, as tipologias dessas patologias, causas e sintomas, para aplicação de medidas curativas e preventivas. Somando-se a informações tão específicas, Vasconcellos (1979) vem nos elucidar, através de suas pesquisas sobre os sistemas construtivos aplicados na arquitetura brasileira, quanto a dados específicos presentes em nosso objeto de estudo, uma edificação de trezentos anos. Complementando nossa pesquisa, a aplicação do diagnóstico de conservação

desenvolvido pelo The Getty Conservation Institute (1998) auxiliou-nos a ordenar a extensa informação reunida, através da proposta de um levantamento objetivo e completo, que nos auxilia a avaliar toda a edificação e sua complexa rede de interação.

No decorrer da pesquisa, a abordagem no campo da educação patrimonial foi sendo delineada por pensamentos relacionados a autores específicos, que nos possibilitaram reavaliar nossas ações e conceitos durante o trabalho de interação/ensino/aprendizado desenvolvido junto à comunidade. Nossa base inicial para uma proposta de ação educativa se fundamentou em Horta (1999), através de um guia básico que estabelece conceitos e práticas ligados à Educação Patrimonial. Nesse estudo a autora nos orienta por caminhos voltados à exploração e utilização do patrimônio, como fonte direta de compreensão e investigação sobre a história do ambiente estudado e os reflexos desse passado no seu contexto atual. Ao avançarmos na proposta, percebemos estar atuando dentro de uma metodologia, apresentada por Thiollent (2002), como pesquisa-ação: uma metodologia que processa informações e conhecimentos obtidos em situações de interação e gera situações de diálogo entre pesquisador e participantes, procurando o caminho do consenso, para alcançar realizações, ações efetivas e transformações. Outra importante contribuição parte de Minayo (1993), que nos orienta no caminho da pesquisa através da compreensão sobre nosso campo científico e sobre aqueles que o construíram e o constroem, para fundamentarmos questões relativas a nosso processo de investigação.

Nesse aspecto, procuramos em Brandão (1996), através de uma pesquisa realizada entre 1982 e 1986 (Projeto Interação) com o objetivo de documentar uma experiência educacional integrada com as finalidades patrimoniais típicas de preservação de valores comunitários, compreender nossa atuação na comunidade de São Sebastião das Águas Claras, unindo-nos à reflexão gerada pelas experiências desenvolvidas pelo grupo do

autor. Assim chegamos à Maturana (2001), em sua concepção sobre a busca de relações pessoais pautadas no respeito mútuo, visando caminhos que nos proporcionem um melhor e mais saudável convívio social.

A abordagem de todos esses autores, embora apenas Horta (1999), metodologicamente desenvolva um guia voltado à Educação Patrimonial, reflete nosso anseio frente à realidade que encontramos em nossa pesquisa. Houve necessidade de desfocarmos a atenção somente de nosso objeto de estudo, no caso a Capela de São Sebastião, para aplicarmos conceitos mais universais que nos levassem à valorização do meio em que estávamos temporariamente inseridos, tratando ele próprio como Patrimônio em sua totalidade. Assim, após redefinirmos nossas estratégias de ação, nos deparamos com Paulo Freire (2002), que em seu livro *Educação como Prática da Liberdade*, escrito em 1965, no Chile, sobre experiências educacionais realizadas no Brasil, propõe métodos de educação que trabalhem com o universo pessoal do aluno e que o levem ao encontro de uma conscientização que lhe proporcione sua na sociedade em que ele se insere. Uma proposta baseada em diálogo e interação, que devolva ao indivíduo a autonomia sobre si mesmo e uma postura crítica sobre seu mundo.

Todo esse material bibliográfico, somado à interação entre os diversos profissionais especializados que colaboraram com essa investigação, nos inspiraram com relação à diversas ações e reflexões e proporcionaram subsídios para a compreensão dos conceitos aqui estudados, sendo possível suas adequações ou percebendo-os insuficientes frente à realidade encontrada no caminho de amadurecimento dessa pesquisa.

2 HISTÓRICO

2.1 REGIÃO DE NOVA LIMA

O surgimento de São Sebastião das Águas Claras se mescla a tantas outras fundações de cidades e povoados que hoje formam as Minas Gerais. Aventuras, conquistas, lutas, poder, riquezas, extração de minério, glória e sofrimento e a inevitável decadência inundam estas terras de histórias, memórias e bens inestimáveis ou apenas seus espectros. Entre os séculos XVII e XVIII, bandeirantes paulistas chegaram à região de Congonhas, situada entre a Serra do Borba e do Itatiaia, no atual estado de Minas Gerais. Em busca de riquezas minerais, se fixaram em Campos de Congonhas, região que atraiu grande número de garimpeiros. A área repleta de riachos e de grandes riquezas foi exaustivamente explorada por possuir abundância em água, o que era fundamental para a mineração da época, devido ao primitivo processo extrativo por lavagem de aluvião. Em 1720 passou a se denominar Congonhas das Minas de Ouro.

A descoberta de ouro nos cursos d'água do Ribeirão dos Cristais e do Ribeiro do Campo, hoje Ribeirão do Cardoso, proporcionou à bandeira de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme¹ grande êxito, elevando o desbravador ao título de “Coronel da Nobreza da Capitania de São Paulo”, nomeado em 17 de junho de 1720 pelo Conde de Assumar que em carta patente documenta que neste mesmo ano deu à “(...) repartição do guarda-mor Manoel de Borba Gato dous ribeiros que descobriu em que além do

¹ Paulista, nascido em meados do séc XVII e falecido em 1738, é considerado um bandeirante de feitos extraordinários. Personagem desbravador e descobridor de jazidas, galgou ao longo de sua vida vários postos importantes como Sargento-mor, Coronel das Ordenanças, Guarda-mor, Coronel das Ordenanças da Capitania de São Paulo, Coronel da Ordenança da Cidade de São Paulo, Coronel da Nobreza da Capitania de São Paulo, Governador Interino de São Paulo e Provedor dos Quintos. A cidade de Barbacena, segundo pesquisas, foi sua fazenda que se tornou um arraial e posteriormente vila. Sua descoberta da jazida de ouro no Ribeirão do Campo é considerada como a principal causa para o aparecimento do arraial e embrião da hoje cidade de Nova Lima. (VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p. 173)

*rendimento dos quintos em um dele se arrematou a data de S. Magestade em dez libras, e uma quarta de ouro”.*²

Neste período a região colheu os frutos da grande expansão e prosperidade. Porém, quando a exploração aurífera realizada no garimpo das vias naturais foi perdendo sua força, foi necessário implementar serviços mais complexos para a condução de água para novas buscas. Abriram-se regos, açudes foram erguidos e promoveu-se o levantamento de bicames³ para facilitar tal tarefa.

Apesar de tanto esforço, foi impossível evitar o processo de declínio da exploração do ouro, ocorrido na segunda metade do século XVIII. Cada vez mais sua exploração exigia grande ônus e esforços para sua apuração, o que tornava a atividade extremamente cara. Neste processo, o declínio de quase toda região desenvolvida pela extração de minérios tornou-se inevitável. E com isto, a decadência e o abandono da região de Congonhas das Minas de Ouro. Porém, muito embora o ouro não fosse encontrado com grande facilidade e quantidade como em tempos passados, a realidade é que o cobiçado metal ainda poderia ser encontrado, precisando apenas uma melhor exploração através de métodos mais atuais e eficientes, logo, mais onerosos.

Como exemplo temos a mina de Morro Velho, de propriedade da família do Padre Antônio de Freitas e explorada pela primeira vez no ano de 1725, com crescente aumento de produção por implementação de novas tecnologias de extração. Por falta de capital e modernização, a mina foi vendida para o Capitão George Francis Lyon, superintendente da mina de Gongo Soco, que logo após adquiri-la (em torno de 1814) revendeu-a a Saint John d’El Rey Mining Company Limited, companhia inglesa que reergueu não somente a empresa, como também o local.

² Revista do Arquivo Público Mineiro, 1929, p. 342.(apud VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.23-24).

³ A palavra bica vem de bica. São aquedutos suportados por estruturas robustas de madeira com o conduto de mesmo material.

Em 1836 o povoado se tornou distrito de Sabará passando a se chamar Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Congonhas do Sabará, retomando o caminho do desenvolvimento. Richard Burton, citado por Villela (1998), comenta sobre ser o povoado *“muito bem cuidado, com matriz, vários estabelecimentos comerciais, um hospital além da igreja anglicana.”*⁴

No ano de 1850 o comércio de escravos foi suspenso, provocando a vinda de grande número de imigrantes ingleses, espanhóis, portugueses e chineses instalados em Freguesia, gerando nova força de trabalho, em substituição à mão de obra escrava.⁵

Em 1891, pelo decreto estadual nº 361, Freguesia foi elevada à categoria de Vila, passando a ser chamada de Vila Nova de Lima em homenagem a Augusto de Lima, natural do lugar e governador do estado no início do período republicano. Em 1923, com a lei estadual nº 843, passou a se chamar Nova Lima. Quinze anos depois, com o decreto-lei de nº 148, desligou-se de Sabará, tornando-se município.

2.2 REGIÃO DE SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS

Na região em que se encontram o Rio das Velhas e o Rio Paraopeba, existe uma ampla área de solo aurífero e grande número de córregos e riachos, situação ideal para a atividade extrativista do ouro. Neste caminho dourado, rica zona compreendida entre Rio das Pedras, Rio Acima, Santa Rita, Barra dos Ribeirões dos Macacos e Nova Lima, vários arraiais foram sendo formados, sendo o Arraial de São Sebastião dos Macacos o mais importante deles. Este povoado remonta suas origens à primeira metade do século XVIII, segundo o pesquisador Bráulio Carsalade Villela (1998):

⁴ BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.(apud VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.102)

⁵ Relatado no *Dossiê do Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião* pela equipe do Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima: 2001.

“A mais antiga prova documental da existência de Macacos, fomos encontrar na patente de Capitão do Mato a Manoel de Miranda, cuja área de atuação abrangia o distrito de Raposos, Congonhas, Vila Gineta, Macacos e Paraopeba, passada em 28 de maio de 1718, em Vila Rica.”⁶

Outra citação quanto a esta origem é feita por Augusto de Lima (1901) em um de seus artigos:

“Borba Gato, genro de Fernam Dias, em sua segunda viagem às ricas minas do Sabarabuçu⁷, lançou as suas vistas para outros afluentes do Rio das Velhas, cuja exploração se lhe afigurou mais fácil e menos dispendiosa pelo menor volume de águas. Subindo pelo ribeirão dos Macacos, depois denominado - Fernam Paes -, foi até o córrego que recebeu o seu nome”⁸.

A origem do arraial está, portanto, baseada na formação de uma fluente rota de uso, como paragem obrigatória para os usuários da Estrada Geral. Considerado o mais importante arraial da região, seu desenvolvimento ocorre impulsionado pela extração do ouro e pelo comércio que chegava pela estrada por onde circulavam as mercadorias trazidas pelas tropas para abastecimento dos mineradores.

Como mencionado anteriormente, a região possuía as condições ideais para a atividade extrativista do ouro. Quatro córregos – das Taquaras, Fundo, Tamanduá e Marumbé – convergiam suas águas para o Ribeirão dos Macacos, atraindo e concentrando no local grande número de mineradores com suas necessidades de sobrevivência, consumo e abastecimento (FIG.01).

⁶ VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.102.

⁷ Os Sertões de Sabarabuçu, sem contornos definidos, partiam dos sertões de Taubaté e atravessavam a zona mineradora e se estendiam até o descoberto das esmeraldas de Marcos de Azeredo. (VILLELA, 1998, p.98).

⁸ LIMA, Jr. Augusto de. *Um Município de Ouro*. In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Bello Horizonte, Imprensa Oficial, Anno VI, 1901, pág.322.

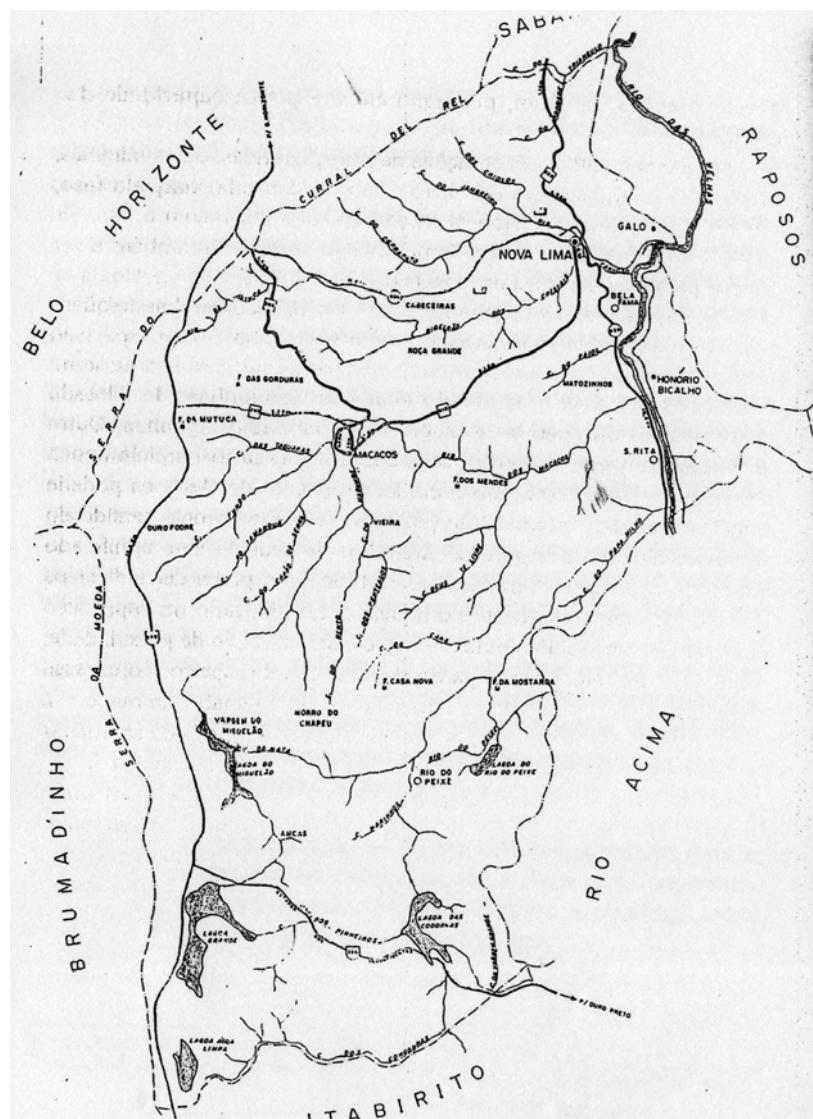


FIGURA 01 – Mapa da Região de São Sebastião das Águas Claras (FONTE: VILLELA, 1998, p. 38)

As tropas que forneciam as mercadorias, por sua vez, necessitavam de um local para descanso e trato de seus animais. E o local lhes dava esta condição de pouso, gerando um pequeno foco urbano, princípio de comunidade, tão comum nas Minas Gerais do século XVIII. O pesquisador José Alípio, citado por Villela (1998) observa:

“Tão logo organizado o tráfego de tropas de muares evidenciou-se a necessidade de serem levantadas aqui e acolá, rústicas palhoças, simples coberturas de palha sobre paus-a-pique, sem paredes, para abrigo das cargas e dos homens ao fim das jornadas diárias. Era o pouso.”⁹

Esses “pousos” acabavam por provocar o surgimento, em seu entorno, de um grupo de pessoas que erguiam suas construções simples para moradia, criando uma cultura de subsistência através da agricultura, criação de animais e contatos de negócios com os tropeiros e mineradores, trazendo ao local uma certa prosperidade e estabelecendo pequenos comércios, criando um dinamismo local provocando o nascimento de um povoado.

São Sebastião das Águas Claras (ou Macacos, como é popularmente denominado) se formou nesse contexto e já em 1740 constava como arraial no censo populacional da Vila de Sabará.¹⁰ As primeiras datas¹¹ minerais foram concedidas no período de 1765 a 1798,¹² com duração até meados do XIX, tendo em 1837 uma população de 255 pessoas aproximadamente, segundo informações cedidas pelo Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima.

Porém, como em toda região mineradora, a atividade extrativista do ouro foi-se tornando mais difícil pela escassez e dificuldades em se obter o metal. Este fato proporcionou o declínio e estagnação econômica do local, fato comum em outros povoados mineiros.

⁹ ALÍPIO José. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Estabelecimentos Gráficos Borsoi Ltda, 1961, p. 129. (apud VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p.105).

¹⁰ LIMA JR, Augusto de. *As primeiras Vilas do Ouro*. Belo Horizonte: edição do autor, 1962, p. 94 (apud Dossiê *Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião-Distrito de São Sebastião das Águas Claras*, Nova Lima: 2001).

¹¹ “data-⁸ Gar. Jazida de ouro ou de pedras preciosas. ⁹Hist. no Brasil colonial, divisão das minas de ouro entre o descobridor e os mineiros.” Instituto Antonio Houaiss. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Objetiva, 2001, p. 911.

¹² LIMA JR. Augusto. *Um Município de Ouro: memória histórica*. In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, Anno VI, 1901, p 322. (apud Dossiê *Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião-Distrito de São Sebastião das Águas Claras*, Nova Lima: 2001).

Um longo tempo de esquecimento e ostracismo contribuiu, de certo modo, na proteção da região e do arraial, que pela estagnação mantiveram suas características construtivas quase totalmente inalteradas, preservando sua conformação urbana original. Porém, nas últimas décadas do século XX, com a sua “redescoberta”, esse perfil começou a mudar radicalmente devido à intensa e desordenada atividade turística, atraída principalmente por seus importantes e atrativos recursos naturais e por estar próximo a Belo Horizonte. Muito embora esta expansão tenha sido inicialmente benéfica às comunidades, por abrir novas possibilidades de crescimento econômico através do comércio, da criação de novas frentes de trabalho e prestação de serviços, esse mesmo desenvolvimento, que se deu de forma absolutamente desordenada, caótica e excludente, trouxe grandes problemas de diversas ordens ao local.

O distrito hoje vive sob uma imensa e complexa rede de interesses, que gera tensões entre os vários grupos sociais que formam a comunidade de São Sebastião das Águas Claras: a comunidade nativa do arraial, os sitiantes flutuantes, os comerciantes dos estabelecimentos turísticos (bares, pousadas, restaurantes), além dos especuladores imobiliários, turistas e empresas mineradoras e exploradoras da região. Grande parte da tensão é gerada pela falta de uma política mais objetiva e efetiva da Prefeitura de Nova Lima quanto aos problemas que atingem o distrito e por uma maior consciência da comunidade local quanto ao seu papel nesse processo. A comunidade hoje se encontra sufocada por diversos segmentos de uma sociedade pouco compromissada com o espaço que usufrui (FIG. 02 e 03).



FIGURA 02 – Núcleo da cidade num fim de semana



FIGURA 03 – Centro urbano com única via de acesso congestionada

Para reforçar esse ambiente caótico, o município não dispõe de verba suficiente para viabilizar ações que protejam seu patrimônio ou projetos de educação visando a fortalecer a comunidade local para lidar com a nova realidade, sem perder sua identidade cultural.¹³ Somando-se a estas carências, segue-se uma falta de planejamento urbano que acaba por promover uma progressiva descaracterização da região e do arraial, algumas já irreversíveis. Outro fator a ser levado em consideração é a especulação imobiliária que vem comercializando novos loteamentos e condomínios que incham o local, causando sérios problemas relacionados à distribuição de água. Já na década de 80, o IEPHA-MG, em relatório realizado com a finalidade de analisar o pedido de tombamento municipal da Capela de São Sebastião, referiu-se sobre a questão da rápida descaracterização

¹³ Em 2002 foi fundado o Projeto Kairós que tem por objetivo promover ações integradas entre a comunidade de Macacos, a Prefeitura de Nova Lima, as associações e Ongs existentes na região e os diversos agentes que participam da realidade do distrito, somando ações voltadas à formação educacional e profissional, desenvolvimento planejado, geração de renda, planos de gestão do patrimônio, incentivos a ações contínuas e significativas na região para serem disponibilizadas à comunidade, além de projetos culturais que busquem o resgate cultural e revalorização do morador da cidade.

local.¹⁴ A mesma preocupação foi registrada no Dossiê do Processo de Tombamento realizado em 2001. Como é possível se perceber, o processo de descaracterização já vem se arrastando há tempos, sem que, contudo, haja uma ação efetiva para se reverter este quadro.

Hoje, para se conhecer o passado urbano do arraial, é necessário se recorrer àqueles que preservaram antigos registros fotográficos da época ou aos que guardam ainda na memória as imagens, contos e “causos” desse passado perdido. O distrito perdeu suas edificações originais, restando apenas pouquíssimos exemplares do passado do arraial, presentes em raríssimas casas espalhadas pela cidade e por seu principal marco histórico – a Capela de São Sebastião – que, em sua singeleza e despojamento, tornou-se, com o seu amplo adro, o respiradouro de uma cidade sufocada, símbolo de uma resistência surda ao caos imposto por uma sociedade aparentemente ignorante do que seja preservação, patrimônio e identidade cultural.

¹⁴ Relatório de vistoria realizado em 1986 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. Belo Horizonte: Arquivos do IEPHA-MG.

2.3 CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO

Nesse caótico cenário urbano, encontra-se a Capela de São Sebastião (FIG. 04), localizada na praça do mesmo nome, centro vital do pequeno distrito de São Sebastião das Águas Claras.



FIGURA 04 – Capela de São Sebastião

É considerada a “*edificação de melhor porte e valor cultural e religioso*”.¹⁵ A data de sua edificação se localiza na segunda metade do século XVIII, em substituição ao primeiro templo erguido no período da fundação da localidade, pelos mineradores, no início do mesmo século. Sobre o primeiro templo existem pouquíssimas informações.

¹⁵ Relatório de vistoria realizado em 1986 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. Belo Horizonte: Arquivos do IEPHA-MG.

Depois de escolhido o seu lugar, a população local, basicamente formada por mineradores, comerciantes e circunvizinhos, desejaria um templo que pudesse abrigar os ofícios e festas religiosas:

“(...) a princípio, nas povoações primeiras, unem-se os indivíduos em torno de uma única capela, de construção precária, núcleo de povoação nascente e ponto de referência do lugar. Nesta capela se reúne o povo em suas festas e aperturas, para deliberar e alegrar-se, povo ainda todo irmão, sem diferenciações maiores, igualmente esperançoso e homogêneo (sic)”¹⁶

Possivelmente esta primeira edificação tenha sido erguida como tantas outras da época, em pequenas proporções, em pau-a-pique, com cobertura de capim circundada por taquaras ou paus. O altar seguiria os mesmos moldes de simplicidade, feito de madeira retangular rústica sobre piso de terra batida. Possuiria um cômodo apenas que abrigaria a nave central e um altar simples com o santo padroeiro de grande devoção daqueles que ergueram o templo.

“As primeiras construções feitas com materiais mais estáveis (pedra e cal) datam da segunda metade do séc XVI; elas substituíram as primeiras igrejas, chamadas igrejas de palha, feitas com barro e cobertura vegetal pelos primeiros colonizadores e obedecem a uma planta simples, de forma retangular. Tem ao fundo um retângulo menor para o altar e ao lado um pequeno quarto que serve de sacristia.”¹⁷

Não existem comprovações documentais sobre sua localização, porém, segundo relatos orais de membros mais antigos da comunidade de Macacos, sua localização seria bem distante do núcleo principal do distrito. O local é conhecido como “Capela Velha”, onde hoje existe um bairro com o mesmo nome e que possuiria antigas ruínas da

¹⁶ VASCONCELLOS, Sylvio de. *A Arquitetura Colonial Mineira*. In: I Seminário de Estudos Mineiros, Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1957, p. 68 (apud *Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião-Distrito de São Sebastião das Águas Claras*, Nova Lima: 2001).

¹⁷ CAMPAGLIA, G. Oscar Oswald. *Igrejas do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1958, p. 09.

primeira edificação¹⁸. Villela (1998) faz uma referência sobre sua possível localização em suas pesquisas sobre Nova Lima:

*“(...) Em 23 de julho de 1783, obtiveram datas minerais na situação da Capela Velha o Alferes Manoel de Souza Rabelo, João Manoel Lucas e Fausto Pinto Tinoco. Na delimitação da data de Faustino Pinto Tinoco ele é citado como morador do arraial. Na data supra a capela primitiva já havia desaparecido.”*¹⁹

Com a organização do povoado, o fluxo de aventureiros e a abundância de ouro na região, houve a necessidade de se erigir um novo templo, mais estável e de melhor porte. Esse templo abrigaria a celebração do ritual litúrgico e atenderia à comunidade basicamente constituída por fiéis mineradores, pequenos agricultores e escravos.

É provável que a atual capela tenha sido construída na segunda metade do século XVIII, em adobe, com portas e janelas em madeira e cobertura de telhas. Documentos comprovam que já em 1801 a capela passou por reformas: *“(...) despeza que eu Manoel de Ab. Alz. Fez com a capella de São Sebastião de Macacos”*.²⁰

Presume-se que, ao longo do século XIX, a capela tenha passado por diversas pequenas intervenções sem, contudo, modificar suas características originais. Porém, já no século XX suas feições originais foram sofrendo alterações, como o aumento da sacristia, a remoção dos pisos e forros originais e a construção de um anexo ao fundo. Suas características externas também passaram por alterações, com a destruição do antigo cemitério (por volta da década de 30, segundo informações orais da comunidade).

¹⁸ Registro oral de moradores da comunidade. Tentamos localizar estas ruínas através de incursões aos possíveis locais, mas as informações divergiam e não conseguimos registro realmente convincente.

¹⁹ VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998, p. 106.

²⁰ Documento constante do processo movido pela Cúria Metropolitana de Belo Horizonte para legitimação de posse do patrimônio territorial da Capela (apud *Dossiê do Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião*. Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima: 2001).

O mesmo processo de intervenção ocorreu com os bens móveis e integrados da capela. Seu acervo de maior valor histórico consta de um altar-mor, dedicado a São Sebastião e um conjunto de cinco imagens em madeira dourada e policromada – São Sebastião, Santo Antônio, São Brás, São Gonçalo e Santana Mestra.²¹



FIGURA 05 – Bens móveis e integrados da Capela de São Sebastião (antes da restauração)

²¹ As origens das imagens ainda não são conhecidas. Segundo informações orais repassadas pelos membros atuantes na capela, a imagem de Santana Mestra foi encontrada enterrada sob seu piso e resgatada posteriormente em uma das intervenções realizadas no local.

3 ASPECTOS ADMINISTRATIVOS: UMA VISÃO GERAL DA IGREJA COMO PESSOA JURÍDICA E A CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO EM SUA ROTINA

A elaboração de um projeto de conservação e restauração de um bem cultural deve ser realizada sempre sob assessoria de conservadores-restauradores especialistas²² e equipe interdisciplinar. Esses projetos normalmente são submetidos às normas e legislações vigentes no âmbito nacional, estadual ou municipal além de se orientarem quanto às questões éticas, determinadas por documentos nacionais e internacionais,²³ que tentam estabelecer diretrizes quanto à atuação na preservação de bens culturais.

O acesso às leis, normas e procedimentos relativos ao patrimônio pode ser conseguido através de literatura específica, órgãos diretamente ligados ao patrimônio, universidades, prefeituras, secretarias e departamentos de patrimônio, sites específicos, etc. Porém, quanto às normas relacionadas à Igreja, já não existe tal facilidade, embora existam regras comuns a serem observadas por seus administradores. Quando se trata de uma intervenção em um bem tombado pertencente à Igreja, há uma complexidade maior no acesso às regras aplicadas às dioceses, paróquias ou capelas. O Código Canônico, legislação específica do Vaticano, orienta as Mitras, Paróquias e Capelas, mas a realidade nos mostra que muitas paróquias estão subordinadas a adequações destas leis ou simplesmente à total ignorância das mesmas, dependendo de sua administração. Tais

²² Especialistas na área de bens imóveis – Arquiteto-restaurador, ou na área de bens móveis e integrados – conservador-restaurador.

²³ São documentos que tentam ir além de estabelecimento de normas e procedimentos, criando e circunscrevendo conceitos globais e locais. Esses documentos são de interesse às pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente, lidam com o patrimônio: de órgãos governamentais, proprietários de edificações históricas, conservadores-restauradores, arquitetos especializados e não especializados em patrimônio até curiosos e apreciadores leigos. No ano de 2000, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN lançou uma 2ª edição revisada e ampliada das Cartas Patrimoniais tendo como um dos seus objetivos divulgar o pensamento de diversos especialistas e órgãos nacionais e internacionais sobre a preservação de patrimônios culturais. (Cartas Patrimoniais. 2ª ed. rev. aum. Organizadora: Isabelle Cury. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000).

órgãos são administrados quase sempre por párocos de boa vontade, bem informados, mas com relativa autonomia; mal informados e com pouca ou nenhuma autonomia; rara ou nenhuma boa vontade, pouco informados ou totalmente desinteressados sobre as questões legais que envolvem assuntos referentes ao Patrimônio Histórico-Artístico que administram. Junto a eles, membros da comunidade, empregados ou voluntários, treinados apenas para atenderem setores específicos da paróquia e totalmente alheios ao patrimônio que os envolve e suas intrincadas questões.

Tanto para o restaurador quanto para a equipe técnico-administrativa atuante no processo de intervenção de um bem patrimonial tombado, é de suma importância o conhecimento das normas não somente religiosas, como também jurídico-administrativas que envolvem o patrimônio, para que sua atuação ocorra dentro de parâmetros seguros e em consonância com as leis.

Não é raro ocorrerem conflitos de toda ordem entre os vários setores envolvidos na intervenção de um patrimônio. Para que se possa evitar, amenizar ou enfrentar esses conflitos com maior propriedade, baseado em posturas éticas e legais, faz-se necessário o conhecimento das normas jurídico-administrativas de uma Igreja, enquanto entidade jurídica, e das leis de tombamento municipais, estaduais e/ou federais, visando estabelecer um diálogo que proporcione e beneficie a preservação do patrimônio em questão.

3.1 A CAPELA E SUA VINCULAÇÃO

A Capela da São Sebastião, dentro da organização eclesiástica, pertence à freguesia²⁴ de Santo Antônio, em Nova Lima/MG. É possível que anteriormente ela estivesse vinculada à Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Congonhas.

Já em fins do séc. XVIII, Congonhas do Sabará, Rio das Pedras, Rio Acima, Sabará e Arraial Velho estavam ligadas à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Raposos. No final de 1695 várias paróquias de Direito Diocesano foram criadas sem, no entanto, receberem do governo qualquer subsídio para manutenção de seus párocos.²⁵ Em 1718 foram instituídas pelo governo as primeiras oito paróquias em Minas. Posteriormente outras foram criadas, sem a inclusão da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas, por já existirem próximo a ela outras freguesias como a de Nossa Senhora da Conceição de Sabará e a de Raposos. Somente em 1752 lhe foi concedida a posição de paróquia colativa.²⁶ Porém, oitenta anos depois, através de promulgação do Decreto Regencial, alguns curatos foram elevados à categoria de paróquias e algumas paróquias rebaixadas a curatos. Dentre elas a de Nossa Senhora do Pilar que novamente foi anexada à de Raposos. Este rebaixamento provocou grande revolta e indignação em seus fiéis, causando um forte movimento contrário a essa situação, mas sem a possibilidade de se reverter tal quadro.

Em 1833 a região, em processo de decadência, recebeu um novo sopro de progresso e dinamismo com a chegada dos ingleses e a implantação da Companhia do Morro

²⁴ Freguesia, sob o aspecto eclesiástico, significa povoação, conjunto dos paroquianos.

²⁵ Villela (1998) esclarece que o titular paroquial recebia o nome de vigário. A denominação “*pároco*” era reservada àqueles de paróquias coladas subsidiadas pela coroa.

²⁶ Paróquia colativa é uma divisão territorial de uma diocese sob a jurisdição ordinária de um sacerdote e que recebeu uma nomeação para benefício eclesiástico.

Velho. Com isso, três anos depois, ocorreu a independência das paróquias de Nossa Senhora do Pilar e a de Nossa Senhora da Conceição de Raposos.

As Irmandades ou confrarias congregadas à Freguesia de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas eram as do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Pilar, das Almas, do Rosário e de São Sebastião, sendo esta última considerada bem antiga. Villela (1998) cita o registro, no testamento de *Manoel Ribeiro Marinho*,²⁷ da doação de uma quantia de ouro a esta irmandade para auxiliar no douramento do retábulo e que ainda era devedor de ouro aos irmãos desta. Segundo o autor, não é possível determinar a situação da congregação de São Sebastião, mas existe uma suposição de que ela se localizaria no Arraial de São Sebastião das Águas Claras, incorporada à igreja de mesmo nome.

3.2 ASPECTOS ADMINISTRATIVOS

Na atualidade, como citado anteriormente, a Capela de São Sebastião pertence à freguesia de Santo Antônio, sendo administrada localmente por um conselho composto por membros da comunidade local e de Nova Lima. São eles que, em parte, têm o poder de decisão sobre qualquer ação a ser desenvolvida na Capela. Os membros da comunidade local realizam ali periodicamente seus cultos e são os responsáveis diretos pela manutenção e segurança da mesma. Porém, para qualquer modificação estrutural deste bem tombado que afete a estética ou a historicidade do mesmo, são necessárias análises prévias e aprovação do Departamento de Patrimônio de Nova Lima, através de seu Conselho Consultivo.

²⁷ Natural da Freguesia de S. Romão de Mouras, Bispado do Porto, era pessoa de grande influência chegando a ser Provedor da Fazenda Real. Estava ligado ao comércio e às atividades mineradoras do Distrito de Macacos. (VILLELA, op cit., p.76).

A Capela tem um pároco responsável por sua administração, apoiado por um conselho²⁸ composto por sete membros da comunidade de Macacos e três membros ligados à Matriz de Santo Antônio, em Nova Lima. Por um certo período, a capela foi assistida por membros da paróquia de Nova Lima, que realizavam os cultos dominicais,²⁹ devido à falta de párocos que pudessem atender a toda a região.

Os recursos financeiros que cobrem as despesas da Capela são obtidos pela comunidade católica local através de coleta de doações, promoções de leilões e festas. As despesas incluem o pagamento com gastos de energia, consumo de água (extremamente escassa na região), pagamento ao padre por cada missa celebrada, compra de material para manutenção e pequenos reparos no edifício.

As Dioceses e Paróquias estão subordinadas às leis vigentes no país e leis específicas determinadas pelo Vaticano através do Código Canônico. Existem normas contábeis e jurídico-administrativas que regem as ações destas, com suas especificidades regionais³⁰: a *Mitra* é a entidade juridicamente constituída e composta por uma matriz (Mitra ou Cúria) e filiais; a *Paróquia*, filial da Mitra (como personalidade jurídica), deve manter sua contabilidade dentro de princípios e normas estabelecidas pela Matriz; a *Capela* é uma extensão da Paróquia e assume características de filial da mesma.

As Igrejas, Arquidioceses e Paróquias, em sua situação jurídico-administrativa, possuem personalidade jurídica por decreto, não estando obrigadas a apresentarem estatutos com registro em ofício público. Considera-se desnecessário e desaconselhável que a Mitra Diocesana possua estatuto registrado, como pessoa jurídica de direito

²⁸ O conselho atual foi nomeado pelo atual pároco da capela, Padre João Maria Viane, em dezembro de 2002, durante a missa dominical, após a restauração da Capela de São Sebastião em outubro do mesmo ano.

²⁹ Informações obtidas junto a membros da comunidade católica de São Sebastião das Águas Claras.

³⁰ *Administração Diocesana e Paroquial*. Porto Alegre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Regional Sul 3, 1976.

privado. É assegurada a ela, igualmente, absoluta imunidade de impostos federais, estaduais e municipais na promoção de culto. A lei abrange os templos e suas pertenças, bem como as casas e salões paroquiais que são isentos de impostos prediais. Para o reconhecimento desta imunidade, porém, há a exigência de um atestado de fins filantrópicos, concedido por órgãos federais e condicionado à declaração de *Utilidade Pública Federal*. Estes benefícios são concedidos às Dioceses e Paróquias em reconhecimento às obras de promoção social realizadas por ela. Na ordem do Direito Público Civil, a diocese é considerada pessoa jurídica independente de registro civil.³¹ A personalidade jurídica das igrejas particulares, de direito e fato, é a Mitra. Esta e a paróquia são consideradas uma só pessoa jurídica, com características de descentralização administrativa, gozando de relativa autonomia, porém subordinadas às leis econômicas, diocesanas e civis.

A Mitra, a Paróquia e a Capela estão subordinadas a uma série de obrigações contábeis. Através do conhecimento destas obrigações é possível compreender a dimensão dos problemas relacionados à gestão das mesmas.

A Mitra como personalidade jurídica responde juridicamente pela sede e pelas filiais. Soma-se a estas obrigações a incorporação dos balanços das filiais, extraindo o balanço geral. Deve declarar imposto de renda e manter atualizados os registros e documentos da entidade, além de cumprir (e fazer suas filiais cumprirem) todas as obrigações que lhe são próprias ou adquiridas, organizar cientificamente seus arquivos, manter um sistema de controle e coordenação de suas operações, bem como das filiais, zelar pelo cumprimento de seus objetivos e princípios e por seu Patrimônio. A Mitra é considerada:

³¹ Decreto nº 119 A, art. 5, de 07/01/ 1890. *Administração Diocesana e Paroquial*. Porto Alegre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Regional Sul 3, 1976.

- a. Pessoa jurídica de direito público;
- b. Imune de quaisquer tributos federais;³²
- c. Entidade filantrópica de utilidade pública.

A Paróquia tem por direito gozar de todas as isenções federais e estaduais que são concedidas à Mitra, mas fica obrigada a manter um livro caixa para registro de toda sua movimentação financeira, além do controle dos livros-caixa das capelas. Deve possuir um sistema de arquivamento capaz de identificar a situação de cada capela, com sua respectiva documentação, zelando pelas obrigações sociais quanto à contratação de empregados, mantendo arquivados documentos relacionados à rotina trabalhista. Deve remeter à contabilidade central da Mitra, anualmente, a relação de seus rendimentos. Como filial da Mitra, não declara a renda isoladamente, sendo de obrigação da Mitra esta declaração.

Já a Capela não deve ter sua contabilidade em separado, devendo estar agrupada à paróquia e manter um livro *caixa auxiliar* para registros de entradas e saídas de numerários. Seus empregados são considerados como da paróquia, e o pároco é o responsável pelo cumprimento dos encargos sociais referentes à contratação dos mesmos. Deve ter seus bens, direitos e obrigações contraídos sob responsabilidade do pároco, que tem por dever supervisionar e decidir sobre qualquer transação efetuada na Capela.

Os sacerdotes vinculados à Paróquia – párocos, vigários e capelães em exercício do ministério sacerdotal – são inscritos como *facultativos* nos órgãos trabalhistas e nunca como empregados da Paróquia ou da Mitra, etc., pois segundo o Código de Direito Canônico, os ministros sacros não recebem salários, honorários ou gratificações das

³² Const. Fed. 1969, art. III, “b”. Regional Sul 3. *Administração Diocesana e Paroquial*. Porto Alegre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, 1976.

paróquias e capelanias. Assim ficam desprovidos de qualquer vínculo empregatício. A remuneração mensal é realizada como ajuda de custo ou taxas de manutenção, registrada em livro-caixa.³³

Existem algumas normas para a administração paroquial, vigentes numa arquidiocese. O pároco é considerado o administrador da paróquia – *ex officio* – e deve prestar contas ao bispo local.³⁴ Necessita para esta função de um “*Conselho de Fábrica*” ou equipe de finanças e deve administrar os bens temporais da Igreja de forma exemplar, não permitindo que nada se perca, observando as prescrições da legítima autoridade, estando atento aos rendimentos e os administrando devidamente. Algumas normas de governo, repassadas por decretos de arcebispados e por legítimos costumes são entregues aos párocos como orientação durante a vigência de seus mandatos. Eis algumas delas:

- somente o bispo local tem poderes próprios para compra e venda de imóveis a serviço das paróquias. Poderão ser substabelecidos por procuração, normalmente aos párocos;
- bens preciosos e imóveis somente poderão ser alienados, segundo prescrição do cânon 1530, § 1º, quando avaliados por peritos, por causa justa ou por licença do superior legítimo, sem a qual é inválida a alienação. Apenas o bispo diocesano pode autorizar a alienação. O cânon 1947 § 2 classifica como “*preciosos*” os bens que “*têm um valor notável por razão da arte ou da história ou da matéria*” desses objetos. É prescrito pelo cânon 534 que não se podem validamente alienar “*objetos preciosos*” sem a licença do superior, por escrito;

³³ No caso da Capela de São Sebastião, o pároco responsável ou substituto recebe uma quantia mensal pelas missas realizadas, acordada entre ele e a comunidade religiosa.

³⁴ Código de Direito Canônico. 1181, § 2 e §3. Regional Sul 3. *Administração Diocesana e Paroquial*. Porto Alegre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, 1976.

- todos os rendimentos das capelas devem passar pelas mãos dos párocos que, após descontar as percentagens e coletas devidas à Cúria e de haver disposto da quantia necessária para o culto da respectiva capela, entregarão o balancete (não o dinheiro) ao tesoureiro para o lançamento no Livro-caixa;³⁵

Além das normas vigentes, algumas recomendações práticas são repassadas às paróquias, com variações de acordo com a Arquidiocese que as delibera:

- não contratar empregados sem observar as leis trabalhistas vigentes;
- não instalar casais ou famílias na casa paroquial sem prévio contrato de locação, por escrito;
- exigir prestação de contas dos festeiros, assim que findas as festas;
- não emprestar nem aos melhores paroquianos o dinheiro da paróquia;
- não contrair, jamais, empréstimos com juros ilegais;
- antes de realizar investimentos, consultar o Conselho Paroquial e a Procuradoria da Mitra;
- organizar assessoramento técnico para trazer a escrita e a contabilidade em dia, exata e legal, invulnerável à Fiscalização;
- ter as escrituras e registros de todos os imóveis da sua paróquia, encaminhando cópias ao Arquivo da Mitra;
- antes que desapareçam, confiar à Cúria a custódia de imagens históricas e outros bens preciosos da paróquia.

³⁵ Circular de 03 de abril de 1961, cf. UNITAS 1961, p. 103. Informação constante na publicação do CNBB – 1976, pág. 78.

No que tange aos bens patrimoniais da Igreja, a doutrina que consagra o Cânon 1.499, § 2 declara: “*O domínio dos bens temporais eclesiásticos, sob a autoridade da Santa Sé, pertence à entidade canônica que legalmente os adquiriu*”.³⁶ Na interpretação do Prof. Ruy Cirne Lima, citado por Gervásio da Luz em publicação do CNBB (1976),³⁷

“(...) o SUJEITO deste direito não é outro senão o ESTABELECIMENTO ou o CORPO – isto é, a pessoa moral, em cujo patrimônio entraram, por uma via legítima, os bens de que se trata. Mantendo o ALTUM DOMINIUM que compete à Santa Sé, ao Soberano Pontífice, em virtude de sua autoridade suprema, sobre o conjunto do patrimônio eclesiástico e que lhe permitirá tomar, no interesse do bem geral, tais disposições que julgar úteis, ele proclama que cada pessoa moral é, real e exclusivamente, proprietária dos bens que ela possui.”

ou seja, estabelece que àquela pessoa moral pertencem os bens eclesiásticos por ela tiver legalmente adquirido. Porém, nas leis civis brasileiras é reconhecido que somente as Dioceses ou Mitras possuem personalidade jurídica e que apesar dos bens materiais pertencerem eclesiasticamente a pessoas morais diversas, como as paróquias, todos os bens eclesiásticos situados na jurisdição territorial de uma Diocese ou Arquidiocese pertencem à respectiva Mitra, uma vez que o verdadeiro titular não possui personalidade civil frente ao direito pátrio.

Os bens eclesiásticos não são considerados pertencentes ao Papa, tendo ele apenas a direção suprema sobre tais. De acordo com o Direito Canônico, principalmente o de nº 1499 e seguintes, são considerados estes bens inviolavelmente daquela pessoa moral para a qual foram adquiridos ou à qual foram dados ou doados. Segundo os Cânones

³⁶ “*Dominium bonorum, sub suprema auctoritate Sedis Apostolicae ad eam pertinet moralem personam, quae eadem bona legitima adquisierit*” (Cânon 1.499, § 2). *Administração Diocesana e Paroquial*. Porto Alegre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, Regional Sul 3. 1976.

³⁷ CNBB - 1976, p. 73.

493, 494 e 1.499, os bens e rendas da Mitra devem obrigatoriamente ser aplicados nos fins específicos institucionais de cada pessoa moral eclesiástica dentro da própria Diocese ou Arquidiocese, que são de âmbito nacional. Logo estes bens ou rendas das Dioceses ou de outras instituições da Igreja são integralmente aplicados para fins institucionais, dentro do país. Por outro lado, estas instituições religiosas, educacionais ou assistenciais têm por regra não distribuir qualquer parcela referente ao seu patrimônio, sendo seus serviços diretamente relacionados aos objetivos de sua instituição, satisfazendo todas as instituições da Igreja os requisitos para o reconhecimento da imunidade tributária.³⁸

3.3 A IGREJA E OS BENS PATRIMONIAIS

A preocupação da Igreja em proteger seu patrimônio e designar diretrizes ao seu clero quanto a este tema sempre esteve presente. O Código Canônico possui leis específicas que devem ser observadas e cumpridas por todo o seu corpo religioso. O Episcopado Mineiro expressou esta preocupação em uma de suas Cartas Pastorais³⁹ (ANEXO I), editada em 1926 e dirigida ao clero e aos fiéis das dioceses. O tema abordado é o Patrimônio Artístico e a responsabilidade da Igreja Católica quanto à salvaguarda de seu patrimônio. O texto começa com referências históricas sobre a relação da Igreja com seus bens patrimoniais desde o início do Cristianismo até a data da carta. São analisadas as atitudes de diversos papas, ao longo da história, na proteção do patrimônio da igreja e a enorme responsabilidade de seus representantes diante deste

³⁸ Imunidade tributária “Direito Tributário – privilégio concedido por lei a certas instituições para que delas não sejam cobrados impostos de nenhuma espécie”. Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1587.

³⁹ Carta Pastoral do Episcopado Mineiro ao clero e aos fiéis de suas dioceses sobre o Patrimônio Artístico. Bello Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1926.

compromisso; o código canônico e suas leis; a importância desses bens como testemunhos históricos, sociais, enfim, registro de memória mundial e compreensão da mesma através desses e as recomendações dirigidas aos párocos, reitores de igrejas, confrarias, irmandades, associações, todos os administradores dos bens eclesiásticos e sobre tudo o que é confiado à sua guarda. A Carta Pastoral do Episcopado Mineiro é assinada por 14 bispos e arcebispos de Minas Gerais e outras regiões.⁴⁰

O texto aborda recomendações quanto ao cuidado, zelo e carinho dos párocos para com os bens artísticos. Demonstra também sua preocupação em se inventariar os bens existentes na igreja e a constante edição de leis que protejam seu patrimônio. Ainda se referem a uma citação de nº 879 do Concílio Plenário da América Latina, onde os Arcebispos e Bispos Brasileiros, no ano de 1915 determinaram, no nº 795:

“Sem audiencia Nossa e licença por escripto é prohibido aos Parochos e mais reitores da egrejas e capellas ... deslocar ou substituir altares artísticos; inutilizar ou modificar paramentos antigos e tradicionaes; modificar, reformar ou alterar quaesquer vasos, alfaias ou objectos de arte, e, em geral, tudo aquillo que, por antiguidade ou tradição, se deve conservar.” (Carta Pastoral, 1926, p. 14)

Quanto às intervenções na edificação, esse mesmo concílio determina que somente o Bispo pode deliberar quanto à ampliação ou restauração de igrejas já construídas, e que os *“...Parochos e outros sacerdotes se applicuem com diligencia a adquirir o conhecimento dos princípios da archeologia sacra, arte chirstã, jurisprudência canonica, para que na obra assas difficil de edificar e restaurar egrejas não caiam em não leves erros e defeitos. (sic)”*.(Carta Pastoral, 1926, p. 14)

⁴⁰ +Joaquim, Arcebispo de Diamantina; +Helmécio, Arcebispo de Mariana; +Antonio, Arcebispo de Belo Horizonte; +João, Bispo de Montes Claros; +João, Bispo de Campanha; +Frei Domingos, O.P. Bispo de Porto Nacional; +Serafim, Bispo de Arassuahy; +Otavio, Bispo de Pouso Alegre; + Carloto, Bispo de Caratinga; +Ranulpho, Bispo de Guaxupé; +Manuel, Bispo de Goyaz; +Antonio, Bispo de Uberaba; +Justino, Bispo de Juiz de Fora.

A Carta Eclesiástica faz referência ao primeiro código das leis eclesiásticas da Constituição ‘*Providentissima Mater Ecclesia*’, dada em 27 de Maio de 1917 por Bento XV, sobre o patrimônio artístico das igrejas e as medidas aplicadas àquele que for negligente para com os bens da igreja. Determina que o responsável deve ouvir um conselho de peritos, sempre que necessário, para que não ocorram alterações que possam interferir nas formas da tradição cristã e das leis da arte sacra. Segundo o cânon 1.535, qualquer objeto artístico eclesiástico considerado precioso não pode ser alienado sem licença da Sé Apostólica e, caso tal situação ocorra e seja omitida, o responsável poderá sofrer “*excommunicatio latae sententiae*” (*Carta Pastoral*, 1926, p. 15). Consideram ainda que a não conservação de seu patrimônio artístico traz como consequência a perda de perpetuar para os próximos séculos as informações sobre seu passado.

Ao finalizar a Carta Eclesiástica, os autores convocam todo o clero e organizações a seguirem as prescrições canônicas sobre todos os bens da igreja que lhes foram confiados:

“(...) Religiosamente observem os muito Revds. Parochos, Reitores de egrejas, confrarias, Irmandades, Associações, todos os administradores, em summa, de bens ecclesiasticos, as prescripções canonicas sobre coisas preciosas, de que havemos falado, assim como sobre tudo mais que é confiado á sua guarda.

Bello Horizonte, 3 de Maio, festa da Invenção da Santa Cruz, 1926.” (Carta Pastoral, 1926, p. 24)

Em 1998, o Vaticano reforça sua preocupação com seu patrimônio, quando discorre sobre a dignidade da arte sacra, em documento dirigido ao clero.⁴¹ No texto, considera a arte sacra como a “*expressão máxima da arte religiosa (...) dentre as mais altas*

⁴¹ *Constituição SACROSANCTUM CONCILIUM sobre a sagrada liturgia*. Concílio Ecumênico Vaticano II. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.

realizações do engenho humano”.⁴² Declara que a Igreja sempre esteve ao lado das artes liberais e dos artistas, procurando sempre discernir sobre o que mais era conveniente à fé e quais seriam aptas ao culto. Os padres conciliares resolveram que a Igreja admite todos os estilos artísticos, desde que esteja a serviço da honra e dignidade dos templos e celebrações. Favorecendo a arte sacra, as autoridades locais devem ter como objetivo a beleza nobre e não a suntuosidade. E resolvem ainda que, quanto à apreciação das obras de arte, essas mesmas autoridades devem consultar a comissão diocesana de arte sacra e mesmo outros peritos ou comissões litúrgica diocesana e de música e arte sacras.

Em 2003, por comemoração dos “40 anos *Sacrosanctum Concilium*”, foi lançada uma edição didática popular comemorativa do 1º documento do Concílio Vaticano II,⁴³ cujo texto traz todas as premissas acima mencionadas, de forma simplificada e direta, reforçando sempre a questão da Arte Sacra e o cuidado que a ela deve ser dispensado.

3.4 A PREFEITURA DE NOVA LIMA E A GESTÃO DE RECURSOS PARA SEU PATRIMÔNIO

Em 13 de abril de 2000, pelo *Decreto nº 1657/2000*, a Prefeitura de Nova Lima declarou o tombamento da Capela de São Sebastião, em São Sebastião das Águas Claras/Nova Lima (ANEXO II). Decretam tombada a edificação e toda sua área externa, compreendida pelo seu adro e muros de divisa. Consideram uma construção de grande valor arquitetônico e ainda com suas características originais preservadas, de importante

⁴² Idem, p. 67.

⁴³ *A Sagrada Liturgia: Constituição Sacrosanctum Concilium*. Edição didática popular, comemorativa dos 40 anos do 1º documento do Concílio Vaticano II. 04.12.1963 – 04.12.2003. Tradução da CNBB. Brasília: CNBB, 2002.

valor social, mantenedora de traços da identidade cultural da comunidade. Este decreto encontra-se inscrito no Livro de Tombo do Município de Nova Lima.⁴⁴

O tombamento deixa a Capela sob proteção especial do Poder Público Municipal, tendo o Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima a atribuição de zelar pela preservação, não só dela, como de todos os bens tombados do Município. O Conselho deve ser consultado sobre qualquer projeto de alteração, destruição, reformas ou restauração no edifício, para emissão de parecer. A visibilidade da Capela também foi preservada, pois foi proibida a edificação de muro, painel de anúncios e cartazes que criem qualquer tipo de obstáculo visual. Pelo decreto também está prevista a aplicação de multas para qualquer ato que venha descaracterizar ou prejudicar o bem tombado.⁴⁵

No processo de tombamento, foi também delimitado o perímetro de tombamento do entorno que inclui eixos da rua principal da cidade com as ruas secundárias, delimitação dos terrenos que a circundam e a praça em frente ao seu adro. Nesse entorno fica proibida qualquer intervenção descaracterizante, seja ela arquitetônica, urbana ou artística. Porém o órgão tombado poderá permitir intervenções, caso julgue necessárias, quando estas tenham a proposta de harmonizar, conservar, valorizar ou salvaguardar a Capela.⁴⁶

A preocupação com o entorno da Capela se deve à rápida descaracterização, principalmente da rua principal, em função do turismo que ocorre no local, sem nenhum planejamento. A paisagem urbana vem sendo degradada, principalmente pela substituição das edificações originais por novas construções ou pela transformação das

⁴⁴ Livro de Tombo, p. 01, item 6º. Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima – MG. 2000.

⁴⁵ Lei nº 1611/99 de 23 de novembro de 1999. Prefeitura de Nova Lima, MG.

⁴⁶ Relatado no *Dossiê do Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião* pela equipe do Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima: 2001.

mesmas em bares e restaurantes. No dossiê de tombamento da Capela, uma das sugestões dadas, como medida complementar a ser adotada após o tombamento, é a adoção urgente de um planejamento que zele pelo patrimônio urbano edificado do Distrito. Há uma forte preocupação quanto à verticalização das edificações do entorno, que poderiam interferir negativamente na visualização e contexto da Capela no local. Apesar de todo o esforço e atenção do Conselho Consultivo, a descaracterização continua a passo largos.

Quanto às verbas destinadas à manutenção e conservação da Capela, o Município se depara com as dificuldades econômicas que todo o Brasil enfrenta. O fato da Capela de São Sebastião ter sido tombada, não faz com que a ela seja destinada uma verba continuada que permita sua conservação. Segundo Rosana Bianchini, Diretora do Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima, o Município arrecada uma verba anual através de pontuação,⁴⁷ para investimento no patrimônio histórico de toda a região. Para ter direito à verba é necessário que existam bens imóveis tombados, acompanhados por um trabalho técnico que envolva um dossiê de tombamento, laudos técnicos de conservação e relatórios, com entrega anual.

Geralmente a verba destinada à conservação dos bens tombados do Município não é suficiente para a manutenção de todo o patrimônio tombado. Segundo Rosana Bianchini, o Conselho Consultivo delibera sobre a verba de acordo com as necessidades mais urgentes de cada bem cultural.

⁴⁷ Lei de incentivo fiscal. Para cada bem tombado, o município receberá 01 ponto na escala de 01 a 05. De seis a dez bens tombados, 02 pontos. Com um número de onze bens imóveis, 03 pontos são ganhos. Nova Lima possui 11 bens imóveis tombados e um conjunto de 07 bens móveis tombados. Em cifras, esta pontuação se traduz em R\$ 13.000,000 por cada ponto. Tendo Nova Lima alcançado 10 pontos no ano passado (em 2002), em Janeiro de 2003 a Prefeitura recebeu R\$ 130.000,00 para o ano, a serem aplicados em todo o seu patrimônio. Para a restauração da Capela de São Sebastião, a Prefeitura destinou R\$ 20.000,00 a serem somados ao montante conseguido junto às outras parcerias.

3.5 A ROTINA DA CAPELA

A Capela de São Sebastião e seu cotidiano sobrevivem alheios a todas estas questões legais, jurídicas, eclesiásticas e patrimoniais. Seu corpo é composto exclusivamente por voluntários, membros da comunidade religiosa local. São eles os responsáveis pela manutenção e segurança da mesma: *seis senhoras e três senhores com idade entre 40 e 67 anos*. As senhoras cuidam da limpeza interna do templo, incluindo as imagens e o altar-mor. Os senhores fazem a manutenção periódica do adro, do telhado e calhas e são responsáveis por pequenos reparos, quando necessário. Atualmente, com a revitalização do grupo de jovens, alguns de seus membros se uniram a esta equipe avançada em idade. São jovens com uma realidade voltada ao trabalho e à tentativa de conciliar o aprimoramento cultural através de uma formação escolar. Como todos os outros membros mantenedores da Capela, dedicam uma parte de seu tempo, quando possível, às atividades do templo.

A rotina de cultos se dá com a celebração de *Missas dominicais, Reza do terço, Apostolado, Adoração do Santíssimo, reunião do grupo de jovens e catecismo* (ANEXO III). Diariamente a Capela é utilizada, pois às 18:00 h Dona Maria de Lourdes⁴⁸ vai ao templo ligar o aparelho de som e propagar, através dos alto-falantes, a *Hora do Ângelus*. Após, os fiéis se reúnem para a *Reza do Terço*, quando a portada principal da Capela é aberta, convidando quem queira a se aproximar e a se unir ao culto. Aos domingos, desde a restauração da igreja, ocorrem as Missas Dominicais, quando um dos dois párocos da Freguesia de Santo Antônio vem realizar a celebração. Anteriormente à

⁴⁸ Moradora de São Sebastião das Águas Claras que, há mais de 50 anos, desenvolve importante trabalho religioso na comunidade. É uma das responsáveis pela Capela e quem anuncia, através do som da Igreja, os eventos, as reuniões comunitárias e convida as pessoas a participarem dos encontros sociais em São Sebastião das Águas Claras ou Macacos. É ministra da Eucaristia, contribuindo na realização das celebrações na comunidade junto ao Pároco.

restauração, estas missas aconteciam somente uma vez ao mês, pois são muitas as comunidades a serem atendidas e o número de párocos, segundo informações locais, era pequeno. O catecismo também foi revitalizado aos sábados pela manhã, bem como o grupo de jovens, que se reúne aos sábados pela noite.

Durante o ano ocorrem as festas religiosas determinadas pelo calendário católico, sendo que a mais importante é a dedicada a São Sebastião, padroeiro da cidade. A festa realizada em agosto, que já se tornou uma tradição local, tem sido motivo de grandes discussões e divisora de opiniões entre o pároco e a comunidade religiosa, a comunidade em geral e os comerciantes locais. A data comemorativa da festa de São Sebastião é firmada em 22 de janeiro. A Capela é ornamentada pelos fiéis, ocorrendo uma singela, mas belíssima procissão pela rua principal da cidade e uma missa dedicada ao padroeiro e conta com a participação de quase toda a comunidade, incluindo turistas que apreciam este tipo de manifestação religiosa (FIG. 06 e 07). Após a missa, é promovido, no adro, um leilão, com a presença de barraquinhas autorizadas a funcionarem. A renda do leilão e das barracas é voltada à manutenção da Capela.



FIGURA 06 – Festa de São Sebastião



FIGURA 07 – Andor de São Sebastião

Como o mês de janeiro é um período tradicionalmente chuvoso, o comércio local e os festeiros decidiram, já há alguns anos, que esta mesma comemoração deveria ocorrer em agosto, período de estiagem. A festa se torna cada vez mais popular, com muitas barracas, um público externo bem maior, lucros voltados aos comerciantes e todas as inconveniências que um público não religioso ou respeitoso das tradições e deseducado traz. Antigamente, com outros párocos, a missa e a procissão eram realizadas. Porém, devido a uma série de situações provocadas por essa festa, como o desrespeito às tradições católicas, a embriaguez que produzia efeitos patéticos na celebração da missa, o constrangimento da comunidade no momento da procissão e a festa voltada basicamente para fins comerciais, o pároco atual decidiu pela não participação e apoio da Igreja na data em questão, provocando exaltadas discussões, principalmente durante a missa dominical. A justificativa do pároco diante de tal decisão se baseia em seu desejo de urgente resgate das tradições religiosas da comunidade, fortalecendo os laços que a unem com a Igreja, além de tentar recuperar um respeito maior com relação à Capela e ao seu significado como símbolo religioso no local, já há algum tempo perdido.

Embora quase nenhum recurso da Freguesia de Santo Antônio seja destinado à Capela, por sua situação também precária, ocorrem algumas contrapartidas que a auxiliam na continuidade das celebrações e cultos. A Freguesia fornece os folhetos impressos para a Missa Dominical, não exige da comunidade os recursos arrecadados em festas religiosas e os ministros de Nova Lima não recebem por seus gastos em suas idas a Macacos.⁴⁹

Apesar do grande esforço desta comunidade e do atual pároco em manter a Capela de São Sebastião erguida em sua edificação material e em sua filosofia espiritual, o

⁴⁹ Informações obtidas em entrevistas com os responsáveis pela Capela somente em maio de 2003, após os laços de confiança estabelecidos entre a restauradora e a comunidade, que se iniciaram em maio de 2002 até o presente momento.

processo de deterioração dos costumes e tradições continua presente e sensivelmente visível nas festas religiosas que ocorrem ao longo do ano. Uma das maiores queixas é a impossibilidade de celebrar seus cultos de forma completa e com o devido respeito que lhes deve ser dado. Como exemplo, podemos citar a Semana Santa que deveria ter, além de todas as atividades litúrgicas que lhe são pertinentes, uma procissão com o Santíssimo Sacramento à noite e a confecção dos famosos tapetes nas ruas, momento este que reúne geralmente toda a comunidade e fortalece seu senso de união e fraternidade. Segundo a comunidade, não há o menor respeito por parte de alguns comerciantes, alguns membros da comunidade e turistas que ali se encontram, nem o menor apoio para a realização da procissão e organização das festas religiosas por parte das autoridades de Nova Lima, uma vez que a rua principal da cidade não é fechada para tal celebração nem ao menos por um período curto de tempo. Não há nenhum tipo de suporte policial, nem mesmo através de solicitações via ofícios. Como é inconcebível para os fiéis a exposição do Santíssimo Sacramento a este tipo de situação, resolveram não mais realizar a procissão nessa data,⁵⁰ embora o desejo de enfeitar suas ruas com os tapetes e de se manter suas tradições religiosas mais caras continuem latentes.

⁵⁰ Depoimentos colhidos junto a membros da comunidade. É possível se detectar sentimentos de tristeza, conformismo e decepção por parte deles.

4 ASPECTOS FORMAIS E ESTILÍSTICOS DA EDIFICAÇÃO E DE SEUS BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

A Capela de São Sebastião se localiza no coração de São Sebastião das Águas Claras, no centro vital da cidade. Seu amplo adro é um convite à pausa e observação de um entorno de exuberante vegetação e montanhas que realçam a edificação de pequenas proporções. O traçado da capela e técnica construtiva seguem os padrões predominantes no início do período da mineração em Minas Gerais. Embora alterada ao longo dos séculos, mantém a integridade de suas características originais (FIG. 08).

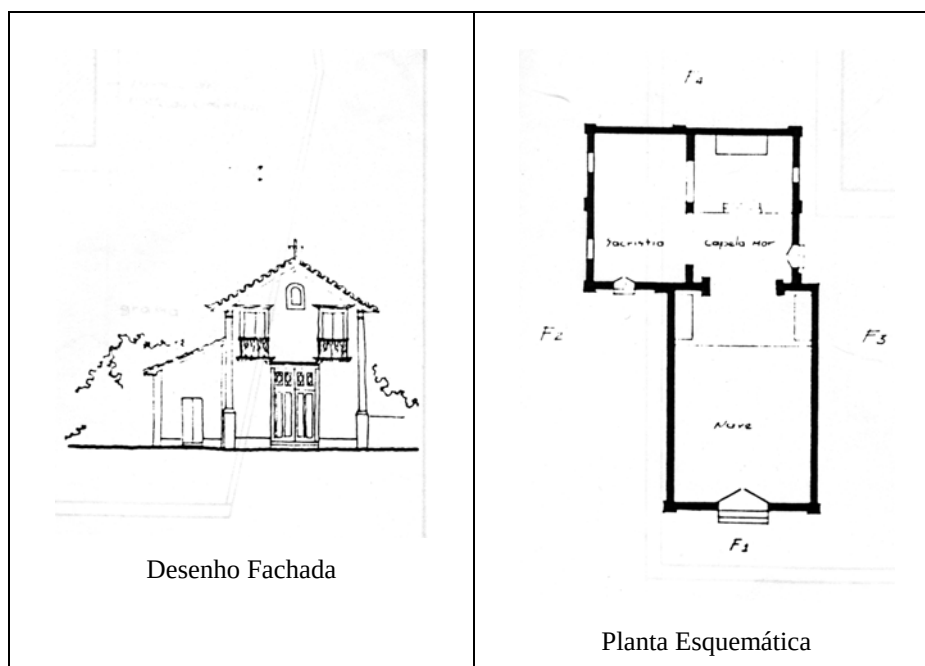


FIGURA 08 – Desenhos esquemáticos da Capela de São Sebastião
(FONTE – Relatório de Vistoria, IEPHA/MG, 1986)

É composta por nave central, capela-mor e sacristia, tendo ao fundo um anexo, construção posterior à capela (FIG. 09). A construção é em estrutura autônoma de

madeira, com vedação em adobe, com baldrames, madres, frechais, esteios e aspas armados e madeira convencional.



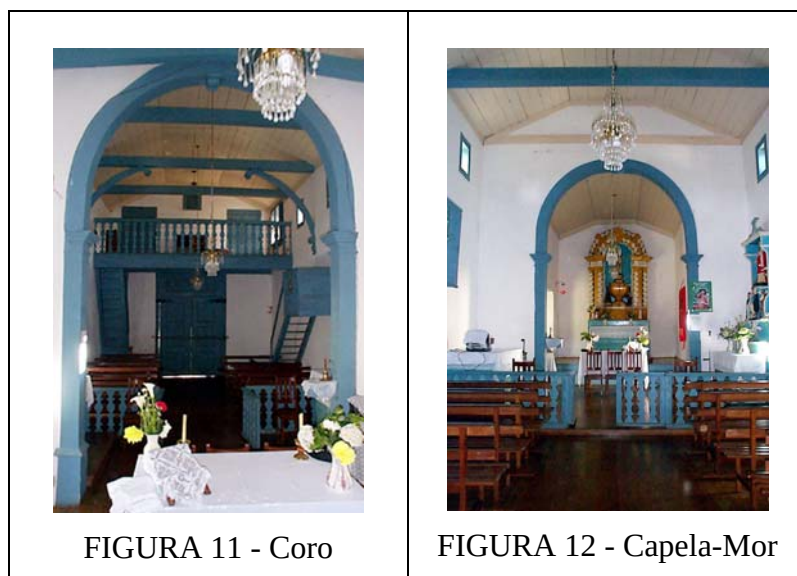
FIGURA 09 – Anexo ao fundo da Capela

A nave e capela-mor, de alturas diferenciadas, formam o corpo principal da capela, correspondendo a dois volumes quadrangulares e cobertos, cada um, por telhas de duas águas. Um terceiro volume se une ao corpo retangular principal, destinado à sacristia. De menores proporções e com cobertura de meia-água, tem posição recuada e lateral ao corpo principal (FIG. 10). Este terceiro corpo foi reconstruído em intervenção anterior, uma das tantas sofridas pela Capela de São Sebastião. Sua localização é coerente com as mais comuns às sacristias, porém diferenciada pelas proporções e sistema construtivo.



FIGURA 10 – Volumes e Coberturas

Seguindo o padrão das antigas construções religiosas mineiras, a capela é composta, logo após sua portada, por um coro à entrada da nave com acesso por escada lateral, seguido por um púlpito em projeção com acesso por degraus, apoiados próximos à parede (FIG. 11). Dividindo os ambientes um arco-cruzeiro, passagem para a capela-mor que abriga o retábulo-mor (FIG. 12), ao fundo, principal ponto de foco para quem penetra o interior da capela.



Externamente, a capela ainda guarda o caráter simples e despojado em sua composição. Mantém em sua fachada frontal um traçado que nos remete a um triângulo invertido: uma portada central de grandes dimensões, ladeada por duas janelas rasgadas e com guarda-corpo à altura do coro. São arrematadas por sobre-vergas retas e perfiladas. Ao alto, um pequeno vão em arco pleno, vedado por veneziana, talvez uma antiga janela sineira (Cf. FIG. 10). As fachadas laterais seguem o mesmo padrão despojado: lisas, perfuradas em cada lado, no alto por três óculos retangulares, tendo na

fachada à esquerda, uma abertura que abriga dois sinos (FIG. 13 e 14).⁵¹ A fachada posterior da edificação mantém a mesma simplicidade comum a toda a edificação.



O frontispício, segundo relatórios anteriores à primeira intervenção, era coroado por um telhado saliente, em cachorra aferente (meio cimalha, meio cachorrada)⁵² cobrindo uma fileira de telhas posicionadas de frente, dando um toque ondulado à fachada.⁵³ Algumas modificações realizadas na capela-mor e na sacristia alteraram o sistema construtivo original, modificando a forma e o fechamento dos vãos, removendo a cachorrada dos beirais, provocando uma desarmonia entre o volume da nave e o corpo posterior do edifício.

O interior da capela segue o mesmo padrão estético do exterior. Suas paredes são lisas e claras, com piso em madeira e forro de material simples, sem qualquer tipo de ornamentação. O púlpito possui tambor liso, enquanto o arco cruzeiro possui base e

⁵¹ O sino maior traz um crucifixo e duas estrelas fundidas, com a inscrição “Ouro Preto-1875”.

⁵² Conjunto de peças sustentadoras de uma beirada, sacada ou outra parte de uma edificação.

⁵³ Relatório de restauração da Capela de São Sebastião. Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda. Belo Horizonte, 1988. p 05. Documento gentilmente cedido pelo prof. Ivo Porto de Menezes.

entablamento perfilados. As mãos francesas do tirante ao centro da nave são recurvadas e consideradas posteriores à construção da capela.

Seu acervo de maior importância é constituído pelo altar-mor, dedicado a São Sebastião, onde estão entronizadas cinco imagens compostas por São Sebastião, Santo Antônio, São Brás, São Gonçalo e Santana Mestra (Cf. FIG. 16, p.63).

O retábulo, em madeira dourada e policromada, se insere no estilo denominado “nacional português”,⁵⁴ predominante na 1ª fase dos retábulos coloniais em Minas Gerais e que obedecia a modelos mais tradicionais da linha barroca. Segundo Prof. Marco Elizio de Paiva,⁵⁵ o retábulo da Capela de São Sebastião contém elementos que o remete a uma das variações desse estilo, catalogada por Bazin como estilo Pedro II (de Portugal), datável de 1690 a 1730, ou estilo barroco, “*românico com moldura de arquivolta*”. Para Bazin, o estilo Pedro II (FIG. 15) tem como uma de suas maiores contribuições o equilíbrio entre a arquitetura e o décor, devido a uma forte estrutura “*renovada com a portada românica e também ao tratamento monumental dispensado à plástica escultural (...)*”.⁵⁶

⁵⁴ Denominado por Robert Smith, este tipo de retábulo surgiu em Portugal no séc XVII, prevalecendo em Minas até cerca de 1730, tendo como principais características a presença de colunas torsas ou salomônicas, arcos ou arquivoltas concêntricas, revestimento inteiramente em talha dourada e com ocorrência de policromia em azul e vermelho, predomínio de ornatos fitomorfos e zoomorfos, trono em forma de cântaro e escudos ao centro do coroamento ou remate. (SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962, p. 69 a 89).

⁵⁵ Análise do retábulo realizada em visita à Capela de São Sebastião em 04 de abril de 2003. Prof. Marco Elizio de Paiva é Mestre em História da Arte pela University of Texas at Austin e professor de História e Crítica de Arte na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵⁶ BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Record, 1983. Tradução: Glória Lucia Nunes. p. 259; 265.



FIGURA 15 – Altar em estilo Pedro II (de Portugal) – MAS/UFBA
(FONTE: MAS/UFBA, 1987, p. 34)

A base do retábulo da Capela de São Sebastião é composta por consolos misulados⁵⁷ e painéis cobertos por talha com motivos fitomorfos. O entablamento é multifacetado, bastante recortado em ângulos chanfrados, projetando as duas colunas que ladeiam o nicho e recuando as outras duas externas, remetendo aos processos italianizados dos retábulos D. João V de meados do século XVIII. Essas colunas se dispõem em volumetria contrária ao estilo da 1ª fase, sendo concebidas de forma inversa, convexas. O corpo e o coroamento são predominantemente formados por colunas e arquivoltas torsas, helicoidais ou salomônicas, porém mais limpas, sem presença de ornatos profusos alternados por pilastras simples. Arrematando o coroamento, uma cartela envolta por motivos entalhados, tendo em suas laterais aduelas ou arcos de folhas estilizadas.

⁵⁷ Peça saliente em pedra ou madeira para sustentação de esculturas e vasos ou como apoio às cornijas e sacadas, estreito na parte inferior e largo na superior.

O camarim abriga um trono de perfil volumoso, estilo presente no apogeu do barroco mineiro, em meados a fins do século XVIII.⁵⁸ Para Prof. Marco Elízio de Paiva porém, o trono é típico do estilo dos primeiros retábulos barrocos mineiros, possíveis de serem vistos em Cachoeira do Campo (FIG. 17) e Sabará/MG, guardando grande semelhança com o trono do altar-mor da Capela de Nossa Senhora do Ó (FIG. 18), datada de antes de 1725. Afirmo ainda que *“há neles um ‘achinesado’, típico do gosto desta 1ª fase mineira. Ficamos mais convencidos disso a partir da descoberta da pintura original de ‘grotescos’ em ouro sobre vermelho”*. O modelo decorativo aqui citado se insere no início do século XVIII, desaparecendo com o advento dos retábulos joaninos. Já os “grotescos” em ouro sobre vermelho, um modelo decorativo muito mais antigo, têm o seu melhor exemplo tardio no forro da capela-mor de Santo Antônio em Tiradentes.



FIGURA 16 - Altar-Mor da Capela de São Sebastião – Macacos/MG

⁵⁸ Estudos anteriores realizados pelo IEPHA e pela Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda para a restauração arquitetônica da Capela de São Sebastião em 1986.



FIGURA 17– Altar-Mor da Matriz de
Nª Sª de Nazaré - Cachoeira do
Campo/MG

(FONTE: ÁVILA, 1980, p. 201)



FIGURA 18 – Altar-Mor da Capela de
Nª Sª do Ó – Sabará/MG

(FONTE: ÁVILA, 1980, p. 188)

A autoria do retábulo é desconhecida, porém “*é possível ter sido obra de um artista português, vivendo em Minas Gerais em meados do século XVIII e que trabalhava segundo seus conhecimentos mais antigos*”, segundo Prof. Marco Elizio de Paiva, que considera o trono possuidor de características voltadas às mais antigas tradições, típicas do final do século XVII até o século XVIII.

O conjunto de imagens de melhor porte da capela é composto por cinco esculturas em madeira policromada – São Sebastião, São Brás, São Gonçalo, Santo Antônio e Santana Mestreira.

A imagem de Santana Mestreira possui característica escultóricas de fatura popular e por este fator, de difícil datação. Esta imagem poderia ter sido confeccionada nos séculos XVIII ou XIX, não pertencendo ao culto da capela e sim, talvez, ao culto

doméstico, o que parece evidente devido ao seu tamanho. São Brás conjuga uma série de características que o insere no grupo de imaginárias da 1ª metade do século XVIII.⁵⁹

As cinco imagens, numa análise mais abrangente, não apresentam um padrão único, tendo cada uma suas características próprias (FIG. 19). Embora se perceba um caráter mais popular e não-acadêmico, elas possuem uma característica comum às imagens mineiras, marcadas por certa sobriedade, com policromia e douramento discretos e econômicos em seus motivos decorativos. As expressões são serenas e a movimentação corporal e dos panejamentos são contidas, apesar de uma certa tentativa de movimento percebido na imagem de Santo Antônio.



FIGURA 19 – Conjunto escultórico - Altar-mor da Capela de São Sebastião (após restauração)

⁵⁹ RAMOS, Adriano. Aspectos Estilísticos da Estatuária Religiosa no século XVIII em Minas Gerais. In: Barroco 17, Belo Horizonte: FAPEMIG / Secretaria do Estado e da Cultura de Minas Gerais, Formato. Anos 1984/85, p. 193-203.

Ao se entrar pela grande portada da Capela de São Sebastião, despretensiosa em sua singeleza, despojamento e clareza, um forte envolvimento e sedução visual ocorrem de forma quase imediata, pois o contraste entre o ambiente sóbrio e o retábulo vibrante e tão rico em seus elementos decorativos atrai imediatamente o olhar do visitante, abstraindo-o do espaço retangular e seco que o envolve como tão apropriadamente analisa Bury.⁶⁰ Neste momento é possível desconectar-se por um segundo, do tempo e espaço atual, transportando-se talvez para um outro tempo, mais tranquilo e silencioso, de ruas de terra, sons de tropas, cavalos e carros de boi, onde a religiosidade vibrava por todo o ambiente, e a capela exercia sua função de direcionamento, acolhimento e encantamento, sem a menor preocupação ou pretensão quanto ao seu futuro de muros, alarmes, desrespeitos e leis de proteção.

⁶⁰ BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Org. Myrian Ribeiro de Oliveira. Tradução: Isa Mara Lando; São Paulo: Nobel, 1991.

5 O EDIFÍCIO E SEU ENTORNO

Toda região possui determinadas características que a diferenciam das demais, além das diversas mudanças que são próprias do seu desenvolvimento ao longo do tempo. A compreensão dos diversos fatores relacionados às questões climáticas, sociais e econômicas, se torna fundamental na implantação de medidas intervencionistas e conservativas no patrimônio a ser tratado. A identificação, avaliação e implementação de critérios e planejamentos específicos às características determinadas de um bem patrimonial podem se traduzir em um salto qualitativo através de planejamento financeiro eficiente e medidas de maior eficácia para o projeto de conservação-restauração, por meio de ações que proporcionem, após a intervenção, certa autonomia àqueles que administram e mantêm o patrimônio.⁶¹

Para tentarmos compreender o processo de degradação que a Capela de São Sebastião e seus bens móveis e integrados vêm sofrendo desde sua construção até o presente momento, foi necessário conhecer, além dos aspectos históricos e administrativos, um pouco mais sobre sua região, o meio ambiente no qual ela se insere e suas características construtivas. A importância em se conhecer o macro-ambiente que a envolve foi fundamental para buscarmos estabelecer ligações entre os vários agentes determinantes que atuam no meio externo e suas conseqüências diretas e indiretas na edificação e em seu micro-ambiente. De posse desses dados, foi possível então determinar campos de ações visando a conservação da edificação e de seus bens integrados, além de criarmos um campo mais seguro para o diálogo com aqueles que, direta ou indiretamente, são os agentes responsáveis pela conservação do patrimônio.

⁶¹ No caso da Capela de São Sebastião, tentamos buscar soluções de conservação que possam proporcionar à comunidade mantenedora o mínimo de gastos financeiros devido à sua carência de recursos.

5.1 O GERENCIAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NA INTERVENÇÃO DE UM PATRIMÔNIO

*“No que se refere ao restaurador, quanto mais rico e amplo seja seu universo cultural, de mais elementos de relação disporá e maior capacidade de leitura crítica terá. Por isso, é tão importante a participação de grupos interdisciplinares no processo do restauro. Um só indivíduo não pode ter a pretensão de deter todos os conhecimentos indispensáveis numa restauração responsável e, em consequência, ética.”*⁶²

A conservação preventiva vem se tornando cada vez mais uma ferramenta determinante no auxílio à preservação e revalorização do patrimônio e de valores de identidade cultural. E isto inclui além do controle ambiental, o desenvolvimento de estratégias, normas e procedimentos para proteger o patrimônio. Para Rose (1992), *“a educação e a formação são as chaves da conservação preventiva. Os conservadores começam por se educarem com respeito aos objetivos ou metas para os quais se formou cada coleção e as necessidades de preservação de cada objeto, para poder atender cada coleção de forma adequada.”*⁶³ Cassar (1995) amplia ainda mais esta reflexão quando define a conservação preventiva como *“termo usado para descrever a ampla atividade que é cuidar de uma coleção de museu. Esta atividade requer tanto habilidades técnicas quanto gerenciais, e uma compreensão de como a preservação pode ser afetada pelo modo que a coleção é utilizada pela comunidade, dentro ou fora do museu.”*⁶⁴

⁶² FONTANA, Martha Beatriz Plazas de. *Elementos Artísticos: Patrimônio Objetal*. In: Anais do Seminário Internacional Preservação: A Ética das Intervenções. Belo Horizonte: IEPHA/MG, FIEMG, FAPEMIG, 1996, p. 198.

⁶³ ROSE, Carolyn. *Conservación Preventiva*. Apoyo, 3:2,1992. Texto adaptado da apresentação feita durante a XX Reunião Anual do American Institute for Conservation, Buffalo, N.Y., 1992. Tradução Amparo R. de Torres.

⁶⁴ CASSAR, May. *Environmental Management, Guidelines for Museums and Galleries*; London: Roudledge, 1995. Tradução livre por Wivian Diniz.

O conhecimento sobre os vários fatores que envolvem o bem patrimonial a ser investigado deve capacitar não somente o conservador-restaurador mas toda a equipe atuante a determinarem métodos e procedimentos que venham a atender positiva e eficientemente o bem patrimonial em questão. Para tanto, é necessário se estabelecer um novo conceito de gerenciamento voltado ao diálogo e interação entre os vários profissionais envolvidos nas distintas etapas de um processo, que a seu tempo acabará por interagir, determinando o sucesso ou fracasso da intervenção. É fato que diversas patologias em um bem patrimonial são originadas pelas técnicas construtivas utilizadas, por sua localização, pelo clima local que o envolve e seu desempenho micro-ambiental e pela administração e conservação nele realizadas.⁶⁵ Mas o maior fator de insucesso na preservação de um bem patrimonial certamente se encontra na falha de comunicação entre os profissionais envolvidos, que se individualizam e dividem o patrimônio a ser tratado em “pequenas porções feudais”, não percebendo ou não querendo perceber que ele é um organismo dinâmico e em constante diálogo e interação entre si e seu entorno.⁶⁶

Vários passos são necessários antes da implementação de uma intervenção bem sucedida. Um desses passos fundamentais está na escolha da equipe, a ser composta por membros de várias áreas afins ao projeto e à sua filosofia e que possibilitem a coleta de uma maior quantidade possível de dados específicos com visões diversas para análise e discussão, possibilitando conclusões positivas quanto ao procedimento a ser adotado.

⁶⁵ ASSIS, Eleonora Sad; FRANÇA, Ricardo Orlandi; CORTIZO, Eduardo Cabaleiro. *Formação para uma abordagem multidisciplinar do edifício visando à conservação de bens culturais*. Artigo apresentado à comissão científica do 3º Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios, 26 a 30 de maio de 2003. Lisboa, Portugal.

⁶⁶ A falta de uma formação específica, não somente de arquitetos, engenheiros, conservadores-restauradores, mas também dos promotores culturais e captadores de recursos voltados à preservação, conservação e/ou restauração do patrimônio cultural tem sido um dos grandes fatores de desastres, muitas vezes irreversíveis. Dentro desta realidade, a educação patrimonial se faz cada vez mais urgente, não somente voltada às comunidades como um todo, mas também às universidades, instituições e gestores de recursos que se envolvem com a preservação do patrimônio, buscando caminhos que favoreçam o diálogo e senso comum de integração e cooperação.

Todas as questões devem ser avaliadas: do mínimo detalhe à mais complexa situação, tudo devendo ser previamente discutido.⁶⁷ Este tipo de procedimento pode ser considerado ainda bastante utópico, uma vez que conflitos, questionamentos e pontos de vista contrários serão inevitáveis, sendo difícil de serem tratados sem isenção de emoções. Geralmente, nesse processo, o papel do conservador-restaurador se torna penoso diante da equipe, quando lhe é dado algum espaço ou voz, pois ele estará pontuando questões incômodas relacionadas à coleção e aos diversos outros fatores que influenciam diretamente na conservação da mesma.

No entanto, à medida que o grupo se pré-disponha a uma comunicação construtiva em meio ao caos que normalmente envolve este tipo de situação, sem extremismos, estrelismos ou suscetibilidades, certamente o trabalho se tornará mais construtivo, beneficiando a todos e, principalmente, o patrimônio em questão. É uma nova abordagem sobre gerenciamento e gestão que vem sendo adotada a partir de simpósios internacionais realizados entre 1990 e 1991 no Canadá e Estados Unidos que deverá ser experimentada, analisada e adaptada de acordo com as necessidades específicas de cada equipe.⁶⁸

Consideramos que o processo de revitalização da Capela de São Sebastião e seu gerenciamento não podem ser totalmente enquadrados nesta nova abordagem, muito embora consideráveis esforços de diálogo, interação e troca de experiências e informações tenham sido ensaiados entre a equipe. É um conceito novo e, por isso

⁶⁷ HIMMESTEIN, Paul; APPELBAUM, Bárbara. *The Process of Compromise: A Team Approach to Conservation Environments*. APT Bulletin XXVII, 3 (1996) 8-11. Translated with the kind permission of the Association of Preservation Technology. Portuguese translation © 1998 The J. Paul Getty Trust. Material constante do curso promovido pelo The Getty Conservation Institute e Cecor/UFGM: Taller en Edifícios de Museos y sus Colecciones. Belo Horizonte/ MG, 2001.

⁶⁸ *New Orleans Charter for Joint Preservation of Historic Structures and Artifacts*. Carta adotada oficialmente pelo Conselho Administrativo de ambas AIC e APTI, após simpósios realizados no Canadá e EUA entre 1990 e 1991, posteriormente adotada pela Conferência Nacional dos Administradores da Preservação Histórica Estadual em Washington D.C., no ano de 1992. <http://palimpsest.stanford.edu/byotipc/ethics/neworlea.html>.

mesmo, ainda passível de maior divulgação, compreensão e experimentação no campo do gerenciamento patrimonial. Entretanto, julgamos que passos valiosos foram conquistados justamente pela vivência do processo, favorecendo, após o término do “*Projeto de Restauração da Capela de São Sebastião*”, a continuidade de diversos procedimentos qualitativos na edificação e junto a outras equipes e indivíduos, baseados na experiência com a revitalização da Capela. Estudos foram continuados e novos diálogos estabelecidos para a realização de levantamentos sobre o macro e o micro-ambiente no qual ela se insere, buscando uma melhor qualidade na conservação da Capela de São Sebastião.

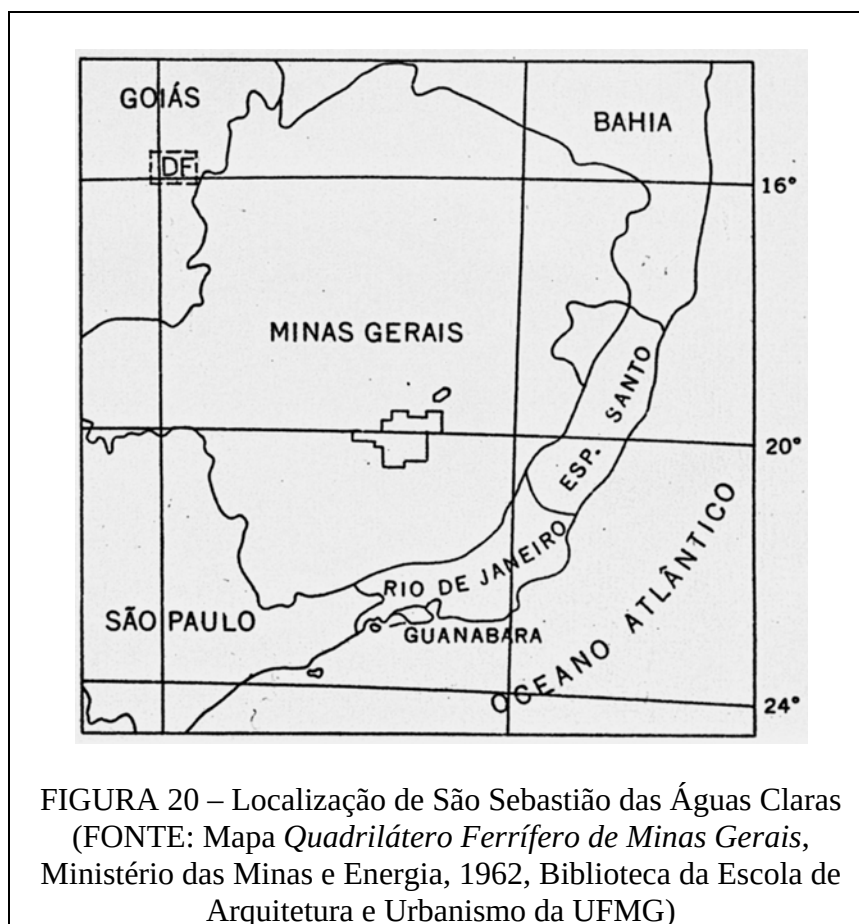
5.2 O CLIMA NA REGIÃO

Segundo dados fornecidos pela Estação Climatológica de Águas Claras, no Município de Nova Lima, o clima típico desta região pode ser classificado como temperado de inverno suave⁶⁹ (Cwa, pela classificação de Köppen)⁷⁰ muito embora se localize na faixa tropical, devido à altitude, que ameniza as temperaturas (FIG. 20). A temperatura média anual no período de 1983 a 1990 foi de 19,5⁰C, com umidade relativa média de 74,5%. É uma região caracterizada por período de chuvas no verão e período seco no inverno, num total anual de 1.709,1 mm de chuva. Dezembro é considerado o período mais chuvoso, com média elevada de 454,1 mm de chuva,

⁶⁹ O clima temperado pode ser definido como aquele cujas temperaturas médias do verão e do inverno estão geralmente abaixo de 20^oC, mas com as estações bem definidas.

⁷⁰ Existem diversas classificações climáticas baseadas no estudo da dinâmica das massas de ar, dos elementos e dos fatores do clima. A classificação climática de Strahler pertence a uma escola climatológica chamada **Dinâmica**, pois ela se baseia na dinâmica geral da atmosfera, através das massas de ar. A classificação dos climas brasileiros, proposta por **Arthur Strahler** baseia-se nas áreas da superfície terrestre, dominadas ou controladas pelas massas de ar. Uma outra classificação, a de Wilhelm Köppen, estuda separadamente os elementos do clima. Ela baseia-se, predominantemente, na temperatura, nas precipitações e na distribuição dos valores destes dois elementos do clima durante as estações do ano. Cwa significa clima mesotérmico (subtropical e temperado) com chuvas de verão e verão quente. http://www.geniodalampada.com/trabalhos_prontos/geografia06.htm

exigindo uma maior atenção com a drenagem urbana e proteção de aberturas e coberturas nos edifícios, protegendo-os de infiltrações e patologias delas decorrentes. A insolação total média anual é de 2.049,6 horas de sol, com maiores índices registrados durante o inverno seco. O vento dominante é de baixa velocidade, em média de 1,0 m/s com direção SE por quase todo o ano (FIG. 21).⁷¹ A seguir, os gráficos mostram os dados climáticos médios mensais do período de 1983 – 1990:



⁷¹ Dados climáticos obtidos da Estação de Águas Claras, município de Nova Lima/MG. As fontes destes dados são da estação climatológica da mineração de Águas Claras, operada pela MBR (Minerações Brasileiras Reunidas) entre 1983 e 1990, quando foi fechada.

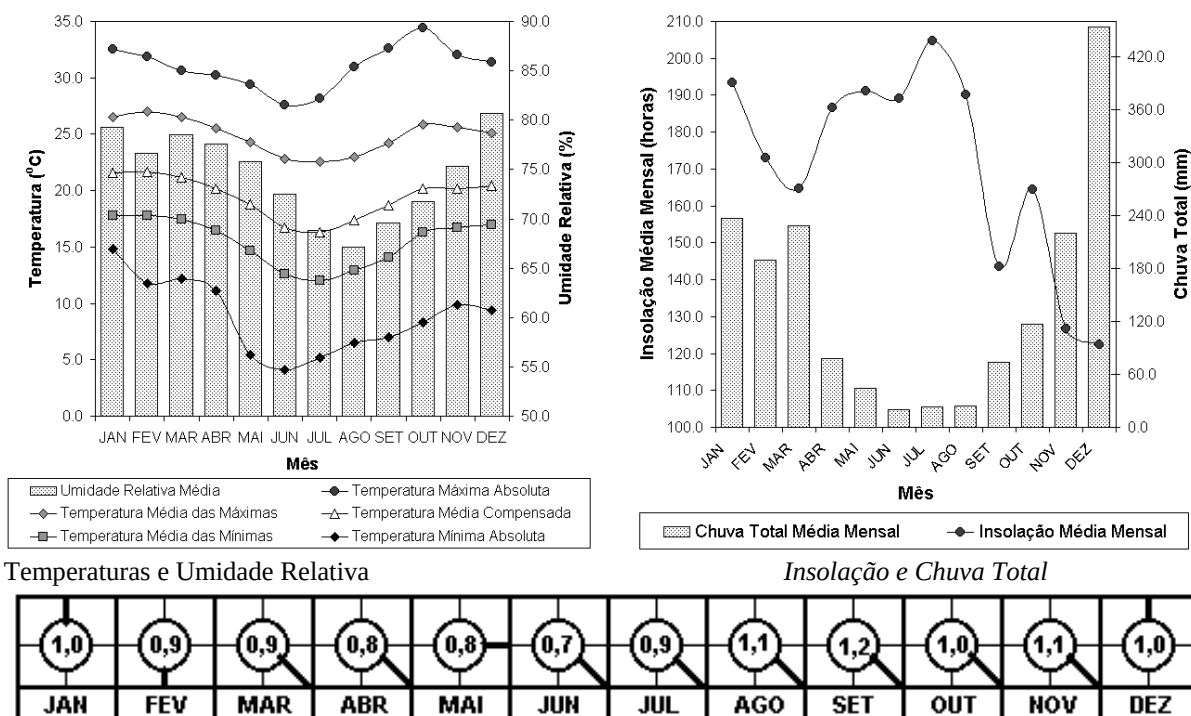


FIGURA 21 – Dados climáticos da Estação de Águas Claras, município de Nova Lima/MG (FONTE: Dados MBR)

5.3 O EDIFÍCIO

5.3.1 IMPLANTAÇÃO

A Capela de São Sebastião está implantada no centro vital do distrito de São Sebastião das Águas Claras, nos alinhamentos da Rua São Sebastião, com a Rua Nova Lima e a Rua da Saudade, pontos de convergência de caminhos que ligam o distrito a Nova Lima e a Belo Horizonte (FIG. 22). A Capela encontra-se no centro de um amplo adro gramado, considerado um respiradouro no espaço urbano. Aos fundos e em sua lateral à direita, os terrenos possuem vegetação e casas baixas. Uma exuberante vegetação e montanhas de porte significativo envolvem a região (FIG. 23).

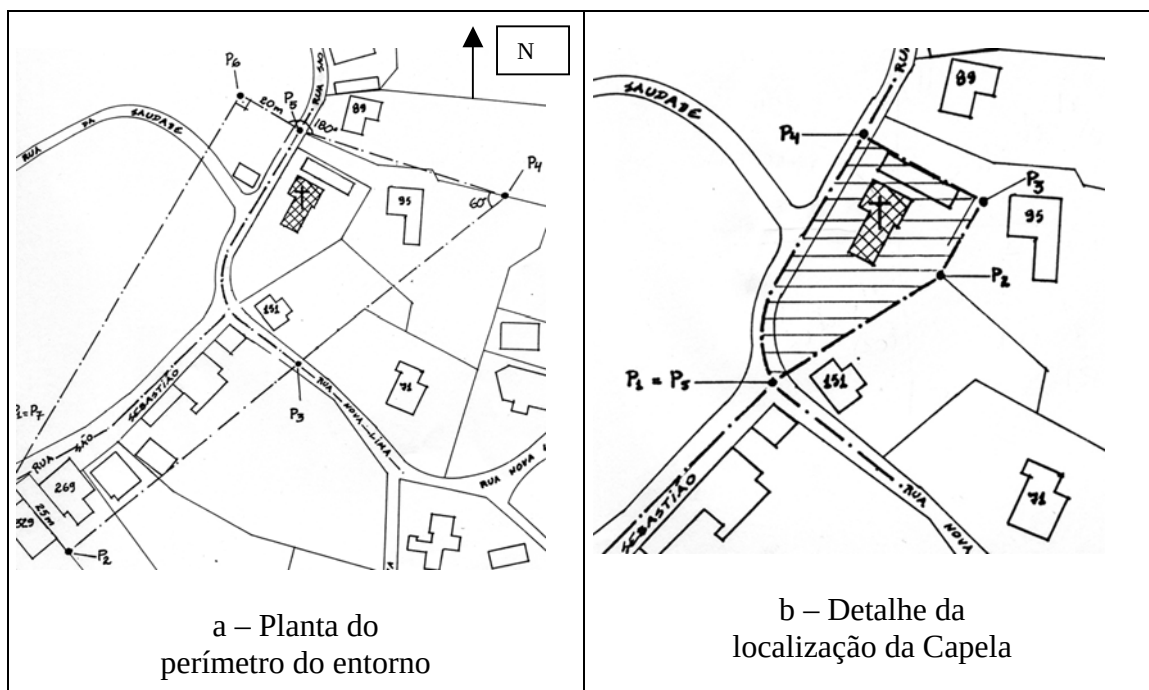


FIGURA 22 – Planta do perímetro do entorno e detalhe da localização da Capela de São Sebastião (FONTE: Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima, 2001)

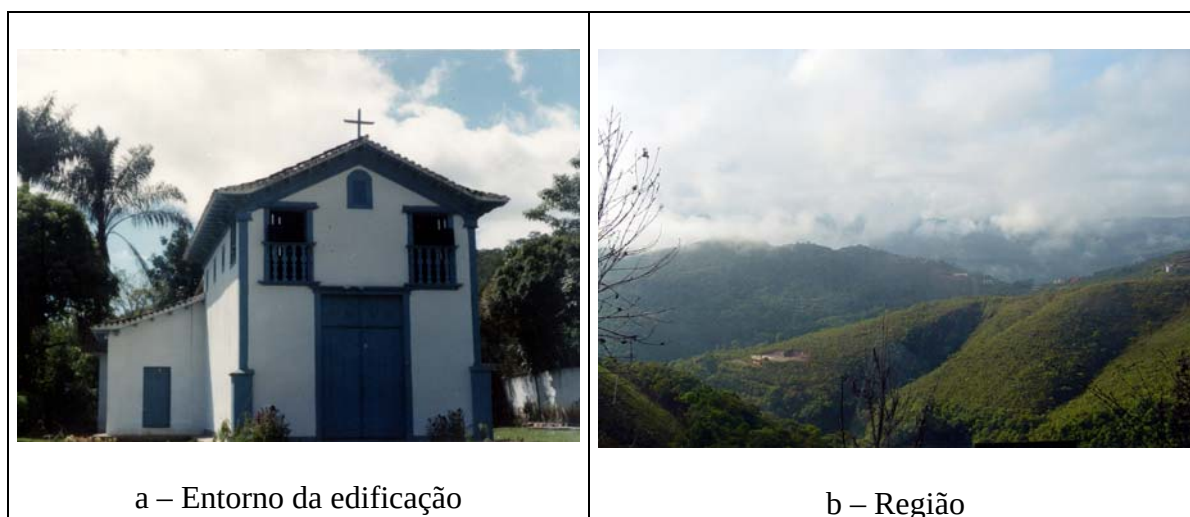


FIGURA 23 – Entorno da Capela e região

5.3.2 ORIENTAÇÃO

O sol, pela manhã, atinge as fachadas laterais da edificação (FIG. 23).⁷² Até a primeira metade da manhã, a fachada direita recebe sol (sentido Sudeste), sendo que após este período o sol começa a incidir também na fachada esquerda, se estendendo pelo período da tarde e recebendo o sol quase por completo, por toda sua extensão. A parte posterior recebe pouca luz solar, pois aí se encontra o anexo da igreja, construído posteriormente, sendo um fator de sombreamento, umidade e pouco fluxo de ventilação (FIG. 24). As passagens de ventilação livres estão localizadas nas fachadas laterais (três pequenas aberturas retangulares na fachada direita e o mesmo na fachada esquerda, acrescida de um vão maior para os sinos).⁷³

⁷² Para melhor entendimento, convencionou-se que o observador deve se postar de frente para a fachada principal da Capela para avaliação das laterais esquerda e direita.

⁷³ As aberturas da fachada à esquerda permitem a incidência solar pelo período da manhã. Já a fachada à direita, apesar de receber luz solar diretamente em sua parede, quase não recebe luz direta pelos seus vãos.



a



b



c

FIGURA 24 – Insolação nas fachadas e vãos de ventilação livre (a – b)



a



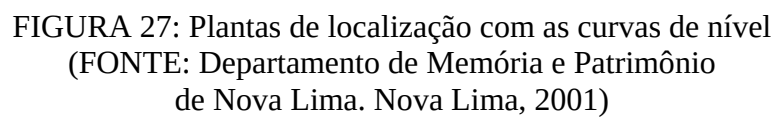
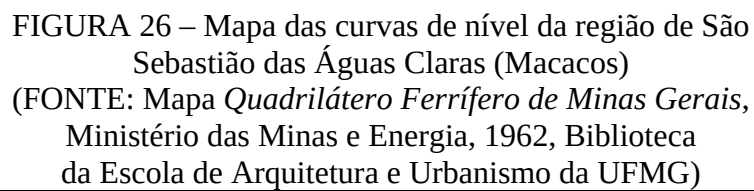
b

FIGURA 25 – Insolação na fachada posterior

5.3.3 O TERRENO

A Capela foi construída num terreno plano, localizado num platô baixo com relação às curvas do terreno em seu perímetro de tombamento, constituídas por elevações e declives. No período de fortes chuvas, a força descendente das águas flui lateralmente, devido à inclinação presente nas ruas, não a atingindo. Para melhor visualizarmos a

26 e 27):⁷⁴



⁷⁴ As plantas foram cedidas pela biblioteca da Escola de Arquitetura da UFMG.

5.3.4 O ENTORNO

O adro que envolve a Capela de São Sebastião é composto por vegetação rasteira (grama). Próximo aos muros, arbustos de médio e pequeno porte. Aos fundos, árvores frutíferas e de maior porte (mangueiras e jabuticabeiras), localizadas nos terrenos vizinhos. Um sistema de drenagem envolve a fachada esquerda, a fachada principal e a fachada direita da capela e o acesso à grande portada é feito por um passeio rústico que se inicia no portão principal.

O arruamento principal do povoado e as ruas laterais possuem calçamento permeável e com boa drenagem. As edificações construídas no entorno são, em sua maioria, de um só pavimento, porém com tendência à verticalização.⁷⁵ São edificações que se designam à moradia e ao comércio, voltado principalmente a bares e restaurantes, em sua maioria, abertos nos finais de semana. Quase todas as construções possuem vegetação composta por árvores frondosas, frutíferas e jardins (internos ou externos). Ainda existe, na rua Nova Lima, em sentido descendente, à direita, um pequeno curral. Os animais são levados todas as manhãs a pastarem na redondeza, retornando ao final da tarde, usando a via principal como acesso.

Durante a semana, este perímetro do entorno da Capela de São Sebastião atende basicamente à população do distrito, com presença de tráfego local de veículos (de pequeno porte, caminhões de água e ônibus) e um pequeno público (turistas e trabalhadores da região e próximo a ela), que freqüentam alguns poucos restaurantes abertos no período do almoço e bares que atendem ao final da tarde. O fluxo aumenta excessivamente durante o final de semana, com a presença de turistas vindos

⁷⁵ Até a década de 80 todas as edificações eram compostas por um pavimento apenas, notando-se a mudança dessa característica no período de 20 anos. Informações retiradas do Dossiê *Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião*, 2001.

principalmente de Belo Horizonte, chegando a causar engarrafamentos nas vias de acesso e na via principal (Cf. p. 31, FIG. 02 e 03). A Capela é utilizada basicamente para o culto diário de seus fiéis, não estando aberta à visitação turística, que ocorre geralmente durante a celebração desse culto.⁷⁶

5.3.5 CARACTERIZAÇÃO

A Capela de São Sebastião, datada do século XVIII, é um edifício construído com materiais e técnicas tradicionais. Estudos realizados pelo IEPHA (1986) e pela ENGEARP (1986 - 1988), no período relacionado à restauração arquitetônica, relatam que ela foi executada em estrutura autônoma de madeira com vedações em adobe, com baldrame, frechais, madres, esteios e aspas (FIG.28). Externamente, foi revestida de reboco caiado⁷⁷ de branco. Os espaços relativos à nave e à capela-mor recebem isoladamente coberturas de duas águas, enquanto que a sacristia recebe cobertura de meia-água (Fig. 29). A cobertura é em telha canal com estrutura em madeira. Internamente as paredes da Capela possuem superfície lisa e caiada de branco, com forro em madeira pintada de bege claro e piso e escadas em madeira encerada. A edificação conta ainda com um anexo erguido atrás da capela mor, com espaçamento necessário para circulação entre os edifícios e que sufoca a fachada posterior, além de ter um modelo construtivo diferente ao da edificação principal.

⁷⁶ Grande número de turistas visitou a Capela logo após sua restauração, devido às propagandas veiculadas nos meios de comunicação, diminuindo muito seu fluxo após o encerramento destas.

⁷⁷ A cal era um material importado. Posteriormente passou a ser obtido das conchas ou mariscos queimados até o aparecimento da cal comum. Na sua falta, era substituída pelo barro branco ou tabatinga. (VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Rona Editora Ltda. 5ª ed revista. 1979. p 62).



FIGURA 28 – Estrutura da Capela
(FONTE: (a) Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda, 1988)



FIGURA 29 – Coberturas
(FONTE: (a) Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda, 1988)

A estrutura autônoma de madeira foi uma das técnicas mais empregadas no Brasil do século XVIII, devido à facilidade e economia de construção e pela imensa variedade de espécies existentes. As madeiras empregadas eram usadas conforme sua disponibilidade na região, tendo-se o cuidado de derrubar as árvores nos períodos secos e obedecendo a fases da lua. O adobe consiste em blocos de barro com dimensões em

torno de 20 x 20 x 40 cm e sem cozimento. São construídos em formas de madeira, nas quais se compacta a terra manualmente, previamente amassada. O barro deve conter percentagens de argila e areia, adicionando algumas vezes, fibra vegetal ou animal (estrupe de boi) para melhorar suas propriedades. São secos na sombra por um período e posteriormente ao sol. Quando secos, os adobes são assentados e emboçados com barro, recebendo revestimento de argamassa que compõe o emboço de barro, podendo ser completado por reboco de cal e areia.⁷⁸

As técnicas empregadas nas edificações do Brasil Colonial se aproveitavam dos recursos que se apresentavam em seu entorno. Essas técnicas tinham em comum, apesar de suas características próprias, o critério de uma construção duradoura, que proporcionava algumas características importantes para o comportamento e longevidade desses edifícios. Segundo ROMO (2001), a tolerância às movimentações, porosidade e inércia térmica são algumas dessas características que contribuíram em muito para o bom funcionamento e resistência aos diversos fatores de deterioração das edificações desse período.⁷⁹

Os movimentos produzidos pelas edificações são provocados pelas contrações e dilatações dos materiais devido a fatores como variações de temperatura, vibrações, ventos, impactos, etc. Os materiais empregados nas técnicas tradicionais são mais tolerantes aos movimentos no seu todo ou em suas partes, devido à maior ou menor compacidade que permite movimentos sem grandes prejuízos à edificação. Um outro fator de grande importância é a porosidade, pois a umidade que penetra por diversos caminhos e a que ocorre através do uso da edificação devem sair para o meio externo.

⁷⁸ VASCONCELLOS, op. cit. p 30-33.

⁷⁹ ROMO, Fernando Rodríguez. *Edificios contruidos con materiales y tecnicas tradicionales. Condiciones ambientales en su uso para museos. Formas de Conservación*. Nota técnica 2. Material constante do curso promovido pelo The Getty Conservation Institute e Cecor/UFGM: Taller en Edificios de Museos y sus Colecciones. Belo Horizonte, MG, 2001. <http://www.laconsorcio.org/ed.eltaller.htm>.

Os materiais empregados na edificação, considerados muito bons isolantes, proporcionavam o equilíbrio entre o meio externo e o interno através da transpiração obtida por essa porosidade presente nos elementos constitutivos. Outra característica é a inércia térmica, onde o ambiente geralmente se mantém estável a variações bruscas, equilibrando assim os efeitos térmicos sob a influência de mudanças climáticas externas, variações térmicas provocadas por pessoas e outras fontes de iluminação e insolação. São considerados muito bons isolantes. Geralmente os materiais utilizados nas edificações tradicionais são considerados pouco eficientes na condução de calor, o que neste caso torna-se uma vantagem. A grande desvantagem das construções tradicionais, como é o caso da Capela, é que seu material constitutivo se deteriora mais rapidamente devido à ação da umidade.

5.3.6 O CLIMA NO INTERIOR DO EDIFÍCIO

Para conhecer as características climáticas internas da Capela, utilizamos dois procedimentos: a observação e a medição. O primeiro procedimento foi realizado no período da restauração da mesma, de maio a outubro de 2002, após o seu término e através de coleta de informações obtidas com os seus usuários e responsáveis por sua manutenção.

O edifício conta com 15 pontos de ventilação (três portas, duas janelas rasgadas, seis vãos de ventilação livres, duas janelas, um vão aberto para os dois sinos e uma veneziana). Podemos dividir o interior da edificação em dois setores: o primeiro se localiza na nave central, área com boa ventilação natural devido à maior concentração desses pontos de ventilação livres (vãos das fachadas), sendo que a fachada direita recebe os ventos predominantes. O local é sempre fresco e com boa aeração. Outro setor

de grande importância é o que abriga a sacristia e a capela-mor, com seus bens artísticos (altar-mor e imagens). Esta área possui duas portas e duas janelas, que, quando abertas, proporcionam uma excelente ventilação, além de permitirem a entrada de sol e calor em determinados horários (no período da tarde), sem incidência direta da luz solar sobre os objetos. É o setor mais úmido, com menos luminosidade natural e com pouca ventilação, podendo ser percebido no ambiente o odor característico dos ambientes fechados, úmidos e sem aeração.

Realizamos as medições de temperatura e umidade relativa do ar na Capela de São Sebastião nos períodos entre o verão e o outono (15 de março a 05 de junho de 2003), através de dois termohigrógrafos programados para leituras abrangendo períodos de duas semanas, em duas áreas da edificação: o primeiro foi localizado no piso do altar-mor, onde ocorre maior concentração de umidade e o segundo, colocado no vão de ventilação interna da fachada direita. O ideal seria realizar um acompanhamento por um período de um ano, conforme recomendações,⁸⁰ porém somente tivemos acesso aos aparelhos no início do ano de 2003.

O clima no interior da edificação se comporta de forma mais estável que o clima exterior, sendo que suas variações são mais sutis com relação ao ambiente externo (FIG.30). A umidade também se mantém sem grandes mudanças bruscas, porém em um nível muito alto. Acreditamos que os fatores que contribuem para a estabilidade interna desta área estejam ligados à tipologia construtiva tradicional da edificação e à pouca ventilação e aeração do setor.

⁸⁰ GUICHEN, Gaël de. *El Clima en los Museos*. ICCROM/Proyecto Regional de Patrimonio Cultural y Desarrollo PNUD/UNESCO. 1987, p 42.

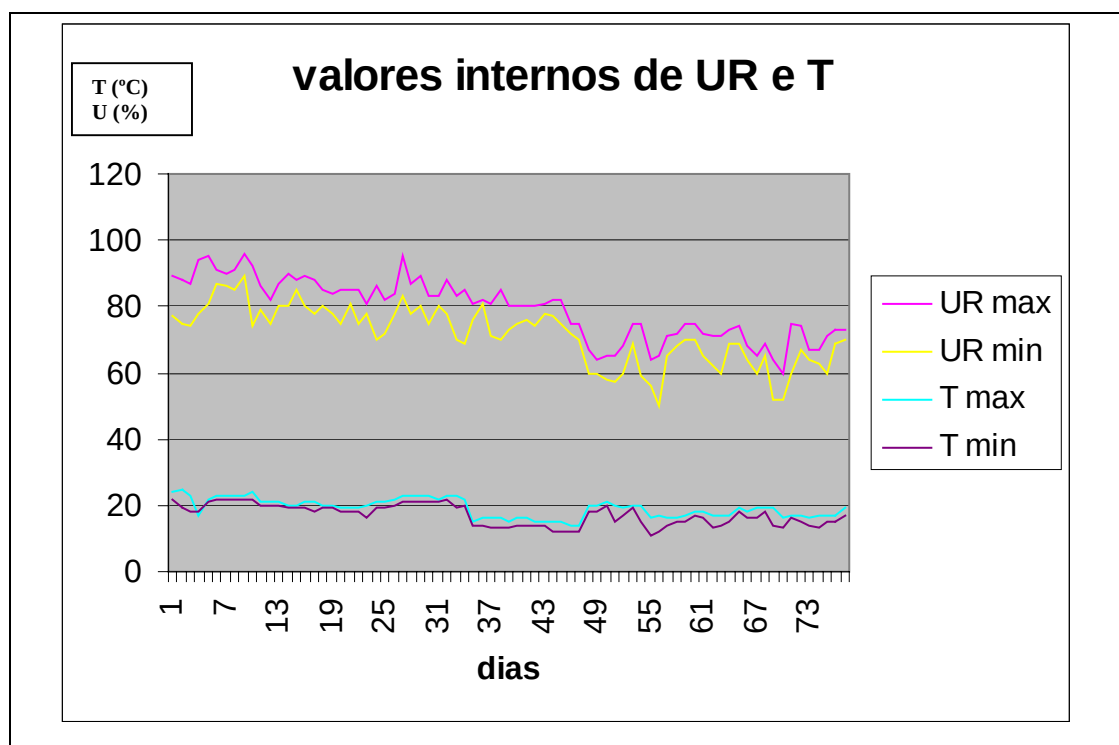
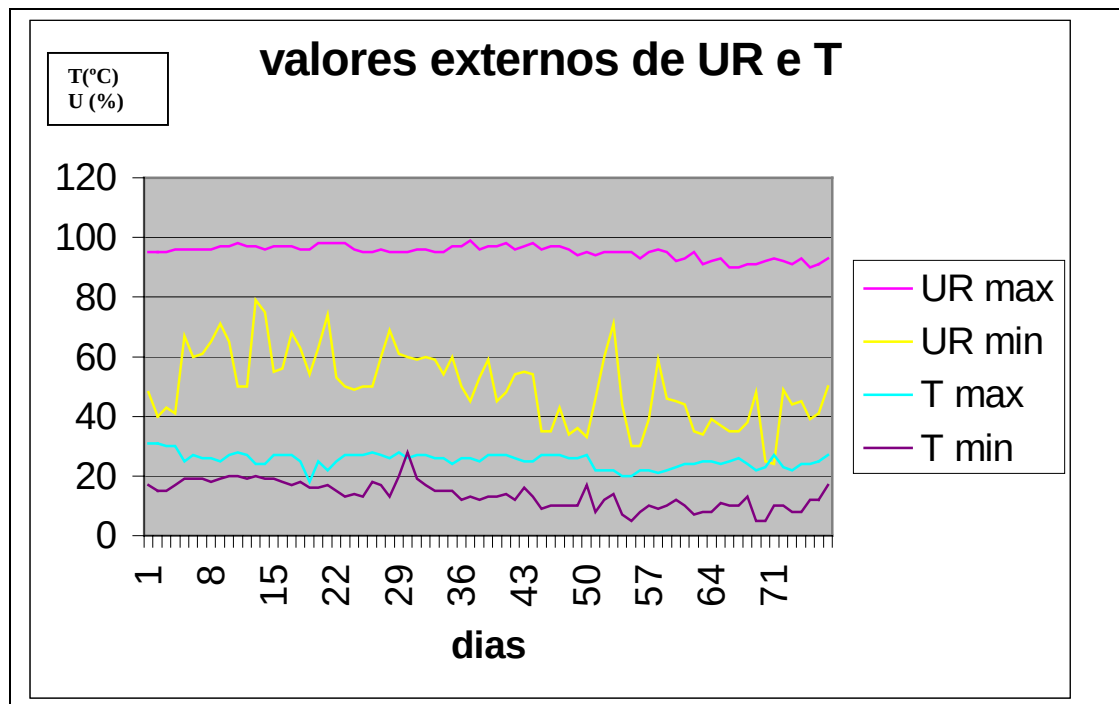


FIGURA 30 – Valores externo e interno

5.4 BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

Para se estabelecer uma intervenção sobre uma obra de arte faz-se necessário um conhecimento prévio sobre sua técnica construtiva, o que permite uma visão mais ampla sobre os seus elementos constitutivos e sua estrutura interna, o processo material usado pelo artista, seu contexto histórico-artístico, as modificações pelas quais passou e em que condição chegou até os dias atuais. Essas informações são extremamente importantes como uma contribuição a mais no estudo da história da arte e das técnicas artísticas, além de possibilitar ações para sua conservação. Segundo Souza (1996), é importante conhecer as técnicas e materiais constitutivos de uma obra de arte, pois “(...) somente a partir desse conhecimento poderemos caracterizar o desenvolvimento da tecnologia de produção das obras e as características dos diversos estilos ou períodos históricos. Além disso, através do conhecimento de seus materiais constituintes é praticamente impossível o estudo de suas causas e processos de degradação.”⁸¹ Na visão de Bradley (1994), o estudo de um objeto tem por finalidade aprender sobre o que ele é, qual sua função, de que se constitui e como se relaciona com outros objetos similares. Integram esses estudos as análises químicas, com a remoção de pequena amostra do objeto.⁸² Todo esse conhecimento, somado às pesquisas sobre as condições do macro e do micro-ambiente e do contexto onde a obra se insere, fornece subsídios para se estabelecerem estratégias de conservação visando o futuro e permanência do patrimônio. Seja ele móvel ou imóvel.

⁸¹ SOUZA, Luiz Antônio Cruz. “Evolução da Tecnologia de Policromia nas Esculturas em Minas Gerais no séc. XVII: O interior inacabado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro, um monumento exemplar”. UFMG-ICEX, Belo Horizonte, MG, 1996. Tese de Doutorado em Ciências Químicas. p.23.

⁸² BRADLEY, Suzan M. “Os objetos têm vida finita?”. Artigo originalmente publicado em S. Keene (org). *Care of Collections Leicester Reads in Museum Studies*. Londres: Routledge, 1994, p. 51-59.

A realidade em que vivemos, porém, se mostra mais árdua. Em um projeto de restauração nem sempre há espaço para pesquisas mais aprofundadas, o que seria o ideal. Em nosso contexto mercadológico, geralmente as propostas orçamentárias são exaustivamente renegociadas e diminuídas em seus valores, recebem cortes naqueles itens julgados excessivos e/ou desnecessários, os prazos são exíguos e quase sempre determinados por interesses pessoais, políticos e regidos por datas comemorativas. Outro fator determinante para esse tipo de contexto se refere às propostas, que em sua maioria se vêem subordinadas a licitações, onde o critério de escolha é determinado muito mais pelo menor preço do que pela qualidade do projeto oferecido e pela excelência e idoneidade da equipe proponente. Assim, o conservador-restaurador precisa contar, basicamente, com sua formação especializada e outros elementos que lhe dêem subsídios necessários para se aprofundar no conhecimento de seu objeto de restauro, buscando suprir as carências de investigações mais aprofundadas através de análises laboratoriais ou outros métodos mais dispendiosos.⁸³

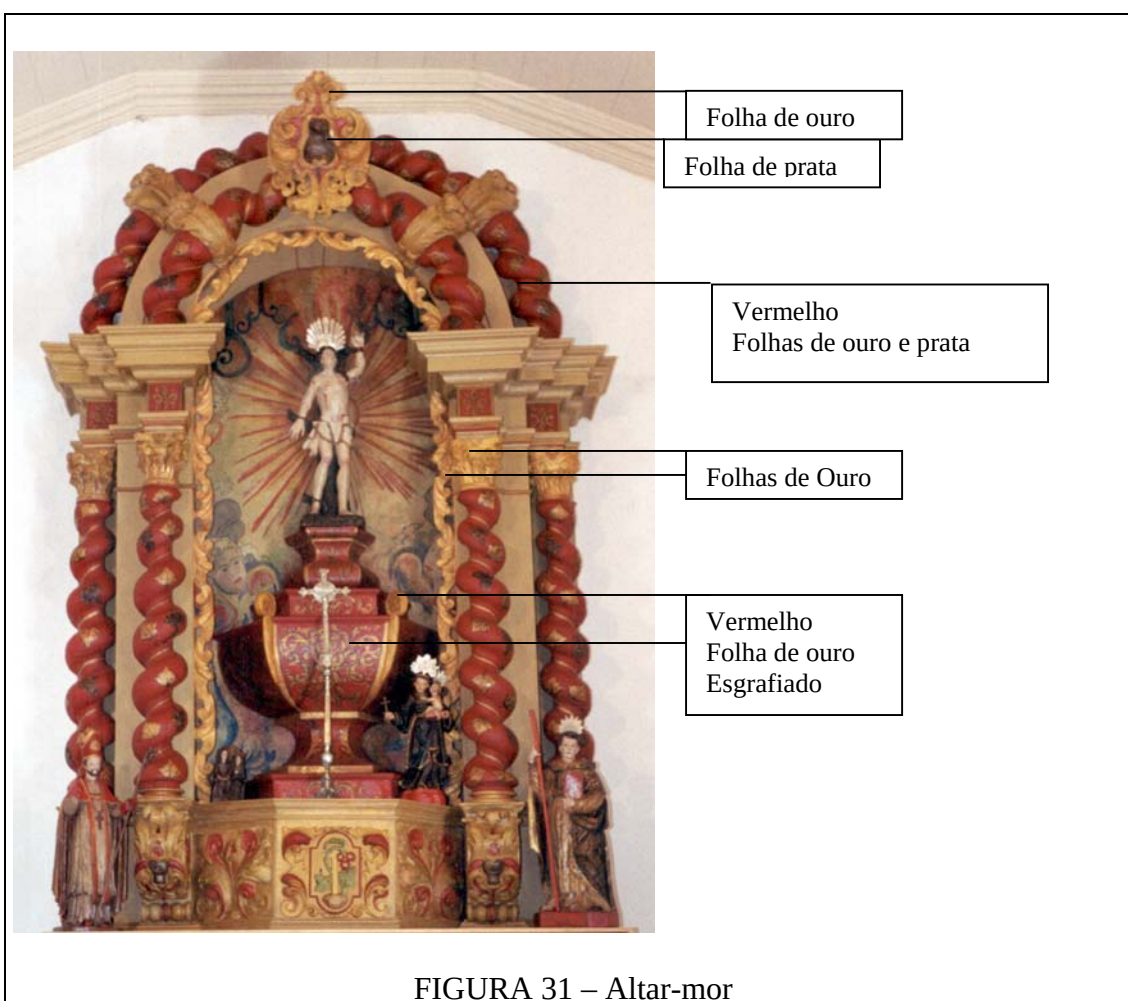
5.4.1 TÉCNICA CONSTRUTIVA

Os dados aqui registrados se referem à pesquisa sobre a identificação dos bens móveis e integrados, restaurados no “Projeto de Restauração da Capela de São Sebastião”. A tecnologia construtiva foi analisada através de exames organolépticos e estudos estratigráficos. As análises realizadas pelo Lacicor – Laboratório de Ciência da Conservação do Cecor/EBA-UFGM – confirmam as várias camadas de repinturas

⁸³ Um metódico exame visual e o uso de diversos meios auxiliares podem determinar uma boa estratégia de intervenção e conservação. Um outro caminho a ser considerado se relaciona às parcerias com as Universidades, dependendo do projeto em questão, através de seus profissionais especializados, em diversas áreas do conhecimento que, em muitos casos, podem oferecer um maior suporte para o conservador-restaurador.

encontradas através de nossos estudos estratigráficos. Não foram incluídos exames para caracterização da madeira. Os resultados aqui apresentados se referem às obras já restauradas, sem as diversas camadas de repintura.

O conjunto artístico presente na Capela de São Sebastião é formado por um altar-mor e cinco esculturas, todas policromadas e douradas, tendo como suporte a madeira. O altar-mor, medindo 4,50 x 2,40 x 1,30 m é formado por inúmeros blocos, tendo um principal e vários secundários, de variados tamanhos, num total aproximado de 80 a 90 peças. Sua estratigrafia, segundo exames pontuais, é composta por base de preparação branca, bolo armênio, camada de policromia com predominância dos tons beges, vermelhos e dourados (presença de resquícios de folhas metálicas: folha de ouro e de prata) e pintura a pincel (FIG.31).



A imagem de São Sebastião (FIG. 32) mede 84 x 33 x 21 cm, tendo sido esculpida em um bloco principal e um bloco secundário localizado em uma pequena área no tronco (não foi possível determinar seu sistema de encaixe). Sua estratigrafia, segundo exames pontuais, é composta por base de preparação branca, camada de policromia com predominância dos tons brancos (perizônio), beges (carnação) e vermelhos (manchas de sangue e tons rosados pontuais), com presença de folha de ouro (resquícios no perizônio) e renda dourada. O tronco tem predominância dos tons terrosos, verdes e vermelhos. Tem incrustado olhos de vidro. Possui cinco flechas em metal e um resplendor.

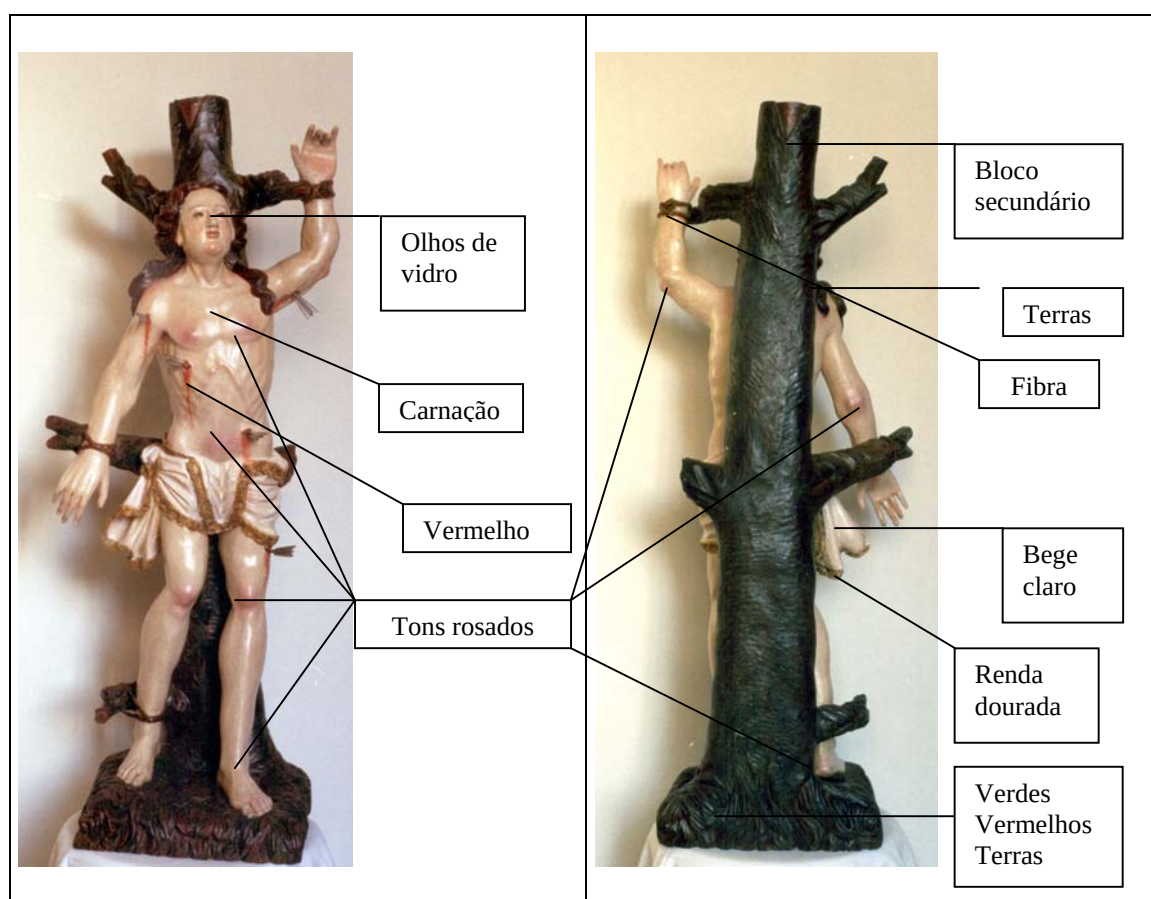


FIGURA 32 – São Sebastião

Santo Antônio com o menino Jesus (FIG. 33), medindo 48 x 24 x 20 cm, foi realizado em um bloco principal, sendo a mão direita um bloco secundário, com sistema de encaixe tipo macho e fêmea. As imagens possuem olhos de vidro. A estratigrafia é caracterizada por predominância de tons terrosos (túnica de S. Antônio), beges (carnação), brancos (perizônio do menino Jesus) e vermelhos (tons rosados pontuais e base da escultura), com presença de folha de ouro (nas bordas da vestimenta de Sto. Antônio). Como anexo, uma cruz em madeira (provavelmente posterior à fatura da imagem) e resplendores.

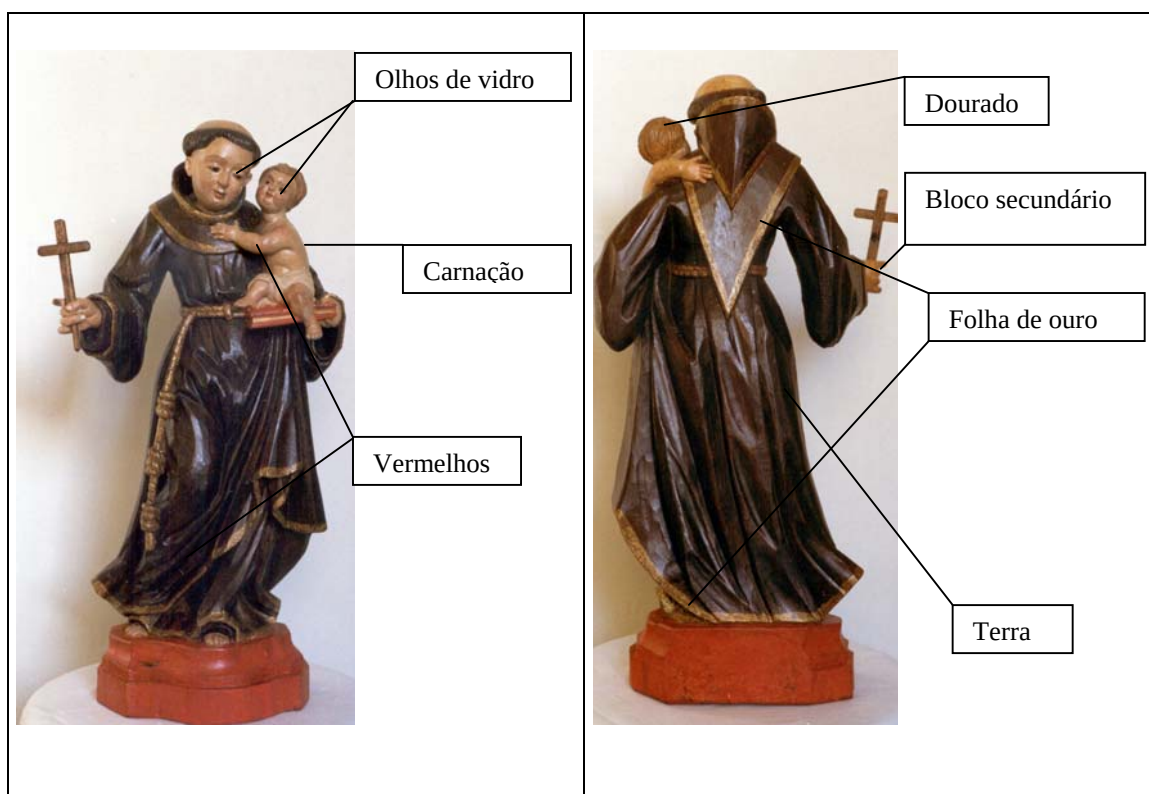


FIGURA 33 – Santo Antônio

Santana Mestra (FIG. 34), a escultura de dimensões menores, mede 29 x 13 x 5 cm e foi esculpida em um bloco único. Seus olhos e os da Virgem menina são esculpido. Sua estratigrafia é caracterizada por base de preparação clara, policromia em tons terrosos

(vestimentas e cadeira), beges (carnação), verdes e vermelhos (resquícios presentes nas vestimentas e na cadeira).

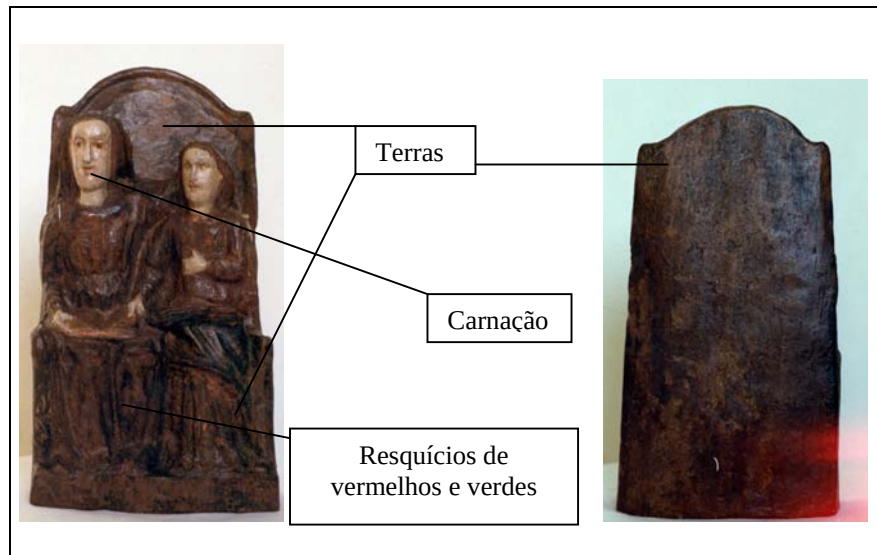


FIGURA 34 – Santana Mestra

As imagens de São Brás e de São Gonçalo são muito próximas em sua caracterização. Ambas as esculturas possuem olhos de vidro. São Brás (FIG. 35) foi esculpido em um bloco principal, tendo como blocos secundários os antebraços, apenas colados, sem a presença de encaixes. Suas dimensões são 71 x 27 x 22 cm e é composto por base de preparação branca, bolo armênio, folha de ouro, policromia em tons vermelhos (manto e escapulário), beges (carnação) e brancos (vestimenta). Seu estofamento é decorado com a técnica do esgrafiado. Possui elementos moldados em cera e dourados (elementos presentes no manto e no símbolo preso à mitra). Como anexo, um cajado em madeira e uma mitra em couro. São Gonçalo (FIG.36), medindo 70 x 29 x 20 cm, segue o mesmo padrão, tendo sido realizado em um bloco único. Sua estratigrafia é composta por base de preparação branca, bolo armênio, folha de ouro, policromia em tons vermelhos (livro e base), beges (carnação), terrosos (cabelos) e

negros (manto e sapato). Seu estofamento é trabalhado com as técnicas do esgrafiado e da punção. Como anexo, um cajado em madeira e um resplendor.



FIGURA 35 – São Brás

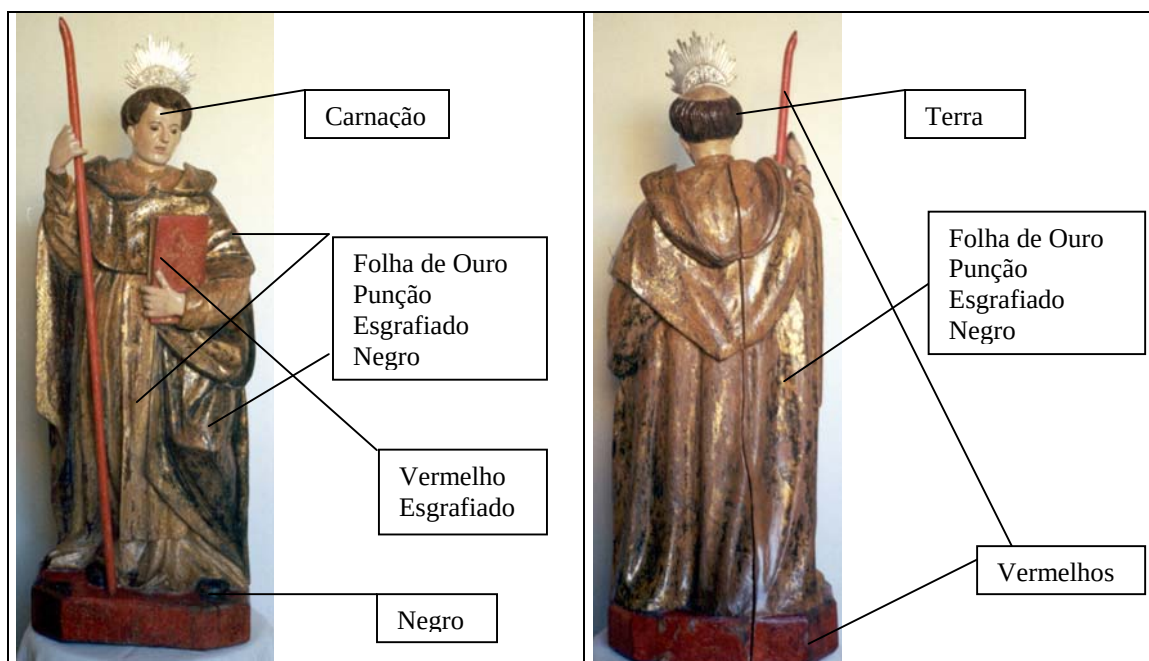


FIGURA 36 – São Gonçalo

6 DIAGNÓSTICO DA EDIFICAÇÃO E DOS BENS INTEGRADOS

A realização do diagnóstico de conservação na Capela de São Sebastião teve por finalidade a localização e o reconhecimento das patologias existentes na edificação e em seus bens integrados, aplicando a metodologia desenvolvida pelo Getty Conservation Institute,⁸⁴ posteriormente adaptada pelo Laboratório da Ciência da Conservação do Cecor – Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG. Esse diagnóstico contou com o apoio de uma equipe interdisciplinar na análise dos dados coletados, por se tratar de uma edificação e com características tão específicas. Arquitetos, engenheiros e conservadores-restauradores⁸⁵ de bens móveis deram o suporte necessário nas análises sobre o edifício, os dados coletados e a compreensão sobre as patologias existentes. O acesso a outros diagnósticos realizados em períodos anteriores foi extremamente importante para compreendermos e compararmos o comportamento da edificação, de seus bens e suas patologias ao longo do tempo.

Na metodologia aplicada procuramos reconhecer as relações entre a edificação e seu contexto, seu interior e seus bens integrados. Segundo Henry (2001), a identificação e diagnóstico das patologias devem seguir um processo cuidadoso de investigação, observação, formulação de hipótese e confirmação/validação da mesma, considerando

⁸⁴ *The Conservation Assessment: A Tool for Planning, implementing and fund raising*. Getty Conservation Institute, 1998. Material constante do curso promovido pelo The Getty Conservation Institute e Cecor/UFMG: Taller en Edificios de Museos y sus Colecciones. Belo Horizonte/MG, 2001. <http://www.laconsorcio.org/ed.eltaller.htm>.

⁸⁵ Prof^a Dr^a Eleonora A. Sad, Engenheira Arquiteta, Professora Adjunta da Escola de Arquitetura da UFMG; Prof. Dr. Abdias Magalhães Gomes, Engenheiro, Professor Adjunto da Escola de Engenharia da UFMG; Wivian Patrícia Diniz, Arquiteta, Conservadora-Restauradora de Bens Móveis, Mestranda em Artes Visuais da EBA/UFMG; Carolina M^a P. Nardi, Conservadora-Restauradora, Mestranda em Artes Visuais da EBA/UFMG; Ana Carolina Araújo e Silva, graduanda do 7º/8º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG e ex-bolsista do Laboratório da Ciência da Conservação/Cecor-UFMG.

que talvez muitas questões de conservação podem se apresentar complexas, indeterminadas e sem respostas conclusivas.⁸⁶

Estabelecemos as seguintes etapas de investigação:

1. levantamento de documentações anteriores sobre a capela e seus bens integrados (relatórios, plantas, registros, projetos, etc.);
2. entrevistas com membros da comunidade;
3. levantamento fotográfico das características e patologias presentes nos bens;
4. informações sobre dados climáticos da região;
5. observação das condições existentes e os possíveis efeitos sobre a edificação;
6. análise dos dados coletados.

6.1 DIAGNÓSTICOS

Dividimos os diagnósticos de conservação realizados entre 1986 e 2002, em três momentos, pontuando suas patologias e reincidências, para então reconhecê-las e estabelecer suas prováveis causas.

O primeiro momento se refere ao primeiro diagnóstico realizado pelo *IEPHA/MG* (1986)⁸⁷ para o processo de intervenção e tombamento municipal e ao segundo diagnóstico (1993)⁸⁸ que apresenta nova proposta de intervenção para a Capela, incluindo um projeto de iluminação para o adro. O segundo se refere ao relatório

⁸⁶ HENRY, Michael C.. “*Patología de las colecciones y edificios: identificación y diagnósticos*”. Nota técnica. The J.Paul Getty Trust. Material constante do curso promovido pelo The Getty Conservation Institute e Ceor/UFGM: Taller en Edificios de Museos y sus Colecciones. Belo Horizonte/MG, 2001. <http://www.laconsorcio.org/ed.eltaller.htm>.

⁸⁷ Assinado pela Arquiteta Selma Melo Miranda, do IEPHA. Relatório de vistoria realizado em 1986. Belo Horizonte. Arquivos do IEPHA-MG.

⁸⁸ Em 25 de novembro de 1991 foi realizada uma vistoria para um projeto de iluminação externa da Capela pelo engenheiro elétrico Marcelo Lucena de Vasconcelos e o arquiteto Miguel Capobianco. A nova proposta de intervenção, assinada pela Arquiteta Delmarí Ângela Ribeiro, é datada de 09 de julho de 1993 e inclui, além da proposta de iluminação externa, uma nova proposta de intervenção na Capela. Todos os profissionais eram do IEPHA/MG.

realizado pela *Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda.* quando da restauração arquitetônica ocorrida entre 1986/1988. O terceiro se refere aos diagnósticos por nós realizados em julho de 2002 e pelo Departamento de Engenharia de Materiais e Construção da Escola de Engenharia da UFMG (outubro de 2002).⁸⁹

6.1.1 INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS - IEPHA/MG

No relatório de vistoria realizado pelo IEPHA (1986), a edificação foi considerada razoável em seu estado de conservação. A principal preocupação se concentrava nos seus elementos estruturais, forros e revestimentos que tiveram como causas principais de degradação a ação das águas pluviais e o ataque de insetos xilófagos e microorganismos sobre o madeiramento. O arruinamento dos pés de esteio e baldrames e de cabeças de madres, tirantes e frechais, foram os responsáveis pela desarticulação de algumas áreas da estrutura com a desestabilização dos componentes interligados, que causaram deslocamento de adobes e queda de reboco. Algumas intervenções causaram problemas de ordem estrutural. O arruinamento de alguns elementos estruturais ocasionaram perturbações no equilíbrio da estrutura (FIG. 37).

⁸⁹ Visita realizada em 04 de outubro de 2002 pelo Prof. Dr. Abdias Magalhães Gomes, Engenheiro e Professor Adjunto da Escola de Engenharia da UFMG acompanhado por sua equipe de estagiários e bolsistas composta neste dia por Fernanda Magalhães Gomes, Rafael Motta Neiva, Mariana Moreira Kanut, Geraldo Koch, Carlos Eduardo de Oliveira Santos, Marco Antônio Ferreira de Castro, Daniel Dias Rabelo e Juliana Oliveira Costa.

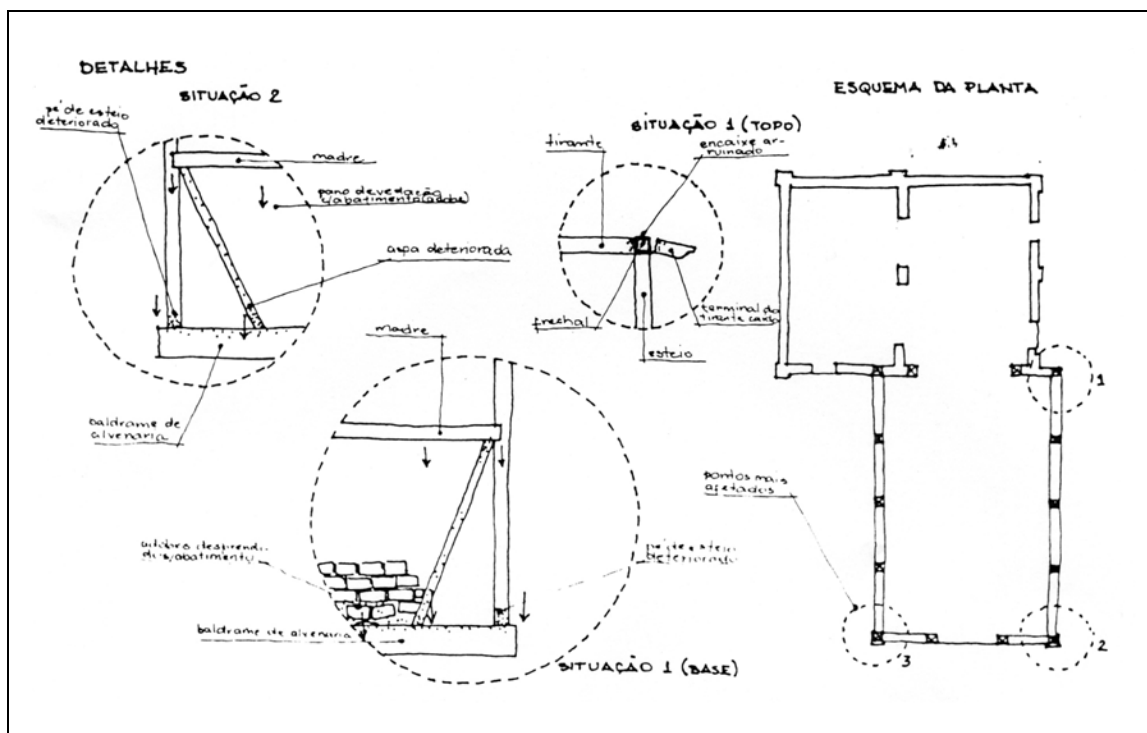


FIGURA 37 – Desenho dos problemas estruturais detectados pela primeira inspeção
(FONTE: Relatório IEPHA/MG, 1986, p. 13)

A cobertura sofreu anteriormente uma reforma integral com troca das telhas originais por telhas tipo francesas. Foram localizados pontos de infiltração devido às telhas quebradas ou trincadas. Elementos estruturais do telhado encontravam-se deteriorados. Internamente, o piso do altar-mor foi considerado em bom estado de conservação, com detecção de intervenções anteriores. O forro de frisos da nave estava gravemente atacado por insetos xilófagos, com desprendimentos e empenamentos em vários locais e sobre os frisos, acúmulo de entulho. O forro de frisos da sacristia foi considerado em razoável estado de conservação, com restrições quanto ao seu desempenho. Os painéis da abóbada da capela-mor, em tabuado liso, se encontravam em bom estado de conservação, mas com possível ataque de insetos xilófagos e outras deteriorações.

O revestimento das paredes estava bastante degradado com grandes áreas de desprendimentos e bolsões, devido às movimentações estruturais. As superfícies interna

e externa da nave possuíam as maiores lesões, concentradas na fachada lateral direita, nos trechos sob o coro e próximo ao altar e na área sob a escada do coro. O excesso de umidade danificou outras áreas localizadas ao longo da base das paredes externas. Não foram realizados exames mais detalhados de algumas áreas como as esquadrias, ferragens, cimbalhas internas e instalação elétrica. Quanto aos bens móveis e integrados, foram considerados apenas o altar-mor e as cinco peças em madeira policromada. Não foi realizado diagnóstico detalhado do estado de conservação, apenas chamando-se a atenção para a grosseira repintura descaracterizante, sendo consideradas em bom estado de conservação com exceção da imagem de São Brás, que já nesta época apresentava forte deterioração por insetos xilófagos. Ao final do relatório fica a recomendação da continuidade do trabalho de verificação do levantamento métrico e coleta de dados mais amplos sobre alteração e estado de conservação dos elementos arquitetônicos, para conclusão do diagnóstico e formulação da proposta de intervenção.

Cinco anos após a restauração arquitetônica, uma nova proposta de intervenção foi apresentada pelo IEPHA/MG (1993), relacionada com a pintura externa da Capela, com o reboco e pintura do muro de alvenaria do adro e com o anexo ou casa paroquial. Segundo relatório, a Capela necessitava de nova pintura (à cal). Não encontramos nenhuma referência quanto a problemas existentes no interior do templo.

Pelas indicações contidas no relatório, é de se supor que a Capela possuía, como novas patologias, as superfícies das paredes atacadas por umidade, com presença de mofo e áreas em desprendimento (este fato deve estar relacionado à fachada posterior, pois este mesmo problema foi detectado na última intervenção); partes soltas e mal aderidas; presença de imperfeições profundas da parede; manchas de gordura ou graxa; rebocos soltos e desagregados no muro; problemas no anexo, com águas pluviais causando degradações na edificação histórica; problemas com a cobertura.

O relatório não esclarece se as patologias acima mencionadas estavam presentes no interior da igreja, além de não ser feita nenhuma referência sobre os bens integrados.

6.1.2 ENGEARP ARQUITETURA E ENGENHARIA LTDA.

O diagnóstico realizado pela *Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda.*, para a restauração arquitetônica, ocorrida entre 1986 e 1988, veio ratificar os problemas já detectados na avaliação realizada pelo IEPHA/MG (1986), chamando a atenção para a necessidade de consolidação da estrutura de madeira, bastante deteriorada em seus componentes, além do grave ataque de insetos xilófagos no forro da capela-mor e em quase todo o seu madeirame; revestimento das paredes com áreas bastante danificadas e em desprendimentos; instalações elétricas e de som, consideradas bem precárias e em sua maior parte com fios aparentes.

Quanto aos bens integrados, o relatório observa sobre a presença de cinco a onze camadas de repinturas no altar-mor,⁹⁰ merecendo uma restauração por especialistas restauradores, assim como para o altar lateral que possui pintura decorativa sob as repinturas.⁹¹ Não há menção de exames estratigráficos nas esculturas em madeira policromada.

⁹⁰ Estudos estratigráficos realizados pelas conservadoras-restauradoras do Cecor/EBA-UFGM, Ivê Duarte Madeira (in memoriam) e Gislaine Randaso Teixeira Moura por solicitação do Prof. Ivo Porto de Menezes, responsável pela restauração arquitetônica da Capela de São Sebastião (informação cedida pela conservadora-restauradora Gislaine Randaso Teixeira Moura).

⁹¹ Não foram encontrados registros de restauração dos bens integrados (altares e esculturas policromadas). Quando da restauração destes, em 2002, foi solicitado um projeto de restauração apenas para o altar-mor e as cinco imagens em madeira policromada, sem a inclusão do arco-cruzeiro e do altar lateral direito, que merecem uma atenção especial.

6.1.3 CONSERVADOR-RESTAURADOR E DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS E CONSTRUÇÃO – ESCOLA DE ENGENHARIA/UFMG

Antes de solicitarmos a presença do Prof. Abdias M. Gomes e sua equipe, realizamos um primeiro diagnóstico do estado de conservação da capela, com o objetivo de reconhecimento das patologias existentes. Posteriormente as informações foram repassadas à equipe do Departamento de Engenharia, acompanhadas do levantamento fotográfico.

Anteriormente ao diagnóstico, desde o início do projeto de restauração, realizamos um levantamento fotográfico de toda a edificação e de seus bens integrados, para os primeiros reconhecimentos sobre o objeto em estudo e as patologias existentes. Posteriormente foi realizado o levantamento de conservação⁹² da edificação (ANEXO IV), com coleta de dados feitos através de observações e informações repassadas por membros da comunidade local.

Observamos a reincidência dos mesmos problemas estruturais detectados nos relatórios anteriores, porém com os elementos estruturais em madeira em melhor estado de conservação. A edificação possuía fontes de umidade provenientes de drenagem insuficiente do telhado/cobertura, criando infiltrações e escorrimentos (internos e externos) nas paredes. Entre o anexo e a edificação, encontramos calçamento sem drenagem aos fundos, com presença de orifícios próximos à parede da edificação. A argamassa apresentava decomposição e desagregação, alguns elementos em madeiras em decomposição e respingos de água nas paredes externas com desenvolvimento de

⁹² Realizado em 12 de julho de 2003, junto à Ana Carolina Araújo e Silva (graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG e bolsista do Laboratório da Ciência da Conservação/Cecor-UFMG) e aos dois auxiliares de restauração e membros da comunidade local, Hugo Agostinho Gomes e Sheila Rodrigues Oliveira.

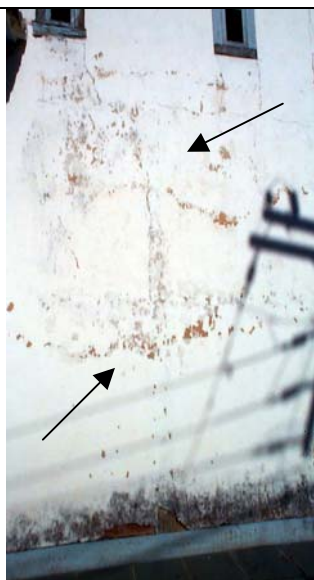
microorganismos principalmente na área entre a capela e o anexo. Verificamos rachaduras e trincas nos pontos de descargas da estrutura da edificação; atividades diárias de limpeza que liberam água para o ambiente através de pano úmido e cera; porão sem ventilação, no altar-mor (abaixo do nível da rua) e abaixo da escada do coro, favorecendo o desenvolvimento de microorganismos (FIG. 38).



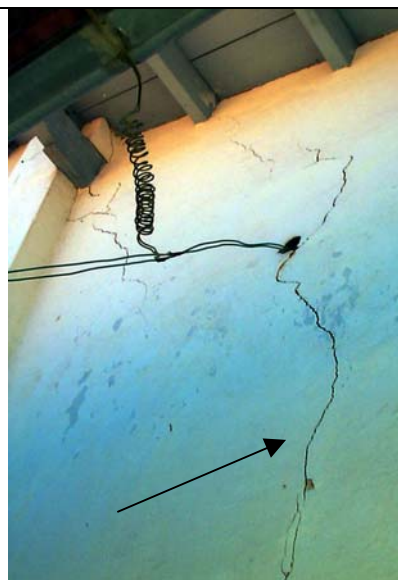
a – reboco com perda e em desprendimento



b – perda de reboco



c – desprendimento de pintura



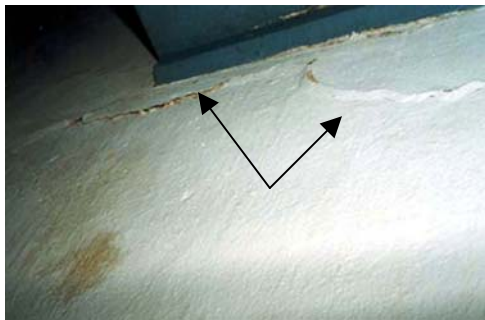
d –rachadura



e - Parede com microorganismos entre anexo e fachada posterior da edificação



f - Manchas de umidade pelos respingos de chuva



g - Reboco abaixo do Coro com descolamento e desagregação



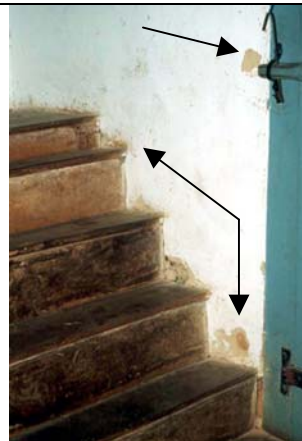
h - Intervenção na parede acima do Coro



i - Mancha de umidade na parede do Coro



j - Rachadura



k - Desgastes e perdas de reboco



FIGURA 38 – Estado de conservação da edificação: área externa e interna

Quanto à ventilação, esta é prejudicada pela constância das portas fechadas, embora haja aberturas sem vedação nos vãos superiores. As instalações elétricas encontram-se com fiação aparente e expostas a riscos de curto-circuito, além de sinais de comprometimento (fios descascados, com emendas precárias). A segurança física é feita por travamento com tronco de madeira na porta principal e janelas rasgadas do coro, portas laterais fechadas por chaves e trincas, janelas da sacristia com trincas horizontais, portas abertas somente em ocasião de celebrações de maior porte (FIG. 39).



FIGURA 39 – Sistema de segurança e instalações elétricas

O diagnóstico subsequente, realizado em outubro de 2002 pela equipe do Departamento de Engenharia de Materiais e Construção da Escola de Engenharia da UFMG,⁹³ ocorreu no momento em que as intervenções arquitetônicas já se encontravam em andamento, proporcionando um encontro com a equipe responsável pela intervenção arquitetônica. Houve uma tentativa de diálogo através de algumas sugestões com relação às intervenções em questão.

⁹³ Avaliação por inspeção da Igreja de São Sebastião da Águas Claras, localizada em Macacos, Município de Nova Lima do Estado de Minas Gerais. Departamento de Engenharia de Materiais de Construção. Escola de Engenharia da UFMG. Belo Horizonte, 2002.

Segundo a avaliação apresentada (ANEXO V), as patologias foram identificadas como sendo trincas superficiais (fissuras) e deterioração de peças de madeira. Foram vistoriados a alvenaria, o piso externo e a madeira. Foram realizados posteriormente à avaliação exames laboratoriais, concluindo, segundo relatório, que as paredes da Capela são constituídas por solo estabilizado (adobe), altamente suscetível à formação de fissuras, devido tanto pela retração inicial, quanto pela movimentação higroscópica reversível do material. Essas fissuras são caracterizadas pela distribuição em toda a superfície e ausência de orientação. A atuação de cargas localizadas provocou o aparecimento de fissuras inclinadas a partir do ponto de aplicação. A concentração de tensões nos vértices de janelas e a ausência de verga e contra-verga apropriada causaram fissuras de diversas configurações no entorno das janelas. Encontrou-se na edificação argamassa com filito, para revestimento das paredes e por esse ser um argilo mineral expansivo está sujeito ao descolamento (oca) e ao aparecimento de fissuras. A argamassa não aderiu à madeira devido à incompatibilidade dos materiais (diferentes coeficientes de dilatação). Encontraram-se indícios de intervenção em determinados locais, visando proteger as juntas de tijolo de adobe, onde aparentemente foi usada uma argamassa de cimento e areia. Devido ao material constitutivo da edificação, que é sensível à umidade, a resistência aos esforços mecânicos diminui bastante, facilitando a proliferação de fungos e insetos, podendo haver empenamento devido à variação de umidade e dilatação desta; O passeio de entrada da Capela não apresenta juntas de dilatação, o que ocasionou o surgimento de fissuras por retração.⁹⁴

⁹⁴ O piso a que o relatório se refere já é o novo, em substituição do antigo, em ardósia.

6.2 INTERVENÇÕES NA EDIFICAÇÃO E NOS BENS INTEGRADOS

A Capela de São Sebastião vem sofrendo intervenções desde sua edificação. Existem registros datados de 1801, sobre as reformas executadas.⁹⁵ No século XIX, a edificação passou por várias intervenções, documentadas em relatório⁹⁶ no período de 1854. Porém as mais graves e descaracterizantes ocorreram já no século XX. Segundo informações orais, o antigo cemitério foi destruído, os pisos e forros originais substituídos, a sacristia modificada e um anexo construído nos fundos da Capela.

A primeira restauração arquitetônica realizada na Capela foi viabilizada, em 1986, por um convênio entre a MBR e o IEPHA/MG e realizada pela ENGEARP Arquitetura e Engenharia Ltda.⁹⁷ Com duração de dois anos, a capela foi completamente recuperada, dando-se especial atenção à sua estrutura, gravemente comprometida pela ação de insetos xilófagos e infiltrações. Os elementos trocados em intervenções anteriores, como pisos, forros e cobertura do telhado foram recuperados. Apesar da recomendação do IEPHA/MG em se demolir o anexo, houve protestos e resistência da comunidade, sendo fixada sua permanência, apesar do comprometimento estético que ela impõe à Capela.

⁹⁵ Documento constante do processo movido pela Cúria Metropolitana de Belo Horizonte para legitimação de posse do patrimônio territorial da capela (apud *Dossiê do Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião*. Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima: 2001).

⁹⁶ Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro. Relatório apresentado pela Assembléia Legislativa Provincial de Minas Gerais na Sessão Ordinária de 1854, ao Presidente da Província Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos. Estado das Capelas, Matrizes e Ermidas e Auxílio recebido dos cofres públicos (apud *Dossiê do Processo de Tombamento da Capela de São Sebastião*. Departamento de Memória e Patrimônio de Nova Lima. Nova Lima: 2001).

⁹⁷ MBR – Minerações Brasileiras Reunidas S.A., firma financiadora, tendo o IEPHA/MG como órgão fiscalizador e a ENGEARP como executora da restauração.

Algumas das intervenções realizadas anteriormente à restauração arquitetônica⁹⁸ se localizaram no sistema construtivo, com substituição das telhas tipo canal originais por telhas francesas, substituição da estrutura de madeira e vedações em adobe na capela-mor e sacristia. Foi construído um anexo aos fundos do adro, totalmente discordante da Capela, além dos passeios de proteção e passarelas feitos em cimento grosso e colocação do portão de ferro. No frontispício há uma veneziana de vedação do vão da empena, onde se supõe haver existido um sino maior e mais antigo. Observou-se a ausência de enquadramento nos vãos de janelas e portas da capela-mor e sacristia. Foram colocados elementos em madeira com pintura a óleo e esquadrias na capela-mor e sacristia.

No interior a nave sofreu substituição do piso em tabuado corrido por cimento natado e das primitivas tábuas de abóbada facetada por frisos. O altar lateral original foi substituído por um de alvenaria junto ao arco-cruzeiro (FIG 40), além da introdução de mãos francesas por suporte do tirante intermediário. O piso de tabuado da capela-mor foi substituído parcialmente por piso cimentado e o forro em abóbada facetada foi parcialmente modificado. Realizaram uma abertura de vãos na ilharga do lado do Evangelho, com grande abertura na parede divisória com a sacristia, além da adaptação de uma janela em basculante de ferro na capela-mor (FIG.41), junto ao altar-mor. Foram colocadas cantoneiras nos ângulos das paredes de fundo para suporte de imagens (consideradas incoerentes com a tradicional composição de interiores).

Levantamentos realizados pela Engearp afirmam que a capela-mor, assim como a sacristia, também foi reconstruída em tijolo com paredes reforçadas por pilares externamente.

⁹⁸ Dados contidos nos “Relatório de vistoria realizado em 1986. Belo Horizonte. Arquivos do IEPHA-MG” e “Relatório de Restauração da Capela de São Sebastião. Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda. Belo Horizonte, 1988”.

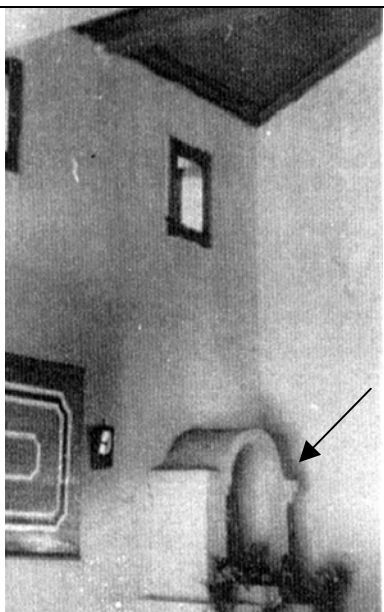


FIGURA 40 - Altar lateral de alvenaria (FONTE: Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda. 1988)

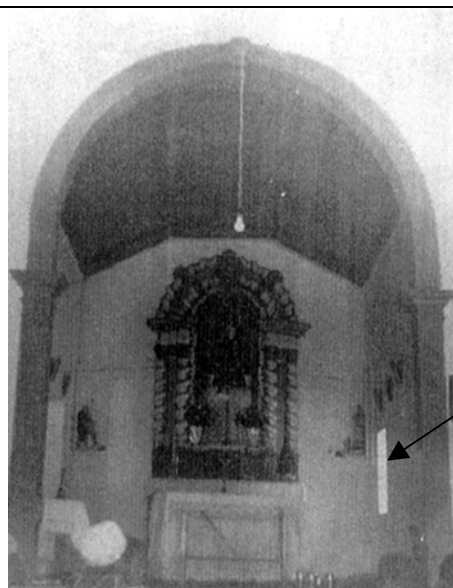


FIGURA 41 - Basculante na capela-mor (FONTE: Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda. 1988)

A restauração arquitetônica concentrou-se na estrutura autônoma de madeira da nave nesta estrutura. Outro ponto de grande atenção foi a tentativa de harmonizar as modificações anteriores, integrando-as, quando possível, ao conjunto ainda setecentista. Foram mantidos os apilarados na capela-mor e sacristia, com a nova volumetria desta última, respeitando-se o acabamento dos fechamentos dos vãos, porém suprimindo a basculante da capela-mor e a remoção das cantoneiras.

Nesse período, ocorreu a imunização da madeira e a consolidação da estrutura autônoma de madeira da nave, com substituição de todo o telhado da nave, capela-mor e sacristia. As esquadrias foram restauradas e algumas substituídas além dos pisos de nateado retirados, com a execução de novo piso de tabuado corrido. As escadas do púlpito e coro foram restaurados e os forros foram substituídos, uma vez que não possuíam pintura subjacente. As alvenarias de adobe foram retiradas e restauradas com os mesmos adobes previamente tratados e o altar lateral de alvenaria foi demolido. O

revestimento das paredes foi feito com argamassa apropriada para sua adesão à alvenaria antiga e as alvenarias foram retocadas na capela-mor e sacristia.

Toda a instalação elétrica e de som foram substituídas e um novo padrão Cemig foi executado em local mais apropriado com entrada subterrânea para a Capela. Criou-se uma tubulação para a fiação de energia elétrica e sonorização. As paredes foram pintadas com pintura látex branca, as madeiras aparentes com azul fosco, forros com pintura a óleo fosca em bege (indicado por fiscal do IEPHA/MG), o cruzeiro pintado em azul fosco, todo o poial⁹⁹ em cor branca em seus paramentos e remoção das pinturas do sino. No adro foram confeccionadas passarelas revestidas de placas de ardósia, um novo muro divisório foi feito sendo o antigo demolido, além do adro receber grama por toda sua extensão. Realizou-se um sistema de drenagem por toda a volta da Capela, para recolhimento das águas pluviais advindas dos telhados, encaminhando-as para fora do adro, por tubulação embutida (FIG. 42).



FIGURA 42 – Dutos de Drenagem
(FONTE: Engearp, 1988)

⁹⁹ “poial - ¹Lugar onde se assenta alguma coisa; ² assento de pedra junto à parede, na entrada de uma casa.” Instituto Antônio Houaiss. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2246.

Os bens integrados (considerados apenas o altar mor e o altar lateral) não foram restaurados. Apenas sofreram uma limpeza, pelo acúmulo de poeira durante a intervenção na edificação. Porém foi detectada a existência de pintura de melhor qualidade sob as várias camadas de repinturas, recomendando-se sua restauração por especialistas da área.

A última intervenção ocorreu quatorze anos após a restauração arquitetônica da Capela, desta vez visando a restauração dos bens integrados. Para tanto, em junho de 2000, foi solicitada a uma equipe de restauradoras,¹⁰⁰ pela C/Arte Projetos Culturais, uma visita à Capela para a realização de um diagnóstico do estado de conservação do altar-mor e de cinco imagens em madeira policromada. Em maio de 2002, o projeto intitulado “Restauração da Capela de São Sebastião das Águas Claras” foi aprovado, dando-se início aos trabalhos no mesmo mês de sua aprovação.

Com relação aos bens integrados, foram constatados os seguintes problemas: o altar-mor encontrava-se em gravíssimo processo de degradação devido ao ataque por agentes biológicos (insetos xilófagos e microorganismos) e com desagregação da madeira. Possuía várias camadas de repinturas sobre o original, além de sujidades generalizadas (FIG. 43). As imagens encontravam-se com o mesmo processo, sendo que as mais atacadas por agentes biológicos e umidade, foram as de São Brás e São Gonçalo, guardadas no anexo da Capela (um local absolutamente inadequado, devido à precária ventilação) desde sua restauração em 1988. As outras três imagens continham repinturas, sujidades generalizadas e intervenções anteriores.

¹⁰⁰ Carolina M^a Proença Nardi, Moema N. Queiroz, Zilma F. Paiva: Conservadoras-Restauradoras Especialistas formadas pelo Cecor/EBA-UFMG.



a – Ataque de térmitas



b - Detalhe



c – Galerias abertas



d - Detalhe

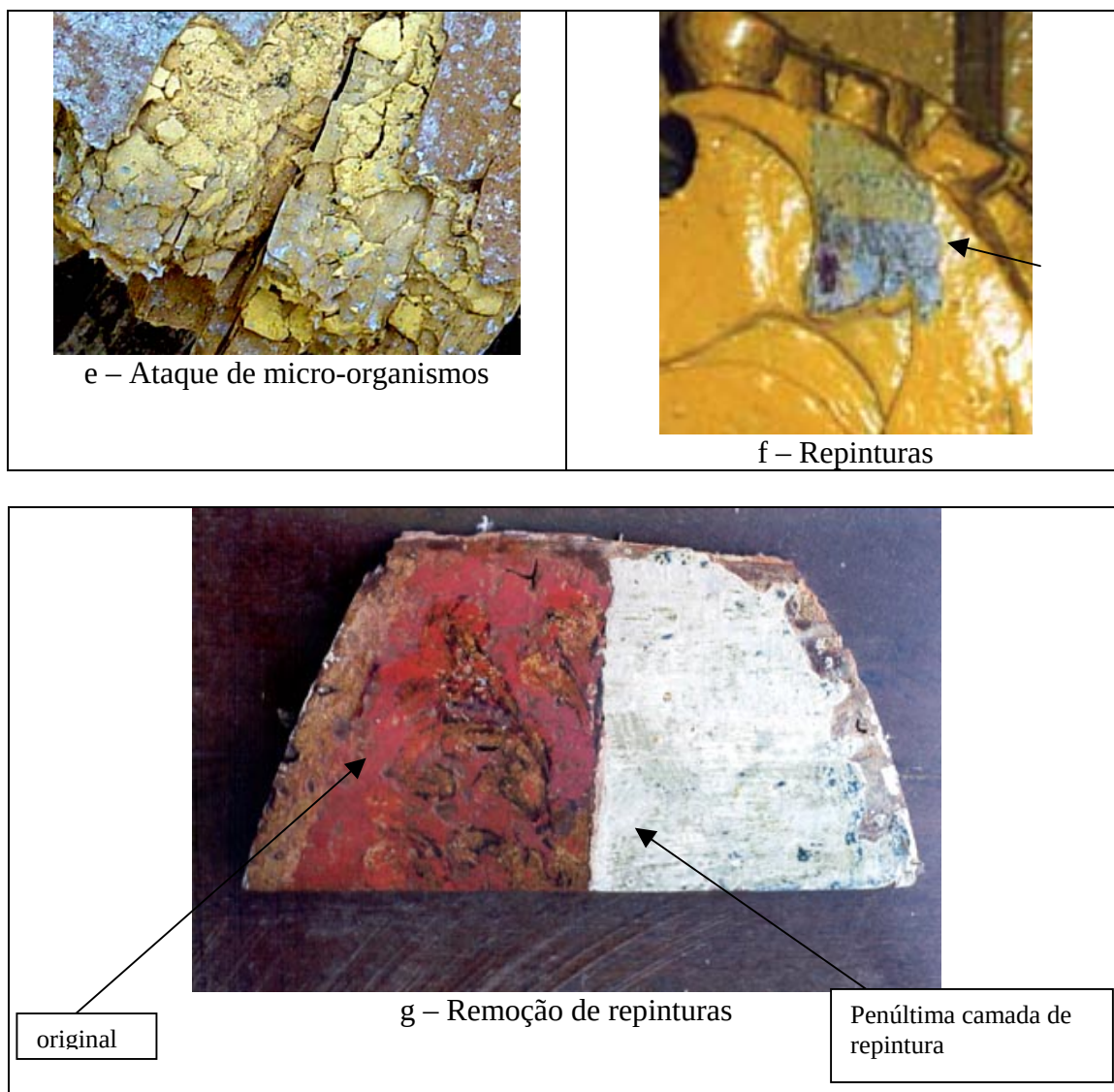


FIGURA 43 – Estado de conservação do altar-mor

As intervenções realizadas nos bens integrados foram as seguintes:

- desmontagem e mapeamento do altar-mor;
- imunização curativa e preventiva das obras;
- higienização e limpeza das peças;
- refixação das camadas pictóricas em grave desprendimento;
- faceamento nas áreas frágeis;
- abertura das galerias causadas por insetos xilófagos, para a remoção dos excrementos;

- enrijecimento e consolidação do suporte, gravemente atacado pelos microorganismos e insetos xilófagos;
- remoção das várias camadas de repintura (especialmente no altar-mor onde, através de exames estratigráficos realizados no local, encontrou-se em torno de até 10 camadas de repintura);
- limpeza da camada pictórica original;
- complementação de partes faltantes dos suportes para recomposição dos elementos decorativos faltantes e substituição de elementos estruturais (previamente tratados) que perderam sua função devido ao ataque de micro-organismos, insetos xilófagos e umidade;
- complementação de elementos estruturais e artísticos;
- remoção do piso do altar-mor e sua substituição, além da substituição dos seus elementos estruturais (as madeiras de sustentação não tinham condições de serem reaproveitadas);
- remoção do entulho abaixo do piso do altar-mor por ter sido um meio extremamente propício para o acúmulo da umidade que determinou o desenvolvimento de micro-organismos e proliferação de insetos xilófagos;
- nivelamento;
- reintegração cromática das imagens e do altar-mor;
- remontagem do altar;
- camada final de proteção;
- recolocação e fixação das imagens no altar (medida preventiva de segurança).

O edifício também passou por uma intervenção externa e interna neste mesmo período. Ele apresentava processos semelhantes de degradação, identificados nos

levantamentos anteriores. Em seu interior, as pinturas das paredes foram renovadas e os forros receberam novas vedações em suas junções. Áreas do reboco em desagregação foram substituídas por novo reboco. Telhas rompidas foram substituídas. Na área abaixo do altar-mor, foram realizadas limpeza e remoção do entulho existente, sendo colocada uma manta de brita para servir de barreira contra a umidade ascendente (FIG. 44). A capela-mor recebeu nova iluminação. Consultando o engenheiro Leonardo Barreto, do IPHAN, a sugestão foi a instalação de dois spots de vapor metálico com filtro UV, tipo projetor modelo WDL com tubo cerâmico, direcionados para o retábulo. Foi instalado um modelo similar.



Na área externa, as fachadas laterais receberam novo reboco e pintura. As madeiras atacadas por térmitas e formigas foram tratadas. As pedras de ardósia que cobriam o passeio de acesso à Capela e o calçamento lateral foram removidas. A fachada posterior e o anexo também foram renovados em suas pinturas. Não tivemos acesso aos procedimentos utilizados na intervenção arquitetônica. Procuramos alguma

documentação junto à direção do patrimônio de Nova Lima, mas fomos informados de que o relatório referente a esta etapa não fora ainda repassado ao Departamento de Patrimônio.

Posteriormente ao término das intervenções, submetemos o sistema de drenagem a testes, conferindo e comprovando sua boa condição de uso.

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PATOLOGIAS, SEUS FATORES DE DEGRADAÇÃO E AS AÇÕES EMPREENDIDAS

É fato que nada é eterno e há um final para todo ser ou objeto. Mas o fim físico de um patrimônio pode ser adiado através da preservação, de medidas conservativas, do cuidado e da dignidade com que pode ser tratado. E pode ainda se fazer eternizar pela guarda e apropriação de seus valores etéreos e não tangíveis, através da memória. Na batalha contra o relógio para a preservação do patrimônio, encontramos o seguinte pensamento:

“O problema central do cuidado e da conservação é que nada dura para sempre – todo objeto tem um limite de vida. Portanto, o objetivo do profissional de museus é retardar, e não paralisar o processo de deterioração.”

(Cassar, 1995)

O processo de deterioração é um fator determinante para a degradação de bens culturais. Não detectado a tempo, pode promover a ruína de importantes e fundamentais valores e qualidades materiais e imateriais intrínsecos ao patrimônio. A perda de um bem patrimonial não deixa somente uma lacuna física, mas promove um vazio na história, na memória, no processo de identidade de um grupo e de uma sociedade.

Ao tentarmos identificar as patologias presentes nos diagnósticos realizados entre 1986 a 2003, procuramos estabelecer os fatores de degradação comuns a esses períodos, para melhor conhecimento e compreensão dos diversos processos patológicos, suas causas e sintomas, buscando estabelecer possíveis ações adequadas ao ambiente e ao contexto nos quais se insere o patrimônio. Outro fator de grande importância nesse levantamento foi a tentativa de estabelecer um ponto de interação e diálogo com os diversos profissionais envolvidos na investigação, transformando-a num elemento de

comunicação, compreensão e estímulo para os responsáveis diretos pela conservação e manutenção do patrimônio aqui investigado: a comunidade da Capela de São Sebastião.

7.1 PATOLOGIAS

Ao compararmos os diagnósticos, detectamos os seguintes problemas:

- elementos estruturais, coberturas, pisos e revestimentos em madeira: desarticulação de algumas áreas da estrutura e desestabilização dos componentes interligados;
- pontos de infiltração;
- degradação de áreas localizadas ao longo da base das paredes externas; rebocos soltos e desagregados nas paredes externas e internas com grandes áreas de desprendimentos e bolsões;
- superfícies das paredes com presença de microorganismos e áreas em desprendimento, localizadas principalmente na fachada posterior do edifício, próximo ao anexo;
- fissuras e rachaduras nas paredes internas e externas;
- precariedade das instalações elétricas e de som, em sua maior parte com fios aparentes.

7.2 FATORES DE DEGRADAÇÃO

Constatamos que as patologias mais graves, detectadas em todos os diagnósticos, estão ligadas aos seguintes fatores:

- técnica construtiva empregada na edificação, comportamento e incompatibilidade de alguns materiais;
- degradação por umidade através de: águas pluviais (por direcionamento de condutores; infiltração via telhados, juntas e gretas; salpicadas nas fachadas; transportadas por capilaridade), alta umidade relativa interna e, conseqüentemente, ataques biológicos;
- pouca ventilação/aeração na sacristia e capela-mor (áreas com altos índices de umidade relativa).

Quase toda a estrutura da edificação é composta por madeira e adobe. Segundo relatório apresentado pelo Departamento de Engenharia de Materiais de Construção da Escola de Engenharia da UFMG,¹⁰¹ o adobe é um material altamente suscetível à formação de fissuras, tanto pela retração inicial quanto pela movimentação higroscópica reversível do material. Outros fatores que provocaram o aparecimento das fissuras estão ligados à atuação das cargas localizadas a partir do ponto de aplicação: as tensões nos vértices e a ausência de verga e contra-verga apropriada causaram fissuras de diversas configurações no entorno das janelas; outro fator de degradação detectado se originou pela atuação diferenciada dos materiais presentes na construção da Capela, onde se

¹⁰¹ *Avaliação por inspeção da Igreja de São Sebastião da Águas Claras, localizada em Macacos, Município de Nova Lima do Estado de Minas Gerais.* Coordenação: Prof. Abdias Magalhães Gomes. Departamento de Engenharia de Materiais de Construção. Escola de Engenharia da UFMG. Belo Horizonte, 2002.

utilizou argamassa com filito¹⁰² para revestimento das paredes. Por esse ser um argilo mineral expansivo é passível ao descolamento (oca) e ao aparecimento de fissuras. Os diferentes coeficientes de dilatação proporcionaram a falta de aderência da argamassa na madeira.¹⁰³

Quanto à madeira, esse material orgânico foi muito utilizado, tanto na estrutura da edificação quanto no interior da Capela (elementos estruturais, de acabamento, decorativos e bens integrados). Relacionando ainda algumas degradações à tipologia construtiva da edificação, as paredes da Capela são constituídas de madeira e adobe que, como já foi dito, é um material orgânico com característica de alta absorção de umidade. Logo, a madeira em contato com ele é bastante afetada: a resistência aos esforços mecânicos diminui bastante, facilitando a proliferação de fungos e insetos, podendo haver empenamento e dilatação devido à variação de umidade. Embora fácil de ser trabalhada, resistente e fácil de se encontrar, a madeira apresenta características, para nosso contexto, bastante negativas, pois é de fácil combustão, putrescível, passível de ataques biológicos, resistência reduzida pela absorção de água e variação de dimensões pelo aumento ou diminuição de umidade.

Nos problemas detectados, observamos que um dos fatores de maior degradação da madeira presente no ambiente (externo e interno) foi a umidade. O aumento da umidade relativa do ar pode causar o inchamento das peças, aumentando seu volume, principalmente devido às paredes da edificação, compostas por materiais higroscópicos que retêm umidade em seu corpo, transmitindo-a para o interior do edifício; a deficiência na canalização de águas pluviais pode provocar o acúmulo de água em determinados

¹⁰² Rocha metamórfica formada essencialmente de minerais do grupo das micas, microscópicos e isorientados (elementos magnetizáveis pelo campo terrestre orientados segundo este campo), o que determina o aspecto folheado e brilhante, característico desta rocha. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.297.

¹⁰³ GOMES, op. cit.

pontos da edificação, ou infiltração, etc. que afetarão os elementos em madeira. Nos bens integrados o excesso de umidade provoca o desprendimento de policromia, tensões em encaixes que produzem fendas ou rachaduras.¹⁰⁴ Somando-se a estes fatores, fungos e insetos xilófagos podem se desenvolver mais rapidamente em condições úmidas e quentes, espaços escuros e ar estagnado. Com o nível de umidade muito alto presente no ambiente, fungos se proliferam, liberando substâncias que lhes permitem digerir materiais orgânicos, no caso a madeira e o couro, causando fragilidade e manchas, além do perigo à saúde.

Não foram realizadas análises que determinassem os tipos específicos dos organismos patológicos (ou agentes biológicos), responsáveis pelo processo de degradação dos elementos em madeira da Capela (principalmente no altar-mor e esculturas e elementos estruturais de sustentação do piso do altar-mor). Porém, em linhas gerais, podemos afirmar que a edificação e os bens integrados foram atacados principalmente por fungos e insetos xilófagos (térmitas).

No ambiente externo, encontramos microorganismos que se desenvolveram principalmente devido à umidade e à falta de luz solar direta. Estamos nos referindo à fachada posterior da edificação, próxima ao anexo. O anexo é um fator de agravamento para o comportamento da área interna da edificação, justamente a capela-mor, onde se encontram os bens integrados. É um edifício que causa sombreamento, pouco fluxo de ventilação e pouca incidência solar direta sobre o passeio de concreto e as paredes da edificação principal. A confecção do dreno, realizada em 1986-1988, quando da restauração da edificação, não foi estendida a esta área. Devido às chuvas e a um sistema de calhas não muito eficiente, ocorre o acúmulo de água neste local. Há também

¹⁰⁴ MASCARENHAS, Antonio Carlos Q. *As Variações Dimensionais nos Bens Culturais em Madeira*. In: MENDES, Marylka, BAPTISTA, Antonio Carlos. *Restauração: ciência e arte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1998, p. 361-374.

pequenos orifícios no piso, rentes à parede da edificação histórica, que se tornam fontes de infiltração. Em períodos mais úmidos é possível ver o desenvolvimento de microorganismos sobre a parede da Capela (fundos, principalmente), somente removidos quando realizadas novas pinturas na edificação. Nas madeiras expostas, percebemos a presença de insetos xilófagos (térmitas) e formigas, além de ninhos de abelhas e marimbondos.

No interior da edificação encontramos principalmente fungos e insetos xilófagos (térmitas). Para melhor compreendermos a atuação dos fungos, estes são considerados vegetais muito primitivos que necessitam de outros organismos para poderem sintetizar substâncias nutrientes necessárias para sua sobrevivência. Seu corpo é formado por finos fios entrelaçados (hifas) que se agrupam em fibras, formando uma espécie de fina teia (micélios). O corpo reprodutor chama-se carpóforo e dele se desprendem as esporas que produzem novo fungo. Ao atuar na madeira, decompõem a celulose e/ou a lignina convertendo-as em substâncias por eles assimiladas. Necessitam que a madeira possua uma umidade mínima entre 18-20%, pois não podem se reproduzir em madeiras e ambientes secos. O meio considerado mais favorável para seu desenvolvimento, segundo Merino (1991), se encontra no ponto de saturação das fibras, na presença de água livre nos lumens celulares (35-50%). Temperaturas entre 3-5°C já possibilitam o crescimento dos micélios, sendo que, com o aumento da temperatura, o desenvolvimento dos fungos é mais acelerado (23-30°C).¹⁰⁵ Constituem uma grave ameaça à conservação do patrimônio. Em estado dormente apresentam pouca ameaça às pessoas e objetos. Porém, quando encontram um ambiente propício a seu

¹⁰⁵ MERINO, Felix Laceras. *Patología de la madera: Hongos e insectos xilófagos*. In: Curso de Patología: Conservación y Restauración de Edificios. Tomo 2. Comisión de Asuntos Tecnológicos. Madrid: Servicio de Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1991, p. 7-25.

desenvolvimento, instalam-se através de seus esporos em suspensão, na superfície das obras, eclodindo e se desenvolvendo.¹⁰⁶

Nas madeiras localizadas abaixo da escada de acesso ao coro e do altar-mor da Capela de São Sebastião, encontramos um tipo de ataque causado possivelmente por fungos do tipo podridão parda úmida, que afetam a madeira submetida a condições ambientais úmidas, por falta de ventilação ou agentes atmosféricos. No tipo de ataque observado, a madeira perdeu quase toda a sua resistência mecânica, desfazendo-se em fragmentos. Somando-se a esse fator, percebemos a descoloração de algumas madeiras, a presença de colônias de fungos, além do odor característico de mofo. Este tipo de ataque se deu de forma grave, principalmente nos elementos estruturais sustentadores do piso do altar-mor, que estavam diretamente em contato com o solo e próximos a entulhos de obras anteriores em meio a muita sujeira, que é um fator que contribui para a absorção de água e formação de meio ácido e nutrientes propícios para determinados microorganismos se estabelecerem.

Os insetos xilófagos são outra imensa catástrofe ao nosso patrimônio, sendo considerados umas das pragas mais destruidoras da madeira, principalmente em nosso tipo de clima. São classificadas em todo o mundo cerca de duas mil espécies de cupins. Somente no Brasil, são encontradas cerca de 1800 espécies,¹⁰⁷ sendo que apenas pequena parte ataca e destrói madeiras em edificações e objetos. São insetos sociais que vivem em colônias e com atividades distribuídas por castas (rainha, reprodutores, soldados e operários). A fundação de uma colônia se dá por revoadas de casais alados em reprodução, com a transformação da fêmea em rainha; também ocorre pela

¹⁰⁶ MINC-Ministério da Cultura/SPHAN/Fundação Nacional Pró-memória. *Manual Técnico I – madeira, características deterioração, tratamento*. p. 52 (apud DRUMOND, Maria Cecília de Paula. *Preservação e Conservação em Museus*. In: Caderno de diretrizes museológicas I. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2002, p. 111-113).

¹⁰⁷ MASCARENHAS, Antonio Carlos. *Os Insetos Xilófagos, Os Monumentos e Os Museus*. (Material didático integrante do 9º Curso de Especialização do Cecor/UFMG, 1990).

separação de parte da colônia e desenvolvimento de reprodutores substitutos ou pela migração de parte da colônia e dos reprodutores para novo local.¹⁰⁸ Estes insetos alimentam-se de substâncias nutritivas da madeira, se reproduzem no seu interior pela segurança que lhe é oferecida, se protegem das variações climáticas e dos inimigos. Cavalcante (1982) nos fornece três grupos de térmitas: os de madeira úmida, que se instalam na madeira úmida aí construindo ninhos; os de madeira seca, ou aquela madeira com baixo teor de umidade e os de solo, que constroem o ninho no solo, atacando madeiras próximas. A infestação pode se dar de diversas formas:

- pelo solo, os cupins subterrâneos se deslocam via pilares, paredes, dutos, pelo interior ou exterior, podendo contaminar toda a edificação;
- através de materiais contaminados, bases de madeira, painéis, acervos infestados, embalagens, materiais constitutivos da edificação;
- através da umidade acentuada presente na madeira;
- pelos arbustos e árvores próximos à edificação, que ao serem atacados, servem de passagem para os insetos até a construção;
- no período de acasalamento, em forma alada, quando da revoada dos cupins (agosto e setembro).

Detectou-se a presença de túneis no interior da Capela, localizados na área acima do arco cruzeiro e nas madeiras na área sob o altar-mor, característicos de cupins de solo, embora não tenhamos conseguido encontrar seu ponto de origem. Ao abrirmos as galerias formadas nos diversos blocos do altar-mor, encontramos larvas de cupins em plena atividade. As condições de umidade e temperatura no interior da edificação foram um dos importantes itens de favorecimento para o desenvolvimento dos térmitas,

¹⁰⁸ CAVALCANTE, Messias. *Deterioração Biológica e Preservação da Madeira*. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo – IPT/Divisão de Madeiras. São Paulo: IPT, 1982, p. 8.

acrescido de falta de uma ventilação eficiente e pela pouca iluminação. A alta umidade na madeira é um facilitador da atuação tanto dos térmitas, quanto dos fungos, que ao degradarem a celulose promovem a instalação dos térmitas, principalmente os de solo.¹⁰⁹

O calor e umidade relativa são agentes físicos que devem ser bem observados. Seus efeitos, quando sem controle, podem ser destrutivos tanto para a edificação quanto para os elementos artísticos. Estes agentes não podem ser eliminados e devem ser otimizados para melhor preservar um objeto.

A água está presente em quase todas as partes, em forma de vapor ou líquido. Em climas muito secos se encontra vapor de água na atmosfera, sendo que os objetos tendem a doar água para o meio. Em climas muito úmidos é grande a quantidade de vapor de água no ambiente, provocando condensação de água em superfícies frias, chegando ao ponto de saturação ou orvalho. A umidade relativa é definida como a quantidade de umidade presente no ar em uma determinada temperatura em comparação com a quantidade máxima que este ar pode suportar. Num dia quente o ar tende a se expandir, restando grande quantidade de umidade, sendo que ao anoitecer e ao cair da temperatura a retenção de umidade por esse mesmo ar diminui, acontecendo a condensação do excesso de vapor de água no ambiente. Para um dado volume de ar, a umidade relativa aumenta na medida que a temperatura cai.

O problema da umidade relativa se baseia em suas variações bruscas, que podem causar sérios danos físicos. Muitos materiais podem sofrer expansão ou contração com as mudanças bruscas de umidade. Em condições muito úmidas, eles tendem ao inchaço e ao rompimento. Em condições muito secas, podem ficar quebradiços e fáceis de se

¹⁰⁹ MASCARENHAS, Antonio Carlos. *Ação das térmitas sobre as estruturas de madeira e elementos afins*. Maio de 1989. (Material didático integrante do 9º Curso de Especialização do Ceco/UFGM, no ano de 1990).

romperem. Em condições muito úmidas e quentes, a proliferação de agentes biológicos é estimulada.¹¹⁰

Existe uma série de recomendações entre especialistas da conservação sobre os valores ideais de umidade relativa para objetos artísticos. Os níveis normalmente recomendados para a UR ficavam em torno de 50 ou 55%. São padrões europeus indicados para climas temperados e frios. Entretanto, valores absolutos vêm sendo cada vez mais questionados e investigados por conservadores em todo o meio profissional mundial. É fato que, tanto os seres vivos quanto os materiais tendem a uma adaptação ao ambiente onde se encontram. Objetos que estejam em regiões com alta umidade relativa média (75% de UR, por exemplo) tendem a chegar a um estado de equilíbrio com o ambiente, se adaptando a estas condições de alta umidade relativa.¹¹¹ Nesse caso, deve-se observar a circulação de ar no ambiente, importante fator para o controle de agentes biológicos.

Levando-se em consideração que a umidade relativa média na região onde se insere a Capela é em torno de 74,5%, através de um parecer emitido pela Prof^a. Eleonora S. Assis sobre os dados médios mensais da região, ao serem tratados segundo procedimentos por ela desenvolvidos (FIG. 45). A seguir, o gráfico por ela apresentado:

¹¹⁰ THOMSON, Gary. *El Museo y su Entorno*. Madrid: Akal, 1998. Traducción de la 2ª edición inglesa por Isabel Balsinde, p. 90.

¹¹¹ SOUZA, Luiz A. C., “ *A Importância da Conservação Preventiva*”. p. 5-6. Artigo posteriormente publicado em: Souza, L.A. C., In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade, 52, 1994.

“para gerar a variação média horária típica de cada mês e plotando estes dados na carta psicrométrica para Águas Claras, podemos observar as condições de preservação de vários tipos de acervo neste clima, a partir das ‘zonas ambientais ideais’ recomendadas por Cassar (1997). A figura a seguir mostra o resultado onde, prevalecendo os critérios da citada autora, somente durante o período de inverno haveria condições ambientais adequadas para a preservação de materiais higroscópicos e variados, tal como o objeto de estudos desta dissertação.”¹¹²

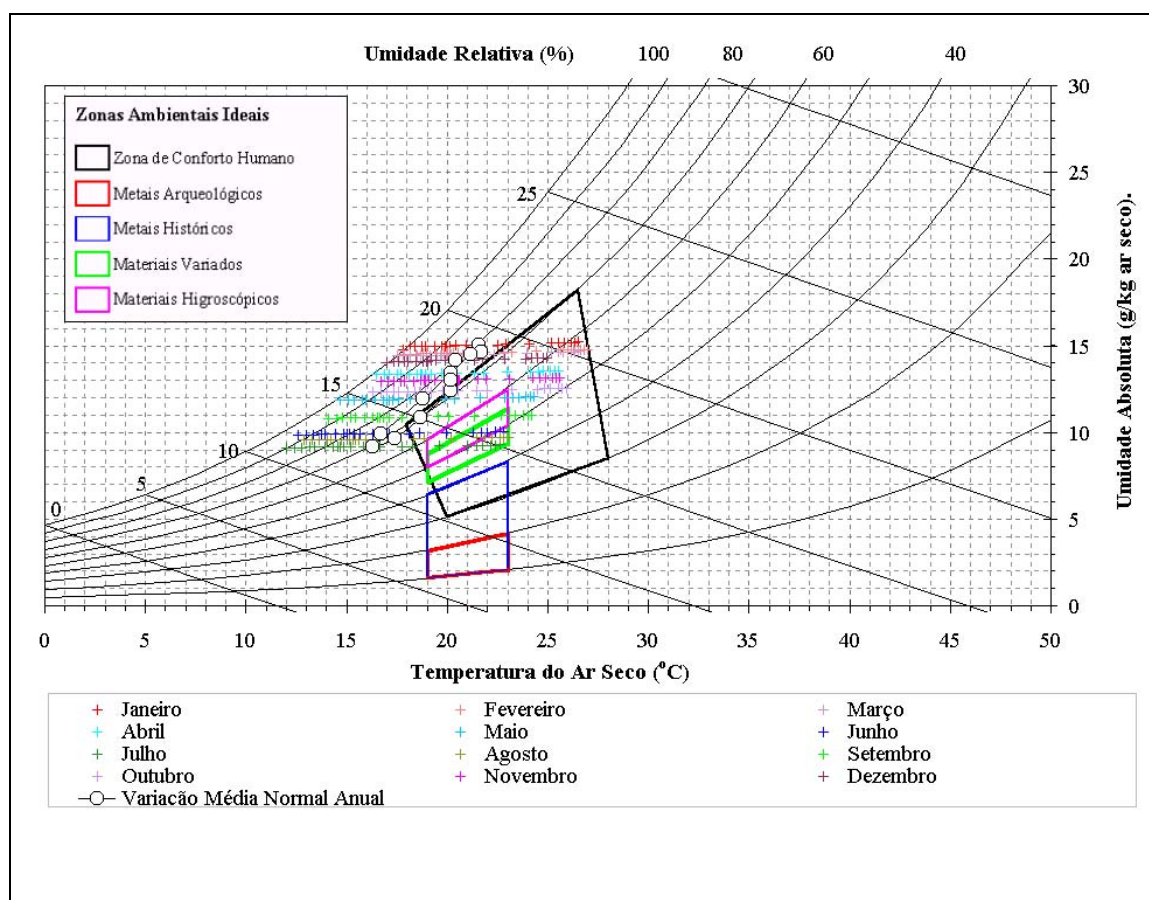


FIGURA 45 - Variação média normal anual e mensal horária estimada dos dados de temperatura e umidade relativa na Estação Climatológica de Águas Claras, no período de 1983-1990. (FONTE: MBR)

¹¹² Tese de Doutorado, defendida pela Profa Eleonora S. Assis.(ASSIS, Eleonora Sad. *Impactos da forma urbana na mudança climática: método para a previsão do comportamento térmico e melhoria do desempenho do ambiente urbano*.Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2000. 273p)).

Segundo ainda os gráficos realizados pela Prof^a Eleonora Assis, observa-se uma certa variação de umidade relativa durante o ano ocorrendo no inverno grandes amplitudes psicrométricas e os altos índices de pluviosidade durante o verão. Entretanto percebemos, através das medições realizadas, que a edificação possui uma boa inércia térmica que absorve estas variações, mantendo a área estável, sem mudanças bruscas de umidade relativa, o que é positivo para as obras por um aspecto, porém altamente preocupante por outro.

No que tange aos objetos artísticos no interior da Capela de São Sebastião, o setor formado pela capela-mor e sacristia ofereceu as condições ideais para a deterioração dos mesmos pela proliferação dos agentes biológicos, devido às condições apresentadas pelo ambiente: presença abundante de madeira, alto índice de umidade relativa, precária ventilação e aeração do ambiente devido às raras aberturas das janelas e portas e insuficiente iluminação natural.

A falta de ventilação/aeração¹¹³ no ambiente foram outros fatores agravantes de deterioração. No interior da Capela, o setor mais bem ventilado é o da nave principal, uma vez que aí se concentram as aberturas livres de ventilação além de duas janelas rasgadas no coro da Capela, abertas sempre durante o dia. A área problemática, como citado anteriormente, se concentra no setor composto pela sacristia e pela capela-mor que possui duas janelas e duas portas que, quando abertas, provocam uma circulação de ar branda além de permitirem que o calor externo e a incidência solar penetrem no ambiente. Contudo esse ambiente fica constantemente fechado, sendo aberta somente a

¹¹³ Normalmente os termos ventilação e aeração não são diferenciados, embora existam rótulos para cada um dos termos. A ventilação é considerada a ação do vento, o movimento do ar. A aeração é considerada a renovação do ar por efeito natural do vento ou de outra causa. Optamos por usar os dois termos em nosso texto. (MONTENEGRO, Gildo. *Ventilação e Cobertas: estudo teórico, histórico e descontraído*. São Paulo: Edgard Blücher, 1984, p.4.).

porta da sacristia, quando necessário. Somente aos domingos ocorre a abertura total desse ambiente, junto aos outros da igreja, para a celebração da Missa Dominical.

A ventilação é um importante fator promotor de melhoria da qualidade do ar no interior dos edifícios e do equilíbrio térmico do ser humano. Para o homem, a ventilação influencia no aumento da intensidade dos processos físicos em que ele transfere seu excesso de calor para seu meio: em ambientes frios a circulação sanguínea na superfície da pele é reduzida e em ambientes quentes a circulação aumenta. Para os edifícios, uma ventilação adequada dispersa poluentes do ar interno, restabelece os níveis de oxigênio do ambiente, reduz a umidade do ar, mantém um bom grau de pureza do ar, diminuindo certos tipos de doença, refresca o corpo humano e melhora sua sensação de bem estar, produzindo um conforto térmico dentro dos ambientes.¹¹⁴ Edificações que possuem pé direito de grandes dimensões são considerados ambientes benéficos, pois a altura do pé direito influi fortemente no conforto. Segundo Scigliano e Hollo (2001), quanto maior as dimensões da construção, maior a dificuldade do ar frio em atingir o centro do mesmo; o pé direito alto em uma edificação provoca um aumento significativo na sua ventilação natural.

Muitos edifícios antigos são naturalmente ventilados. A corrente de ar livre interna e externa circula por janelas e portas abertas, penetrando também através de frestas e fendas presentes na estrutura do edifício. Algumas edificações religiosas mais antigas possuíam sanefas na parte superior das paredes, além de outros elementos de passagem de ar que tinham a função de promover a aeração do ambiente, ou seja, a renovação natural do ar. A cobertura com telhas de barro tipo canal ou colonial também funcionam como saída de ar aquecido, e por serem confeccionadas manualmente, produziam

¹¹⁴ SCIGLIANO, Sérgio; HOLLO, Vilson. *IVN – Índice de Ventilação Natural. Conforto Térmico em Edifícios Comerciais e Industriais em Regiões de Clima Quente*. São Paulo: Pini, 2001, p.15-17.

pequenas falhas e irregularidades que acabavam por auxiliar no processo de aeração do ambiente.

Não podemos precisar como era a Capela de São Sebastião em sua construção original, pois desde sua edificação ela vem sofrendo diversas intervenções. Através das pesquisas nos dossiês e relatórios produzidos na década de 80, percebemos que nesta época havia, na capela-mor, uma janela tipo basculante (posterior à construção original) na parede à direita do altar-mor, que certamente era mais um foco de ventilação e iluminação desse ambiente. Uma outra abertura de ventilação existia na área externa superior, na parede entre a nave central e a capela-mor (não podemos afirmar ser uma abertura original ao edifício). Estas duas passagens de ar foram extintas. A primeira, com certeza, na restauração arquitetônica ocorrida em 1986-1988. Não encontramos informações sobre a extinção do outro vão. Não podemos afirmar sobre a tipologia dos forros existentes anteriormente, nem sobre seus arremates. Na década de 80, eles já não eram mais os originais, sendo em friso de pinho, em tabuado com mata-juntas. Foram substituídos por forros de tabuado liso, pintados a óleo fosco em cor clara. Esses forros são totalmente vedados, não permitindo a circulação de ar e as sanefas são presas diretamente na parede, sem vãos de ventilação. Portanto, até 1988 a capela possuía, possivelmente, uma ventilação maior do que após esta data, além de índices menores de umidade concentrada no setor capela-mor/sacristia.

Quando da última intervenção (2002), o ataque biológico e os problemas causados por ele já se encontravam em adiantado processo, chegando quase ao comprometimento total dos objetos em madeira. Com exceção do altar-mor, que foi quase totalmente reestruturado, toda a madeira de sustentação da área do altar e do piso necessitou ser substituída. Encontramos no setor capela-mor/sacristia, área mais afetada, um ambiente com aeração e iluminação natural insuficientes, ar abafado e umidade no ambiente

possível de ser sentida imediatamente ao se penetrar no local. Esses fatos se tornaram mais evidentes, após o fim da restauração em 2002, ao se iniciar o período de chuvas que, neste ano e no início de 2003, foram contínuas e abundantes.

7.3 AÇÕES EMPREENDIDAS

Como é possível se perceber, no setor da capela-mor/sacristia encontramos determinados fatores altamente prejudiciais tanto às obras de arte ali inseridas como às pessoas que utilizam o ambiente. Nossa grande preocupação se centralizou em encontrar soluções que atendessem à conservação do conjunto restaurado e à realidade da comunidade mantenedora da Capela. Os levantamentos, pesquisas e estudos empreendidos tiveram como um dos objetivos buscar a aplicabilidade de soluções que melhorassem as condições do ambiente interno da Capela através de medidas simples e de baixo custo.

Qualquer medida a ser empreendida estava intrinsecamente ligada à questão ventilação/aeração do ambiente. Teríamos que levar em consideração os seguintes aspectos:

- a edificação é uma construção de importância histórica, tombada municipalmente;
- a ventilação/aeração teria que ser promovida através de sistemas passivos aproveitando-se recursos oferecidos pela própria edificação, levando-se em consideração a precariedade econômica da comunidade mantenedora da Capela;
- o sistema escolhido deveria ser autônomo, posto que não há pessoal disponibilizado para vistoriar qualquer sistema dependente de algum tipo de manejo e manutenção.

Levando-se em consideração estes aspectos, procuramos apresentar nossas preocupações aos profissionais das áreas de conservação, engenharia e arquitetura, especializados em modelos de edificação por nós estudados. Analisando as condições da Capela, externa e interna, propusemos as seguintes estratégias para o controle ambiental encontrado:

1. implantação de um sistema de exaustão, adaptando o exaustor numa abertura externa, na direção do subsolo do altar mor (fachada direita, área inferior). No interior, abertura de um vão para ventilação na mureta divisória entre sacristia e capela-mor, além de treliças nos espelhos laterais da escada de acesso ao altar.

Ao analisarmos essa primeira proposta, observamos que, caso fosse executada, estaríamos criando três problemas:

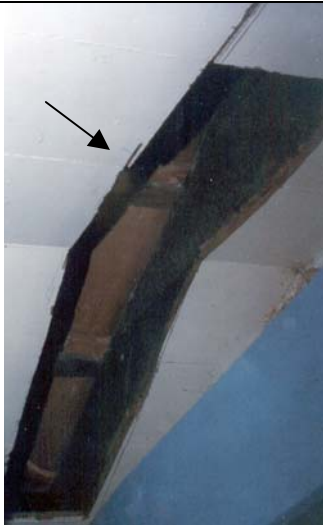
- em períodos chuvosos, seria introduzida mais umidade para o interior da Capela, uma vez que os ventos predominantes atuam na direção sudeste, exatamente onde se localiza a fachada direita;
 - o sistema gastaria energia, tornando-se oneroso para seus mantenedores;
 - estaríamos obrigando alguém a operar o sistema (acionamento de interruptores e abertura e fechamento do vão do exaustor) não havendo pessoal disponibilizado para tal operação.
2. um sistema de ventilação/aeração interna, aproveitando a estrutura da edificação, através de vãos abertos nos forros da sacristia e capela-mor, abertura na mureta divisória entre sacristia e capela-mor e treliças nos espelhos laterais da escada de acesso ao altar. Com este sistema estaríamos provocando:
 - ventilação/aeração nesse setor aproveitando as frestas existentes no telhado dessas duas áreas;

- sistema passivo de ventilação/aeração sem custos adicionais aos mantenedores da Capela;
- autonomia do sistema, sem a necessidade de um operador.

A segunda proposta foi levada à discussão com os profissionais que nos acompanharam no desenvolvimento de nossa proposta, sendo esta aprovada e, posteriormente, submetida ao conhecimento e aprovação da diretora de Patrimônio de Nova Lima, Arquiteta Rosana Bianchini, do Conselho Consultivo do Patrimônio de Nova Lima, do pároco responsável pela Capela, Padre João Maria Viane e de seu Conselho Consultivo (membros da comunidade). Após aceitação da mesma por todos os responsáveis diretos e indiretos da Capela de São Sebastião, foram realizadas as obras , tendo como participantes alguns membros da comunidade local (FIG. 46).

Posteriormente, realizamos novas medições no setor capela-mor/sacristia (FIG. 47), constatando que o ambiente manteve sua estabilidade, sem flutuações bruscas. Observamos também que o ar interno tornou-se mais agradável, não tendo mais o odor característico de mofo e umidade concentrados.

Com tais atitudes, acreditamos haver aplicado uma estratégia de tratamento que satisfizesse os objetivos propostos, na intenção de diminuir os mecanismos de deterioração e os fatores que os desencadeavam, adequar um sistema que beneficiasse a coleção e o edifício e isentar custos adicionais à administração da Capela.



a – Abertura de vão de ventilação no forro da capela-mor



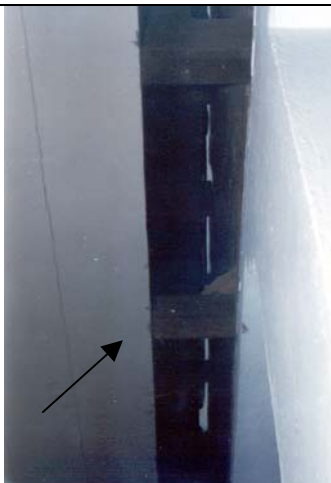
b – Colocação do arremate



c - Finalização



d – Vão de ventilação com arremate



e – Abertura do vão de ventilação no forro da sacristia



f – Vão de ventilação com arremate

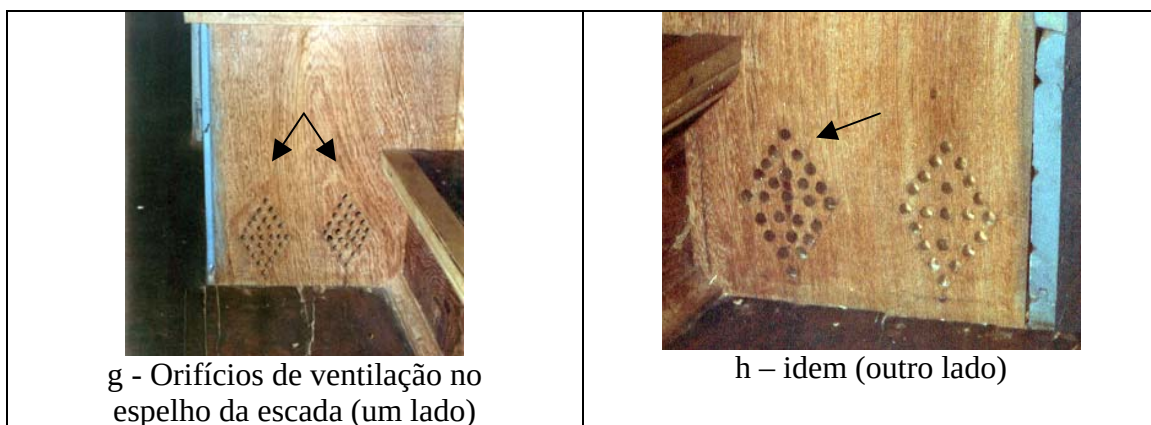
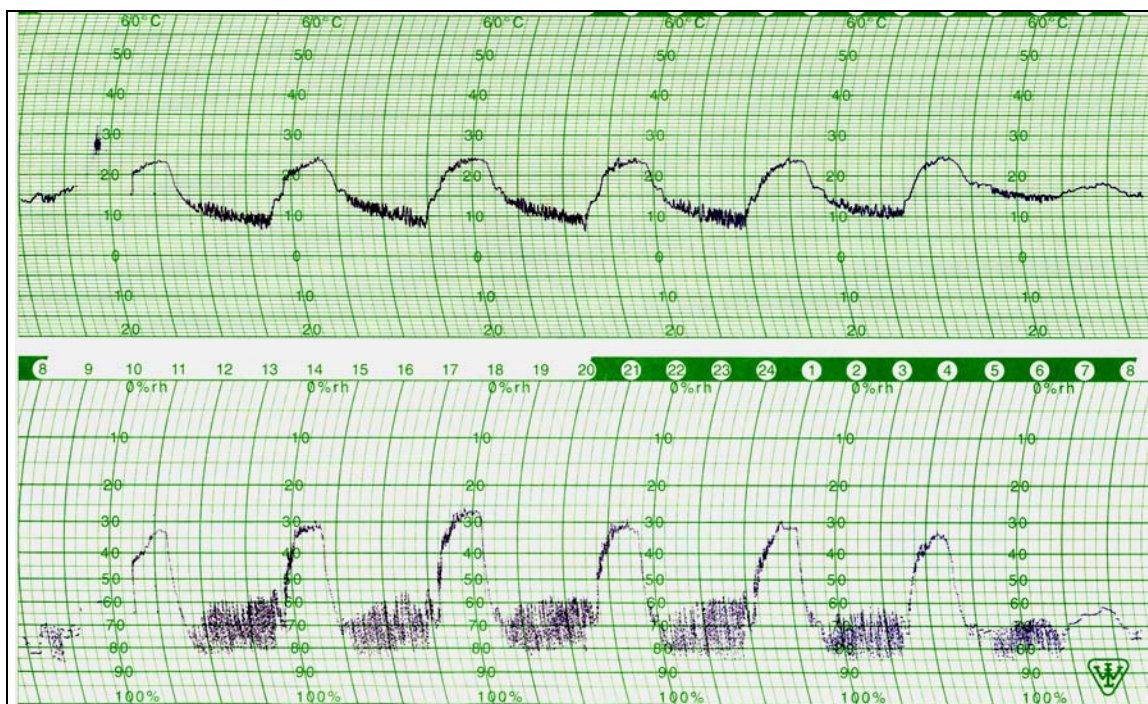
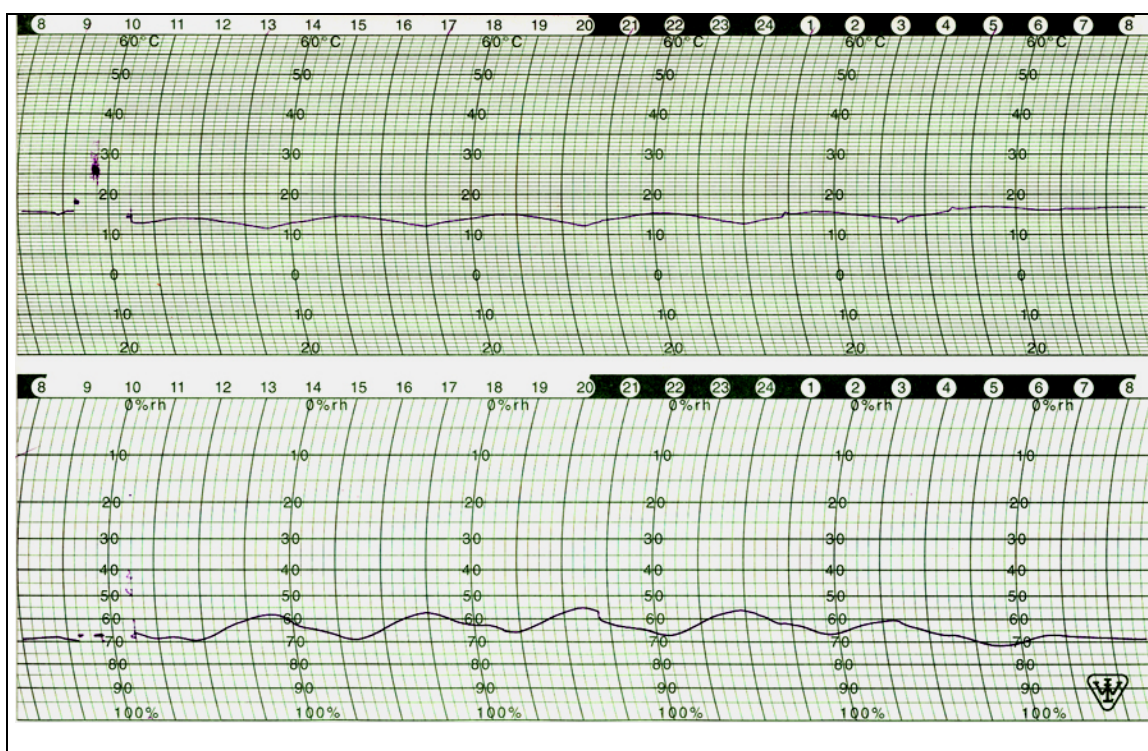


FIGURA 46 – Sistema de ventilação/aeração passiva



a – Medição Externa



b – Medição interna

FIGURA 47 – Últimas medições, posteriores à abertura dos vãos de ventilação/aeração

8 ROMPENDO OS TAPUMES: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO

Romper, iniciar; principiar; abrir caminho por; revelar; transgredir; extinguir; despontar. Em nossa proposta, romper também significou transpor para aproximar, para conhecer, para educar, para integrar, para aprender, buscando seguir a premissa maior do Dr. Rodrigo M. F. de Andrade: *"Em verdade, só há um meio eficaz de assegurar a defesa do patrimônio de arte e de história do país: é a educação popular"*.¹¹⁵

A proposta de romper os tapumes da restauração surgiu por uma vontade e preocupação, dentro da profissão de conservador-restaurador, em se tentar transformar uma visão distorcida sobre a “*mágica*” do restaurar. Essa visão ilusória talvez persista por ser uma profissão pouco conhecida do grande público, que desconhece seu caráter científico e sua seriedade, responsabilidade e comprometimento. O profissional está sempre cercado por ferramentas e equipamentos sofisticados, solventes, adesivos e produtos considerados, muitas vezes, “*fórmulas mágicas*” que devolvem às cores já esmaecidas sua vivacidade, aos suportes desestruturados e destruídos sua reestruturação e/ou reconstituição, às imagens e retábulos dilacerados, agredidos, modificados ou profundamente desrespeitados em objetos reconhecíveis, em objetos restituídos ao culto, à devoção (em toda sua gama), que restabelece ao seu espectador o sentido de sua identidade, a conexão com sua memória. Toda essa grande transformação acaba por se confundir em certo tom espetacular do antes/depois: vai-se o patrimônio degradado, surge o patrimônio restaurado. Posteriormente, ocorre a “aproximação” do profissional com um público normalmente surpreso e encantado com as transformações ocorridas, via conferências, exposições didáticas, publicações, aproximação pós-feito (“posso chegar perto, posso tocar, posso sentir?”). Público que desconhece, em sua maioria, que

¹¹⁵ <http://www.iphan.gov.br>

entre o antes e o depois há um outro universo que inclui muita pesquisa, uma grande dose de discernimento e coerência, respeito e ética quanto ao patrimônio tocado. E talvez por todos esses fatores, estabelece-se um distanciamento silencioso e contido entre o profissional e esse público, nem sempre ciente também de que é co-participante na responsabilidade de cuidar e proteger aquilo que é seu.

A reserva em revelar ou divulgar as formulações, técnicas e procedimentos adotados em uma restauração é necessária e ocorre pela responsabilidade para com o patrimônio que se tenta preservar e por se ter total consciência do imenso desconhecimento existente em vários meios, inclusive o acadêmico, quanto à profissão do conservador/restaurador. Persiste ainda uma certa imagem associada à restauração como uma atividade artesanal, onde qualquer pessoa munida apenas de sensibilidade e habilidades artísticas poderia “arrumar, consertar e/ou reformar” bens culturais. Muitos ignoram que a Conservação-Restauração é uma ciência e que de seus membros são exigidos longos e constantes anos de estudo, dedicação, especialização, capacitação e aprimoramento. Que é uma profissão que exige, além do seu próprio saber específico, uma constante interação com outras áreas do conhecimento humano para se chegar, por vezes, a se resolver no objeto em tratamento, determinados problemas que sequer serão notados, mas que se tornam imprescindíveis para sua continuidade. Que Conservação-Restauração não é só o ato de fazer, mas e principalmente, o ato de pensar e refletir para estabelecer conexões, para planejar, decidir e atuar com consciência e ética profissional.

Talvez devido ao seu caráter de especialidade, uma das grandes qualidades da profissão de conservador/restaurador esteja justamente em estabelecer através da pesquisa junto a outras ciências, a procura de respostas às suas questões e inquietações, criando no seu entorno uma esfera positiva de interação. No caso específico dessa pesquisa, profissionais de diversas áreas do conhecimento se tornaram parceiros –

conservadores-restauradores, químicos, arquitetos, engenheiros e pedagogos – através da interação de conhecimentos, para o auxílio e apoio aos objetivos propostos, sem deixar de inserir, nesse contexto, diálogos constantes com o pároco e o conselho da Capela de São Sebastião, com o Conselho Patrimonial de Nova Lima e com membros do Projeto Kairós (ONG). Sempre buscando ouvir e sermos ouvidos, compartilhando as preocupações quanto às medidas conservativas do patrimônio, que não somente incluía ações diretamente sobre o bem cultural, como também o entendimento dessas ações para cuidados futuros após finalização do projeto.

Durante o processo de restauração até sua finalização (maio a outubro de 2002) e posteriormente com o prosseguimento das pesquisas e ações (até julho de 2003), compreendemos a valiosa oportunidade de transmitir a seriedade com que abraçamos e realizamos nossa profissão, usando-a como um instrumento a mais no processo de educação, para colaborar com o despertar de uma consciência crítica e de responsabilidade para com a preservação do patrimônio e percepção da relação entre esse patrimônio com nossa própria identidade pessoal e cultural. Daí acreditarmos que o rompimento dos tapumes não foi somente para sairmos da esfera *campo de trabalho*, mas também para trazermos para essa esfera outros profissionais e a comunidade local.

Assim sendo, tomamos a liberdade de acrescentar à premissa do ilustre Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, que a garantia para preservar e defender nosso patrimônio está na educação, não somente popular, mas na educação vista de uma forma abrangente: de todos, para todos. De toda a sociedade como conjunto de indivíduos que possuem, além de uma língua comum, uma identidade, uma história e tradições comuns. Uma educação voltada à orientação sobre a proteção do patrimônio e à percepção do mesmo em seus aspectos materiais e conceituais. Uma educação que abranja os vários níveis de nossa sociedade, desde a comunidade de um pequeno povoado aos grandes centros, das

escolas de ensino fundamental e médio às Universidades, dos gestores e dirigentes de instituições públicas e privadas aos políticos e legisladores.

“O trabalho científico da preservação não se leva a cabo em um vazio político. As decisões concernentes à dotação de recursos e à conservação das propriedades culturais implicam em considerações políticas. Um maior apoio político para a conservação e a preservação de bens culturais dependerá de uma maior consciência pública de sua necessidade. As ações internacionais, respaldadas em conceitos, critérios, parâmetros e métodos de lidar com o patrimônio cultural, impõem uma nova postura àqueles que trabalham com os bens culturais e com a própria noção de cultura.”¹¹⁶

8.1 O ENCONTRO COM A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO: UM EXERCÍCIO DE PERCEPÇÃO ENTRE PROPOSTA E REALIDADE

A educação vista num sentido mais amplo, é o “*processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social*”.¹¹⁷ Para Maturana (2001), essa interação pela convivência faz com que o outro se transforme de maneira natural, equivalendo seu modo de viver com o do outro num processo contínuo que o leva a conviver de acordo com o conviver de seu meio.¹¹⁸ Assim, podemos pensar que estamos sempre atuando como educadores e educandos, podendo nos considerar agentes em profunda sintonia e responsabilidade para com o aprender e o ensinar. Logo, o nosso saber/aprender

¹¹⁶ GONÇALVES, Yacy-Ara Froner. *Os Domínios da Memória: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação*. USP-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História. São Paulo, 2001, p. 49.

¹¹⁷ Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.234.

¹¹⁸ MATURANA, Humberto R.. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Tradução: José Fernando Campos Fortes. p. 29.

interage com o nosso meio e com isso criamos a possibilidade de transformá-lo ou de nos mantermos numa postura conservadora e acomodada.

A educação patrimonial, interpretada por Horta (1999)¹¹⁹ como *“um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”*, torna-se uma poderosa ferramenta no processo de reencontro do indivíduo consigo mesmo, resgatando sua auto-estima através da revalorização e reconquista de sua própria cultura e identidade, ao perceber seu entorno e a si mesmo em seu contexto cultural como um todo, transformando-se em principal agente de preservação. Segundo a autora, o *“conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.”*

Assim, para viabilizarmos o acionamento dessas ferramentas, para promovermos o reencontro e a reconquista de um grupo consigo mesmo, faz-se necessário reavaliarmos nossa própria visão de cultura, de identidade e de auto-reconhecimento no contexto para o qual estamos voltando nossa atenção. Pois, como ensinar sem estar sintonizado com esse meio? Como percebê-lo sem interação? E como interagir sem que haja emoção? Nesse aspecto, o fator *diálogo* torna-se a tônica de qualquer ação entre os atuentes diretos no patrimônio e sua preservação e o grupo comunitário ao qual o patrimônio em questão se encontra diretamente vinculado. Só a partir dessa postura será possível uma ação coerente e voltada ao real crescimento e despertar desse grupo: pela interação, pela troca, pela confiança estabelecida.

¹¹⁹ HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999, p.6.

Ao buscarmos atuar na comunidade de São Sebastião das Águas Claras, tínhamos claros alguns princípios:

- a) que pretendíamos pesquisar algo em que pudéssemos nos tornar co-participantes;
- b) que desejaríamos transformar nosso conhecimento no campo da conservação-restauração em um fator de crescimento e estímulo à conscientização e em um instrumento de continuidade não somente para a conservação preventiva do patrimônio restaurado, mas estendendo a proposta de preservação para um contexto mais amplo;
- c) que gostaríamos de devolver, em forma de algum tipo de ação social, o que foi até hoje investido em nossa formação e que extrapola o espaço escolar e universitário.

Partimos da premissa de que, mesmo não tendo formação no campo da Pedagogia (ciência da educação e do ensino), poderíamos nos propor a difundir conceitos relativos ao patrimônio através de ações educativas apoiando-nos também em estudos e aprendizagem com educadores. E para isso, procuramos nos pautar em uma postura de atuação que proporcionasse um espaço para novas formas de interação do saber e do fazer, explorando outros campos, estabelecendo diálogos que se completassem de forma prazerosa e construtiva.

Dentro dessa perspectiva, o processo de restauração dos bens integrados e a revitalização da Capela de São Sebastião se tornaram o ponto inicial para o desenvolvimento do projeto, pois através dele foi possível estabelecer as primeiras aproximações e delinear o campo de atuação. Inicialmente, acreditávamos poder trabalhar com toda a comunidade, o que foi se mostrando impossível; primeiro devido

ao limitado tempo, não somente do projeto de restauro como também do projeto de pesquisa; segundo, devido ao próprio cotidiano e dinâmica da comunidade, que foi delimitando nossas ações, uma vez que essa mesma comunidade não possuía uma disponibilidade que proporcionasse ações tão abrangentes. Observamos, então, que dois grupos seriam fundamentais para nossas futuras ações: a comunidade católica, ligada à capela e a escola municipal do local.

No decorrer da pesquisa, percebemos que quase todas as propostas por nós pré-estabelecidas com relação à abordagem junto à comunidade foram obrigatoriamente sendo remodeladas quanto ao que pretendíamos aplicar e quanto ao que nos era exigido, devido à dinâmica muito própria do grupo. O processo de interação foi a grande fonte de nosso aprendizado e através dela reestruturamos diversos conceitos, práticas e modos de conceber a educação. Somente ao reavaliarmos e reestruturarmos todo nosso procedimento, as ações puderam ser empreendidas com alguns resultados. Assim, nosso processo de pesquisa caminhou passo a passo com nossas ações e, em alguns momentos, mesmo após sua concretização.

8.2 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso apresentado se refere aos grupos com os quais trabalhamos durante a pesquisa. Podemos considerar terem sido dois os momentos de sua construção: o primeiro, do início da restauração até sua finalização (maio-outubro de 2002); o segundo entre o processo de restauração e após sua finalização (maio-dezembro de 2002 até julho de 2003). Os grupos com os quais interagimos foram assim relacionados:

a) Grupo I:

- membros da comunidade católica, freqüentadores da Capela de São Sebastião;
- seus membros mantenedores;
- seu Conselho Consultivo;
- seu Grupo de Jovens;

b) Grupo II:

- Escola Municipal Rubem da Costa Lima, com sua equipe de diretora, coordenadoras e professoras e os alunos das 1ª a 4ª séries de ensino fundamental;

c) Grupo III:

- Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima. Este grupo ganhou vulto apenas ao final da pesquisa, quando da necessidade de realização de intervenções na Capela visando melhorar as condições ambientais em seu interior. Embora estivessem acompanhando todas as ações através da Diretora do Patrimônio de Nova Lima, presente em todo o processo, somente tivemos oportunidade de estabelecermos um contato mais direto ao final do projeto, devido à urgência de nossas ações.

Procuramos estabelecer um diálogo com esses grupos e a comunidade pela restauração em seu período de realização, através do nosso campo específico de atuação e formação profissional – *Conservação-Restauração*, tentando extrapolar os limites da matéria a ser trabalhada. Tentamos nos envolver neste processo de resgate de uma identidade cultural fragmentada usando como ferramenta o nosso ofício e os bens culturais aos quais tivemos acesso, como instrumento inicial para o provocar de um novo olhar sobre sua cultura e identidade e um reencontro com sua auto-estima.

As ações educativas aplicadas aos dois primeiros grupos tiveram como objetivos gerais:

- despertar o interesse dos grupos quanto à importância de seu patrimônio para a cidade e para suas vidas;
- desenvolver uma compreensão quanto à responsabilidade em sua preservação fazendo-os sentirem-se co-participantes nesse processo, criando uma autonomia no processo de conservação da Capela;
- estimular o resgate do sentido de identidade cultural local, através do sentimento de responsabilidade para com o patrimônio coletivo;
- sensibilizar os grupos quanto à ampliação do sentimento de responsabilidade para todo o contexto em que vivem, desde seu patrimônio particular, passando pelo patrimônio histórico-artístico, chegando ao patrimônio ecológico-ambiental.

Anteriormente ao início dos trabalhos, foi promovida na Capela uma reunião com a comunidade para apresentação da proposta geral do projeto (FIG.48).O grupo era representado, entre outros, por membros responsáveis pela Capela, pela diretora da escola municipal, por representantes do comércio e novos moradores da região. Foram expostos seus objetivos principais, concebidos pelo grupo responsável pela idealização e execução do projeto (C/Arte Projetos Culturais e Conservadores-Restauradores, coordenadores da etapa de restauração), fundamentados principalmente no resgate da identidade e da memória local através da restauração e de uma ação educativa visando à conscientização sobre a importância da preservação da memória e do patrimônio histórico, artístico e cultural da região (FIG.49).



FIGURA 48 - Reunião com membros da comunidade



FIGURA 49 - Grupo responsável pelo projeto de restauração

Os objetivos principais se faziam seguir por uma série de outros desdobramentos.¹²⁰ É importante frisarmos que, embora todo nosso trabalho de interação tenha sido construído e conquistado ao longo da pesquisa, o ambiente aberto e amistoso que encontramos foi preparado anteriormente pelos realizadores da proposta de “Restauração da Capela de São Sebastião”.¹²¹

8.2.1 GRUPO I

A primeira etapa inicia-se com a proposta de um ateliê aberto implementado no interior da capela, possibilitando a visitação pública. Durante a semana, o público visitante era composto pela comunidade local e alguns poucos turistas e, em sábados

¹²⁰ As propostas inseridas nesses desdobramentos fazem parte de distintos projetos de Mestrado, apresentados ao Mestrado de Artes Visuais da EBA/UFMG por mim, Moema N. Queiroz (Conservadora-Restauradora) e Fernando Pedro da Silva (Historiador).

¹²¹ C/Arte Projetos Culturais.

intercalados, pelos turistas freqüentadores da cidade. Excetuando algumas ações que apresentavam riscos (alguns procedimentos como a desmontagem, imunização e remontagem do altar-mor), quase todas as etapas foram acompanhadas pelo público, assessorado por uma das equipes designadas para este ateliê. Nesse primeiro momento, também foram realizadas coletas de dados sobre a edificação e iniciados os trabalhos junto à Escola Municipal Rubem da Costa Lima.

Ao abrirmos o ateliê, uma tímida aproximação, pouco a pouco, foi sendo estabelecida, tornando-se cada vez mais próxima e afetuosa. Inserimos em nossa equipe dois jovens da comunidade com a função de auxiliarem, participarem dos trabalhos realizados e estabelecerem um vínculo com o seu patrimônio. Vínculo este formado através do conhecimento sobre sua Capela, os problemas relativos à sua degradação e suas prováveis causas e pelo contato direto com seu trabalho de recuperação, para assim se sentirem co-responsáveis por sua preservação.¹²² As crianças da comunidade foram importantes agentes dessa aproximação. A primeira visita orientada foi aberta à escola municipal através de um convite junto à direção da mesma, com o objetivo de se iniciar as atividades de educação patrimonial, provocando o contato direto das crianças com o seu objeto de culto, uso e apreciação cotidianos, com os diversos problemas que este patrimônio apresentava e sua restauração (FIG. 50).

¹²² Os jovens foram monitorados pelos coordenadores do projeto, Conservadores-Restauradores especializados, atuando no altar-mor até determinada etapa do processo de restauração (consolidação do suporte). Esse procedimento foi necessário pela preocupação em não se criar um equívoco para estes jovens sobre sua capacitação para atuarem como “restauradores” no campo da Restauração. Nossa proposta não foi criar uma “oficina-escola” formadora de “restauradores”.



FIGURA 50 - Visita dos
alunos à Capela

Muitas destas crianças nunca tinham se aproximado do bem restaurado, no caso o altar-mor e suas imagens, e outras sequer haviam entrado no interior da capela, fazendo uso somente do seu amplo adro como campo de jogos de futebol e brincadeiras infantis. Logo outros membros da comunidade foram seguindo a rotina do trabalho e suas etapas, se incorporando ao dia a dia da equipe e acompanhando as descobertas e soluções encontradas.

Esse clima acolhedor foi importante para iniciarmos um diálogo sobre o cotidiano dessas pessoas, sua relação com a Capela e quais os cuidados dispensados a ela. O processo de restauração realizado no espaço interno e externo do edifício criou uma atmosfera de curiosidade, atraindo os moradores e visitantes da cidade ao local (foram montadas mesas móveis no adro devido ao espaço, luminosidade e tarefas distribuídas à equipe). O *trânsito livre* no ateliê criou uma rede de informações entre os moradores que trouxe um efeito multiplicador.

Como exemplo, podemos citar a etapa de remoção de várias camadas de repintura do trono, peça importante do altar-mor. A descoberta da pintura original ocorrida pelo

período da manhã fez com que à tarde o fluxo de visitantes locais aumentasse consideravelmente. Até esse momento, devido à etapa de restauração que consistia em consolidar a madeira atacada pelos térmitas, a comunidade não conseguia perceber claramente resultados concretos, embora tenha ficado absolutamente assustada com o grave estado da madeira atacada. No momento em que a pintura original surgiu, é como se a restauração começasse a ser visualizada por eles e a ganhar outra interpretação e olhar.

Jovens, idosos e crianças se envolveram na rotina. A presença dos dois jovens da comunidade incorporados à equipe, Hugo Agostinho Gomes e Sheila Rodrigues Oliveira (18 e 20 anos), foi importante para o envolvimento (FIG. 51). Por eles terem sido contratados temporariamente, cumpriam a rotina comum ao grupo, com funções específicas, prazos estabelecidos e horários a serem cumpridos. Estiveram atuando efetivamente, desde o processo de desmontagem até o final da etapa de consolidação da madeira do altar-mor. Posteriormente, ao se iniciar a etapa de remoção da repintura, passaram a outras funções no contexto da restauração, sem deixarem de participar das discussões sobre os critérios adotados, das dificuldades encontradas nas diversas etapas e da finalização de cada etapa, acompanhando a recuperação do altar-mor, passo a passo. Além disso, participaram do diagnóstico realizado na Capela sobre seu estado de conservação, fornecendo valiosas informações sobre a edificação e sendo levados à reflexão sobre suas possíveis causas de degradação, comparando determinados problemas existentes no ambiente com os encontrados em suas residências ou percebidos no contexto da cidade, questionando as possíveis soluções e como eles tratariam esses problemas.



FIGURA 51 - Jovens da comunidade,
integrantes da equipe de restauração

Um dos jovens foi importante elo com o Grupo de Jovens da Capela. Através dele pudemos estabelecer contato com esse grupo, proporcionando encontros inseridos em suas reuniões quinzenais junto ao Grupo de Jovens de Nova Lima. Realizamos encontros e palestras, com atividades interativas entre nós. Ou seja, abríamos as reuniões com palestras educativas sobre conceitos relativos ao patrimônio, responsabilidades sobre seu meio e reflexões sobre identidade cultural e, após, participávamos de sua programação (celebrações, orações, cantos e jogos).

Outra das pessoas fundamentais na interação com a comunidade foi o Sr. Rivalino Souza (66 anos), membro atuante da comunidade mantenedora da Capela (FIG. 52). Ele se incorporou como voluntário em nossa equipe, trabalhando entusiasticamente em todo o processo, sendo uma valiosa fonte de informação sobre o templo, sua história e suas modificações, uma vez que acompanhou e participou de algumas dessas intervenções. Duas Ministras da Capela, Sra. Maria de Lourdes e Sra. Vicentina Souza (com idades entre 60 e 63 anos) foram nossos elos de ligação com a

comunidade católica local (FIG. 53). Com suas atitudes reservadas, mas extremamente acolhedoras e carinhosas, permitiram uma maior intimidade, fornecendo-nos importantes dados sobre diversos aspectos relativos à rotina da Capela, ainda obscuros. Tornaram-se nosso ponto de referência para as reuniões junto ao grupo da igreja e ao Conselho Consultivo da Capela.



FIGURA 52- Sr. Rivalino



FIGURA 53- Sra. Vicentina e
Sra. Maria de Lourdes

No decorrer do processo de restauração, ocorreram entrevistas realizadas por redes de televisão, sempre dando espaço para a comunidade expressar suas opiniões sobre a restauração, a importância desta para seu contexto cultural e como se sentiam em verem revitalizada a Capela. As imagens dessas pessoas, difundidas por todo o Estado, trouxeram a elas e à comunidade grande sentimento de orgulho e auxiliou na compreensão e dimensão sobre seu patrimônio.

Posteriormente ao término da restauração, realizamos vários encontros para discutirmos propostas a serem implantadas para melhorar o ambiente interno da Capela

e lhe dar maior segurança (extintores de incêndio, alarmes, disponibilidade de acesso ao público, melhorias internas em seu clima, etc.). Fomos convidados a participar das reuniões junto ao pároco responsável, Padre João Maria Viane e ao Conselho Consultivo da Capela, para expormos nossas idéias e levarmos nossas preocupações, que foram analisadas e discutidas para aprovação. Os encontros foram importantes para que o grupo pudesse nos conhecer e avaliar nossas intenções. Através dos vários encontros conseguimos a implantação de um sistema de segurança (instalação de alarmes) para o interior da Capela. Uma empresa especializada fez o levantamento e avaliação das condições locais para sugestão sobre o tipo mais adequado ao cotidiano e espaço interior do edifício, sendo apresentado um orçamento detalhado como parâmetro, para que seus responsáveis comparassem custos e escolhessem o que melhor lhes aprouvessem.

Entretanto, não foi possível realizarmos um treinamento prático com os mantenedores da Capela através de Oficinas, pois o ritmo de sua rotina não nos permitiu viabilizar esse encontro. Os treinamentos ocorriam no momento em que eles estavam atuando na edificação, em seus horários convencionais ou nas reuniões mensais com a comunidade católica. Encaixamos nossos horários e propostas nas oportunidades que surgiam, levando os conceitos de conservação preventiva com relação aos bens integrados (altar-mor e imagens) e à edificação. Para isso, criamos uma rede de informações através das Ministras, que nos comunicavam os horários mais adequados para tais encontros.

Assim mesmo, acreditamos terem sido válidos nossos esforços e que o essencial foi apreendido por todos eles, que se mostraram sempre receptivos, mesmo dentro de suas restrições. O acompanhamento do grupo do processo de restauração e seus efeitos

posteriores auxiliaram em muito na compreensão de nossas recomendações quanto ao envolvimento de cada um na conservação futura da Capela de São Sebastião.

8.2.2 GRUPO II

Um dos motivos em escolhermos a Escola Municipal Rubem Costa Lima foi, principalmente, por esta exercer um caráter convergente, fundamental na sociedade local¹²³ e por ser uma instituição já estabelecida e ligada à Prefeitura Municipal de Nova Lima. Nosso objetivo ao levarmos para esta escola – que atende ao distrito e bairros/condomínios próximos – um projeto piloto (para a região) de educação patrimonial, foi inicialmente a aplicação de conceitos que incentivassem, fortalecessem e provocassem o despertar de uma conscientização patrimonial na cidade de São Sebastião das Águas Claras através de suas crianças.

Ao apresentarmos nossa idéia à direção da escola,¹²⁴ em maio de 2002, no início dos trabalhos de restauração na capela, sentimos uma grande receptividade e disponibilidade em viabilizar os meios para que as ações propostas se iniciassem no início do segundo semestre do mesmo ano. Objetivamos envolver em nossas atividades a direção, a coordenação e os professores da escola num trabalho conjunto, provocando uma parceria entre o conservador/restaurador e o educador, numa troca de experiências entre especialidades em um efetivo trabalho interdisciplinar. Assim, o projeto de educação patrimonial abrangeria não somente os alunos, mas também todos os profissionais da escola, revertendo-o em um efeito multiplicador, pois os alunos levariam para seus familiares algo de nossas ações e idéias e os professores atuariam em uma área até então

¹²³ A escola atende à comunidade com serviços voltados às campanhas ligadas à saúde, campanha do leite, distribuição de jornais informativos comunitários, etc.

¹²⁴ Na época sob direção da Prof^a. Sônia Maria Paula.

não abordada na escola, difundindo estas atividades em outras turmas e escolas onde atuam, criando assim um processo dinâmico que, num futuro próximo, poderá trazer uma nova forma de trabalhar não somente a educação patrimonial, mas também fomentar um senso crítico sobre o patrimônio e a cultura local.

Acreditamos que nossa atuação junto a esta equipe e às crianças foi mais um fator de incentivo para futuras ações engajadas neste pequeno núcleo, que auxiliarão no processo de conservação preventiva dos bens patrimoniais em questão e no envolvimento efetivo desta comunidade numa redescoberta de seus próprios valores, conceitos e reconquista do seu espaço. Todo o mérito deste trabalho e de futuras ações é exclusivamente desse grupo e do que ele realizou como um produto final do período de convívio e reflexão ativa, que em breve poderá ser apresentado a essa mesma comunidade e a seus visitantes.

8.2.2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A Escola Municipal é formada pela seguinte equipe:

- Diretora, supervisora, professoras (trabalhamos com as quatro professoras do turno da manhã), secretárias (também professoras), cozinheiras, faxineira, zelador, motorista.

As turmas participantes foram as da primeira, segunda, terceira e quarta séries do ensino fundamental, com alunos na faixa entre sete a dezesseis anos, todos moradores de São Sebastião das Águas Claras, bairros e condomínios próximos ao distrito.

O período de atuação de nossas atividades, acordado anteriormente com a direção da escola, foi o segundo semestre de 2002, de agosto a dezembro, duas vezes por semana

pelo turno da manhã,¹²⁵ objetivando criar um vínculo facilitador para o desenvolvimento das atividades realizadas. Estas atividades foram direcionadas ao incentivo do resgate e/ou reconstrução de uma memória individual tendo como ponto de partida o patrimônio cultural restaurado e o núcleo familiar de cada aluno. Para tanto trabalhamos basicamente com os seguintes temas:

- inserção de conceitos relativos ao patrimônio, à identidade cultural e à importância da conservação;
- caixa de memórias ou arqueologia familiar.

Estes conceitos foram tratados através de diversas atividades, adequadas às idades dos grupos, buscando sempre no decorrer das ações incluir temas voltados à cidade, à convivência com seu meio, às relações de uns com os outros. Através de leituras e atividades relacionadas aos conceitos de preservação e identidade cultural, iniciamos ações com a aplicação da proposta de uma arqueologia familiar, com exercícios que incentivassem o aluno a buscar suas origens e a história de seu grupo familiar. A caixa de memórias foi o grande suporte para a construção destas descobertas e tornou-se a guardiã dos trabalhos solicitados ao longo do projeto. Foram incluídas durante os “exercícios arqueológicos” algumas atividades externas relacionadas ao patrimônio local, como um estímulo ao reconhecimento de seu próprio meio e ao exercício de uma nova postura em relação a ele.

Para que realizássemos nossas atividades, seguimos a sugestão dada pela direção, em inserirmos nossas ações no cotidiano do calendário escolar previsto. Qualquer atividade extra, ou seja, fora da sala de aula deveria ser previamente discutida para um melhor planejamento de espaço e material a ser providenciado. Foi-nos explicado que

¹²⁵ Inicialmente às terças-feiras pelas manhãs e posteriormente também às quintas-feiras por solicitação da coordenação e direção da escola.

atividades externas ao ambiente seriam mais difíceis pelo pouco número de professoras para cuidarem do grupo de crianças. As atividades em sala de aula seriam mais adequadas e seriam inseridas nos horários das aulas de História.

Cumprimos as seguintes atividades (ANEXO VI), construídas no decorrer do projeto:

a) Apresentação dos grupos

As atividades foram iniciadas com uma apresentação, desenvolvida com cada série, individualmente. O objetivo principal foi criar a oportunidade de nos conhecermos através da interação, trabalhando o tema *identidade*, explorado através de leitura sobre o tema:¹²⁶ sentados todos em círculo, no chão, nos apresentamos uns aos outros (professora, alunos e nós) informando nossos nomes, nossas idades, nossas origens, onde morávamos, nossos gostos e o que gostaríamos de ser quando crescêssemos. Este primeiro momento de descontração começou a delinear o perfil de nosso trabalho. Percebemos que as crianças se sentiram mais à vontade ao serem convidadas a deixarem suas carteiras e a se sentarem ao chão, em roda, percebendo uns aos outros e com uma maior proximidade física. A presença da professora em nossa roda criou uma atmosfera amistosa que nos acompanhou por todo o período de trabalho. Repetimos com todas as turmas este procedimento, sendo que em uma delas houve a participação da diretora da escola (sentada ao chão também), fato este que reforçou ainda mais a proximidade entre todos.

Realizamos em sala de aula um exercício, solicitando que a criança traçasse seu perfil através de seu nome, sua idade, seu endereço, o nome de seus pais, a origem deles

¹²⁶ QUITES, Maria Regina Emery; COLNAGO, Atilio. *Preservando nosso patrimônio cultural*. Coleção “Quem sabe faz”. Editora UFMG, Pró-Reitoria de Extensão, vol.13, pág. 01.

e o que mais gostavam de realizar juntos. Muitos deles observaram sobre os gostos comuns a todos eles. Pontuamos as observações evidenciando as semelhanças e reforçando o conceito de identidade cultural.

b) Confeção da caixa de memórias

Para descrevermos esta atividade com as crianças, faz-se necessário, antes, explicarmos sobre a proposta “*Caixa de Memórias*”¹²⁷ ou *Arqueologia Familiar*”. Ela nasce no início do ano de 1997, ao aceitarmos um convite para uma conferência sobre Bens Culturais no Centro Cultural da UFMG, em cursos de extensão pela EBA/UFMG e em cursos através do FAT¹²⁸, ambos abordando conceitos teóricos sobre preservação, conservação e patrimônio. A idéia se desenvolveu a partir de uma reflexão sobre como sensibilizar o público sobre a importância da preservação do Patrimônio. Começou a ser estruturada através de experiências pessoais voltadas à necessidade do resgate de referências familiares, busca pessoal das origens, reconhecimento das tradições familiares e recuperação da memória material e imaterial familiar. Percebemos que a importância de restabelecermos o contato com nosso núcleo de origem, reconhecendo-nos como indivíduos, tornou-se uma forma de aguçar a sensibilidade quanto à nossa

¹²⁷ O termo “Caixa de Memória” é muito usado em diversas atividades. Ao pesquisarmos o termo, observamos que é usado, por exemplo em projetos patrocinados pela Caixa Econômica Federal; na astronomia; nas artes plásticas; no teatro; na literatura e em projetos educacionais (**Projeto Caixa & Memória**: workshop sobre resgate da memória do centro de São Paulo por meio de fotos; Rosa Gauditano - Exposição Índios - Os Primeiros Habitantes; **XXIII Bienal Internacional de São Paulo**: Ezequiel Padilha Ayesta: *Victima o Cúmplice*; **Cooperativa Paulista de Teatro**: A Caixa de Fuxico; **Poema** “Desde Menina”, de Sandra Falcone; *Boletim* 30: Instituto Arte na Escola, 2002) <http://www.estado.estadao.com.br>; <http://www.zenite.nu>; <http://www.cooperativadeteatro.com.br>.

¹²⁸ (1) Cursos de Extensão realizados pelo CENEX-EBA/UFMG, sobre “Iniciação à Conservação de Obras de Arte” nos anos de 2002 e 2003, ministrados pelos conservadores/restauradores Mário Anacleto de Sousa Jr. e Moema Nascimento Queiroz; (2) “*Conservação: Conceitos básicos*”. Ciclo de Palestras “Em Nome da Arte”, ministrada em 04 de junho de 1997 no Centro Cultural da UFMG; (3) QUEIROZ, Moema Nascimento; DINIZ, Wivian. Apostila “Conservação Preventiva de Bens de Interesse Cultural”. Programa Estadual de Qualificação e Requalificação de Recursos Humanos para a Área da Cultura– FAT. IEPHA-MG, 2000. Curso aplicado nas cidades de Conselheiro Lafaiete e Coronel Fabriciano.

importância e comprometimento como cidadãos e nosso papel na guarda e proteção de nossa memória. Através deste mergulho ao nosso “micro-universo”, foi possível redimensioná-lo e deslocá-lo para o nosso “macro-universo”, entendendo que somos parte de um todo e reestruturando a relação direta desse entorno sobre nosso mundo particular. Assim, adequando essa vivência pessoal e levando-a para a sala de aula, transformamos a experiência numa vivência em grupo.

A vivência da “Caixa de Memórias ou Arqueologia Familiar” vem sendo aplicada nos diversos cursos sobre “Conceitos básicos de conservação” que geralmente ocorrem no período de uma semana ou em três meses. Ao longo desta semana de convívio, trabalhamos com os conceitos relativos ao patrimônio e à conservação preventiva e apresentamos diversas tarefas ao aluno, relacionadas ao seu núcleo familiar. As tarefas são solicitadas ao final de cada aula. Ele é convidado, através da pesquisa, do diálogo com membros mais antigos de seu núcleo familiar e do vasculhar de suas gavetas, armários, caixas esquecidas e baús antigos, a um verdadeiro trabalho arqueológico, onde se dá início a um processo de resgate da memória familiar e de si mesmo. Solicitamos de cada aluno a confecção de uma caixa ou uma caixa já pronta, decorando-a conforme gosto pessoal¹²⁹ e nela inserindo (a lista abaixo é modificada de acordo com o perfil de cada grupo):

- uma receita tradicional da família;
- descrição de um personagem de seu núcleo familiar que se mantém ainda hoje presente como forte ponto de referência;

¹²⁹ Esta atividade pode ser realizada em conjunto numa aula ou individualmente, dependendo do programa a ser cumprido e do perfil do grupo. A atividade de decorar a caixa é um momento lúdico, prazeroso e de aproximação entre os alunos, através da cooperação, troca de idéias, um momento em que ocorre entre eles um intercâmbio de experiências.

- um objeto de infância ou descrição do mesmo, de grande importância pessoal, o porque desta importância e o motivo de tê-lo guardado até hoje (materialmente ou na memória);
- uma fotografia que conte alguma passagem significativa da sua vida;
- descrição de seu núcleo familiar de origem;
- o que significa para você patrimônio e o que preservaria;
- o que você enviaria ao espaço para ser encontrado por outras civilizações e o que gostaria que essas soubessem sobre o seu universo particular, sobre sua civilização;
- o que representou para você a caixa de memórias e como você repassaria esta experiência para as novas gerações de seu núcleo familiar;
- qual a sua responsabilidade na preservação do Patrimônio e como seria sua contribuição em seu núcleo social para o cuidado com o mesmo;
- descreva quem é você.

O encerramento do curso é dedicado à apresentação dessa caixa onde o aluno expõe todo o material solicitado, compartilhando um pouco de sua vida e de sua história pessoal com o grupo. Ao se expor e participar da apresentação de seus colegas, ele é levado a refletir sobre seu micro-ambiente e a sua importância em seu contexto social, reconhecendo-se muitas vezes naquele grupo e compreendendo os conceitos trabalhados ao longo do período do curso. O momento do compartilhar transforma-se geralmente em uma experiência extremamente rica e emocionante, pois o aluno se percebe como indivíduo através do resgate e reconhecimento de sua própria identidade, percebendo-se

no outro e como elo fundamental no processo de preservação da memória de seu núcleo, seja ele familiar, de sua cidade e de seu país.¹³⁰

Citando novamente Maturana (2001),¹³¹ na reflexão sobre o educar e que acredito ser válida tanto para adultos quanto para crianças:

“Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros. (...) sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social. (...) Mas a aceitação de si mesmo e o auto-respeito não se dão se os afazeres de uma pessoa não são adequados ao viver. Como posso aceitar-me e respeitar-me se o que sei, portanto, não é um saber no viver cotidiano, mas sim no viver ficcional de um mundo distante?”

Nossa próxima atividade na escola foi uma manhã dedicada à confecção da caixa de memórias, que teve como proposta a interação de todas as turmas. Para tais atividades solicitamos os seguintes materiais:

- uma caixa de sapatos (tamanho padrão);
- papéis coloridos e variados;
- cola branca, cola colorida;
- guache;
- tesoura;
- retalhos de tecidos, restos de lã, sementes, qualquer tipo de material que oferecesse possibilidades decorativas;
- lápis coloridos e de cera.

¹³⁰ Essa conclusão foi formada através de nossas observações e de depoimentos dos próprios alunos no momento ou após a apresentação da atividade.

¹³¹ MATURANA, op. cit., p. 30-31.

A primeira dificuldade começou com relação às caixas de sapato. Solicitamos que as crianças as trouxessem de casa e a direção da escola nos explicou sobre a dificuldade em conseguí-las por este meio. Houve então uma mobilização entre todos da equipe e conseguimos reunir o número de caixas necessárias à atividade.¹³²

O trabalho foi desenvolvido no pátio, com todas as turmas reunidas, mescladas e divididas em grupos de quatro ou cinco alunos, com a presença e participação da direção e sua equipe. Foi uma manhã extremamente produtiva, criativa e divertida onde conceitos de solidariedade, cooperação e amizade foram repassados através dos grupos de trabalho que foram distribuídos por todo o ambiente. Ao final, o resultado apresentado através de caixas decoradas com as mais variadas aparências pôde ser apreciado com uma exposição improvisada das mesmas no local, para os seus criadores e equipe do colégio. Encerramos as atividades do dia com uma reunião no refeitório para refletirmos sobre a experiência da construção da caixa, sobre o que era memória e sua importância no contexto da preservação do patrimônio e como eles se sentiram com a atividade realizada (FIG. 54).

Posteriormente as caixas foram separadas por cada turma e levadas à sala de aula para serem utilizadas durante o projeto. Pensávamos em aplicar nossa metodologia sobre a “Caixa de Memória”, usada em nossas experiências anteriores. Porém nos deparamos com diversas dificuldades que nos obrigaram a rever e reestruturar todo o programa dessa atividade.

¹³² As caixas foram conseguidas através de doação de sapatarias de Nova Lima, das professoras, funcionários e alguns alunos da escola. Os outros materiais foram cedidos pela escola e por membros da equipe.



a - Organização das
caixas para a atividade



b - Confeção da
caixa de memórias



c – Caixas de memórias



d – Aluno com caixa
confeccionada por ele

FIGURA 54 - Confeção da Caixa de Memórias

c) Comemoração da Semana da Pátria / Projeção de slides com o tema Patrimônio

Dentro da “*Semana de Comemoração à Pátria*” promovida pela escola, iniciamos a abordagem sobre o tema Patrimônio. Após o hastear da bandeira nacional com todas as solenidades exigidas, incluindo o canto dos Hinos Nacional e da Bandeira e apresentação de música composta pelos alunos sobre o tema “Lixo”, reunimos todas as turmas no refeitório e apresentamos uma série de slides sobre patrimônio natural e cultural com seus bens tangíveis e intangíveis. Incentivamos os alunos a determinarem em quais categorias se inseriam as imagens mostradas e discutimos com eles sobre a importância da preservação destes bens e nossa responsabilidade neste processo. Buscamos comparar as imagens com áreas ou situações semelhantes em sua região, pontuando os traços comuns e diferentes do país. Lançamos perguntas sobre como eles poderiam participar na ação pela preservação e quais as sugestões propostas por eles, havendo uma grande participação das crianças nas questões levantadas.

d) Caminhada ecológica com coleta de lixo

Outra atividade extremamente enriquecedora ocorreu na “*Semana da Ecologia*” com a realização de uma caminhada ecológica e a coleta do lixo, programada pela escola, com a presença da diretora, das professoras e nós. O objetivo foi provocar no grupo um olhar mais atento e crítico quanto ao seu meio ambiente, as belezas naturais existentes e as condições atuais em que elas estão inseridas. Trabalhamos estabelecendo contrastes, através do ideal e do real, buscando despertar sua percepção para o meio ambiente e a importância em protegê-lo.

A saída se deu a partir da escola, a pé, pelas redondezas da cidade. Dividimos as séries em dois grupos: o primeiro, 3ª e 4ª séries, realizou a caminhada pela primeira metade da manhã (escola – rio – escola). O segundo, 1ª e 2ª série, realizou a caminhada pela segunda metade da manhã, para o lado oposto ao da primeira turma (escola – ponte do rio – escola). Foram distribuídos sacos de lixo e luvas e algumas crianças levaram cartazes por elas produzidos para serem afixados ao longo do percurso. Nestes trajetos, foram levantadas questões sobre o meio ambiente, sua importância, seu cuidado, sua destruição e sua influência em nossas vidas, em nosso cotidiano, na cidade e em nosso patrimônio; o porquê deste desequilíbrio, quem seria o responsável, qual a participação positiva e negativa deles neste processo e como poderíamos ajudar a salvar o meio ambiente. Ao finalizarmos a caminhada, o grupo foi reunido no pátio com os sacos de lixo cheios, onde foram reforçados todos os conceitos debatidos ao longo do passeio (FIG.55). As crianças se comprometeram a auxiliar no combate à poluição e na preservação da natureza, iniciando suas ações em seu ambiente escolar, jogando lixo na lixeira, cuidando da preservação dos jardins e da escola e também fora dela, aplicando em suas casas e em seu meio ambiente o mesmo cuidado e repassando para seus pais e irmãos os conceitos aprendidos neste dia. Como segunda tarefa, pedimos que os alunos produzissem algum tipo de objeto com materiais recicláveis e encontrados na natureza, representando algo que eles achassem importante preservar. Os objetos seriam guardados em suas caixas.



a – Saída da Escola



b – Grupo com cartazes



c – Coleta de lixo



d – Coleta de lixo



e – Aluna com cartaz a ser afixado pelo caminho



f – Reunião no pátio com os sacos de lixo

FIGURA 55 - Caminhada ecológica

Após as três primeiras semanas de atividades, passamos a trabalhar duas vezes por semana com os alunos. Concentrávamos a primeira manhã (terça) em atividades com as 1ª e 2ª séries e a segunda manhã (quinta) com as 3ª e 4ª séries. No desenrolar das atividades percebemos que o projeto da caixa de memória não estava correspondendo às nossas expectativas. Sentimos que as crianças não estavam absorvendo de forma produtiva o sentido da atividade. Após conversarmos com a equipe do colégio e ouvirmos sobre o cotidiano destas crianças, reformulamos as atividades. Decidimos que as caixas de memória dos alunos estariam sempre presentes nas salas de aula, sendo “recheadas” ao término das atividades do dia. Iríamos construí-las juntos, guardando as memórias de nossas ações semanais, sem correr o risco das caixas se perderem, serem abandonadas ou esquecidas. Entendemos que uma forma de alcançarmos estas crianças, envolvendo-as nas questões relativas ao patrimônio, seria tornando nossos encontros

mais divertidos. Cada ação nossa passou a ser envolvida por uma aura de brincadeira e situações inusitadas, porém sempre atentos à disciplina da escola. Procuramos então transformar os encontros em momentos alegres, lúdicos, prazerosos e de cumplicidade, repletos de surpresas, incentivando o aluno a participar ativamente, quebrando sua rotina de sala de aula através da ação-diversão-educação,¹³³ proposta que nos remete ao pensamento do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1996),¹³⁴ em seu convite em extrapolar os muros da escola ampliando nossos sentidos:

“Que mais pessoas possam viver a experiência de criar, como condição do ofício de saber, ensinar e aprender. Que mais pessoas possam, mais autonomamente e por mais tempo na vida, conviver com a beleza. Que a escola seja um lugar rigorosamente criativo onde, juntos, todos possam compartilhar o que é bom. O que cria o sentido. (...) A maneira de tornar a educação de crianças e adolescentes motivante e produtiva é realizá-la através do contexto totalizador de que ela é um momento e um lugar motivado. E o nome de tal contexto é: ‘sua cultura’.”

¹³³ Inserimos um ritual para iniciarmos as aulas: ao chegar em classe, um sonoro bom dia era por nós produzido, sendo respondido imediatamente e cada dia mais entusiasmamente. Quase nunca deixávamos a sala de aula em sua organização original: ora usávamos o chão, ora modificávamos as posições das carteiras, enfim, nossas atividades foram sempre marcadas com o inusitado, criando sempre uma expectativa para as aulas subsequentes.

¹³⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura, Educação e Interação: Observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas*. In: *O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Parte II. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996, p.27-104.

e) Contando história: “O presente de Theo[©]”

Uma vez reformuladas nossas ações, reiniciamos as atividades contando a história “O presente de Theo[©]” (APÊNDICE I),¹³⁵ que aborda questões sobre a relação de um menino com seu avô e a descoberta da própria identidade, a importância da preservação da memória, o sentido de respeito com suas raízes, seus antepassados e a construção e desenvolvimento do sentimento de amor por seu mundo e seu próprio universo.

Para as 1^a e 2^a séries, optamos por trabalhar essa história no pátio, com esteiras espalhadas pelo chão, as crianças bem à vontade, sentadas, deitadas, da forma como preferissem. Para as outras séries, 3^a e 4^a, foi necessário trabalhar o texto em sala de aula. A história foi contada com interpretação corporal e vocal, buscando criar um clima de expectativa e envolvimento. Após a finalização da história, dialogamos sobre o que foi compreendido, ocasião em que as crianças puderam se expressar e relatar suas experiências, próximas às do personagem Theo. As primeiras séries lançaram perguntas com relação aos personagens e se os conhecíamos, se os visitávamos, se conhecíamos o ambiente descrito. Algumas das crianças queriam conhecer “Theo e seu avô” e solicitaram a possibilidade deles visitarem a escola. As outras séries se aprofundaram mais na personalidade de cada personagem, em suas atitudes dentro da história, comparando a situação a algumas situações já vivenciadas ou desejadas de serem vividas. Fomos introduzindo então os conceitos relativos à caixa de memória, incentivando o aluno a interpretar em forma de desenhos e/ou textos, suas

¹³⁵ História infantil de minha autoria escrita em 2000, ainda a ser publicada. Texto acrescentado como apêndice por entendermos que ele é “*parte pertencente à outra, maior, e que a completa*”. Instituto Antônio Houaiss. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.911.

descobertas.¹³⁶ Solicitamos que eles escrevessem sobre o que guardariam em suas caixas. Observamos que uma produção final após cada atividade tornou-se um estímulo a mais para maior comunicação e interação, atraindo cada vez mais a atenção dos alunos sobre nossas ações.

f) Produção do “Recado para os turistas”

No convívio com as crianças, através das conversas dentro e fora da sala de aula e ao aplicarmos conceitos sobre preservação e o que eles preservariam de sua cidade, observamos que quase todas as crianças se referiam à preservação dos restaurantes e bares. Procuramos um sentido para essa preocupação e percebemos que muitos dos seus familiares, de alguma maneira, estavam envolvidos com o comércio local (como proprietários ou empregados), fonte de subsistência de muitos deles. Ao mesmo tempo as crianças se sentiam confusas quanto à presença dos turistas e ao comportamento deles em seu meio. E, principalmente, quanto ao papel da sociedade local no relacionamento com os visitantes. Essa observação foi confirmada posteriormente em conversas com as professoras. Vislumbramos a possibilidade então de criar um caminho para debater questões relativas à cidade, ao turismo e à visão das crianças sobre a situação real vivenciada pelo distrito. Criamos uma situação em que eles eram convidados a nos auxiliarem a formular uma série de recados para os turistas que freqüentavam uma certa cidade. Como foi um pedido muito importante, gostaríamos que eles nos ajudassem na situação.

¹³⁶ Devido ao período de atividades diárias que tínhamos, optamos pelos desenhos como meio de expressão, após certas atividades, como forma de reforçar os conceitos transmitidos durante as atividades. Em segundo lugar, porque a escola poderia oferecer o material necessário para a produção dos desenhos. Como queríamos estabelecer uma relação entre as atividades, a produção individual e a caixa de memórias, esse recurso foi o mais adequado para a situação.

Contamos a história de duas cidades: a primeira, uma cidade limpa, organizada, que cuidava do seu patrimônio, que possuía rios e cachoeiras limpas, árvores saudáveis e muitos pássaros e animais em suas matas, onde as pessoas conviviam em harmonia, onde o visitante ao chegar, recebia as boas vindas de uma gente educada e amistosa, mas consciente do seu amor por sua cidade e seu direito a ela. Esses habitantes distribuíam uma série de recomendações para que o visitante pudesse apreciar a região e retornar sempre que desejasse. A segunda cidade era o oposto da primeira. Situava-se em uma belíssima região, porém seus rios eram poluídos, os animais eram caçados ou já não mais existiam, os pássaros haviam desaparecido. As matas estavam desaparecendo pela falta de cuidado ou exploração inconseqüente e os turistas que freqüentavam a cidade não respeitavam o local, utilizando as vias públicas como pistas de corrida, desrespeitando os moradores da cidade, colocando som alto nas ruas, jogando lixo no chão, sujando as cachoeiras e depredando o patrimônio. Não existiam recomendações para esses turistas e os moradores da cidade também não se esforçavam para modificar a situação. Após exposição das situações, analisamos os dois contextos sempre os comparando ao contexto de sua cidade, buscando levá-los a compreenderem quais situações eram próximas à sua realidade. Refletimos sobre os aspectos positivos de sua cidade e os aspectos negativos. Questionamos juntos sobre em quais situações sua cidade se inseria. Quase todos a enquadraram na segunda situação, mesmo inserindo os aspectos positivos da primeira. Trabalhamos então sobre quais atitudes seriam necessárias para transformarmos a cidade em um lugar melhor. A partir da reflexão resolvemos criar “regras para o turista” que visitasse a cidade. Através de desenhos e textos, as mensagens foram criadas e posteriormente guardadas na caixa, para futuras ações (FIG. 56 e 57).

Soubemos posteriormente, que algumas crianças, espontaneamente, tomaram a iniciativa de *aconselhare*m visitantes e alguns moradores a terem uma atitude mais respeitosa com a sua cidade.



a – Mesas e materiais compartilhados



b – Aluna com seu desenho

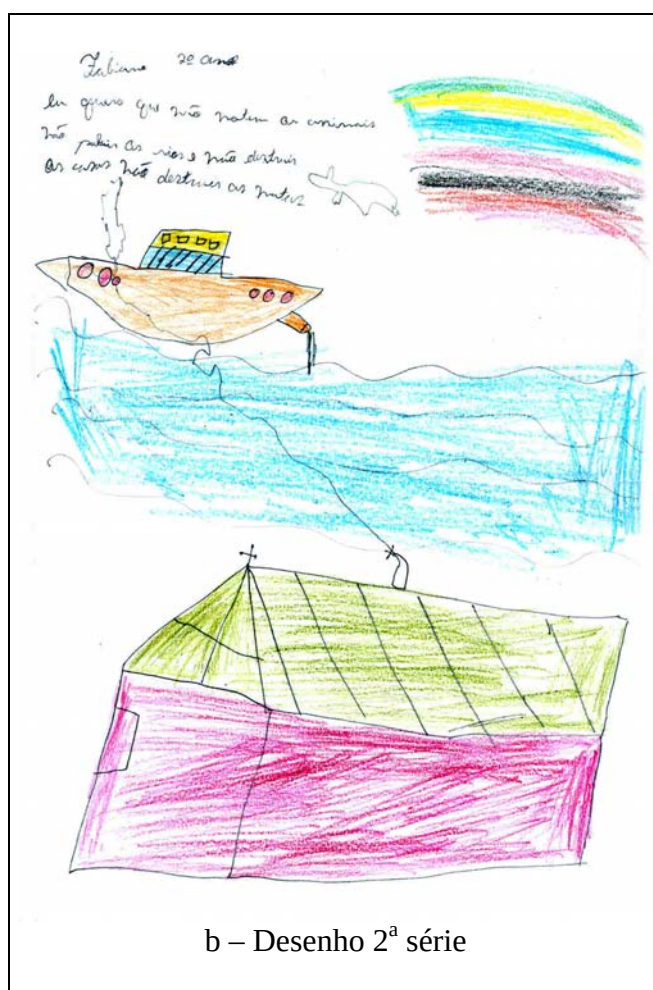


c – “Grupo produzindo recados”

FIGURA 56 - Produção dos *Recados para os Turistas*



a – Desenho 1ª série



b – Desenho 2ª série

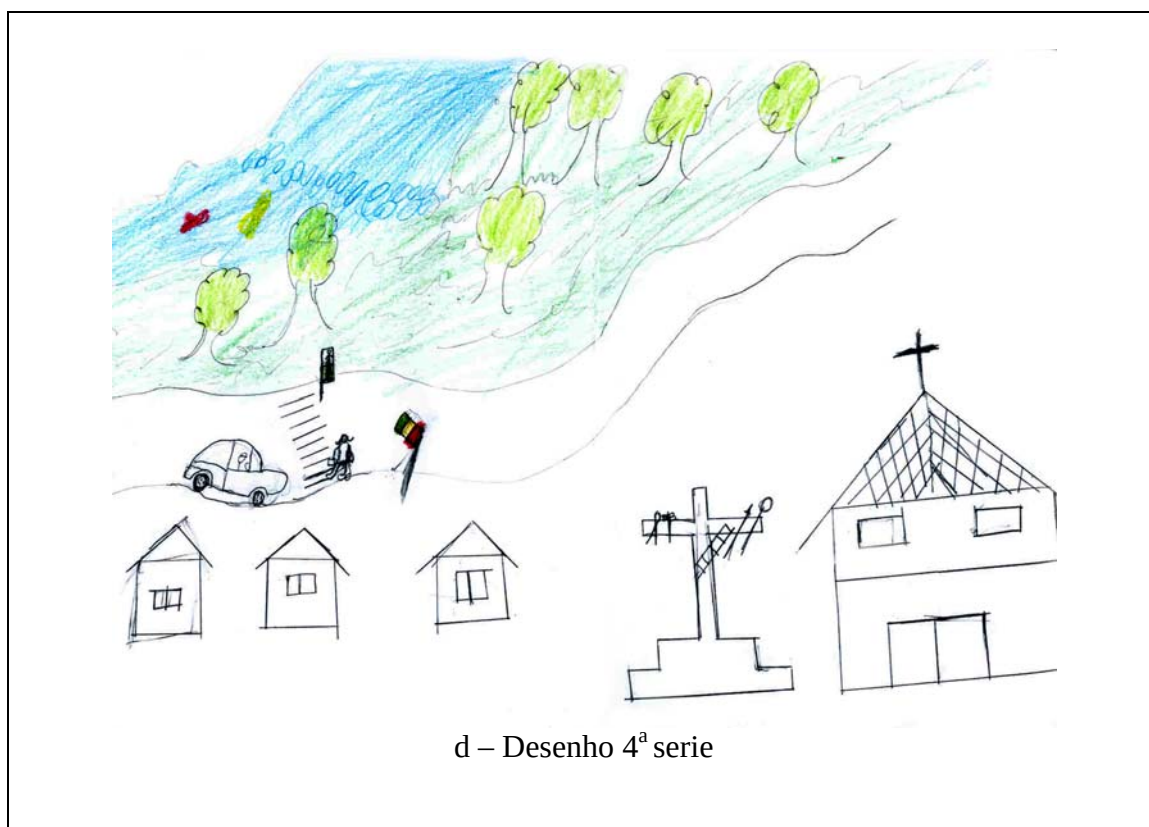


FIGURA 57 - Exemplo de desenhos produzidos pelos alunos

g) Apresentação de Capoeira

Ao trabalharmos conceitos relativos à identidade, patrimônio e cultura, promovemos o encontro dos alunos com a Capoeira. Convidamos Mestre Índio,¹³⁷ Mestre em Capoeira, de Belo Horizonte, para realizar essa atividade. Fomos informadas de que na cidade havia um outro Mestre tentando estabelecer um trabalho social através da capoeira na cidade e que estava buscando introduzir essa atividade na escola ou com o apoio da mesma, para as crianças que lá freqüentavam. Além disso, era mestre de muitos capoeiristas de Belo Horizonte e pai de um de nossos alunos. Entramos em contato com ele para convidá-lo a desenvolver o trabalho junto ao nosso convidado, o que foi imediatamente aceito.

A Capoeira¹³⁸ é dança, é brincadeira, é tradição. É cultura que manifesta uma forma de ser, um conjunto de vivências e informações históricas de um povo, considerada uma luta especial, ligada à busca da liberdade. Sua presença junto ao povo brasileiro a enriqueceu e a diferenciou de outras lutas ou práticas esportivas. Reúne em sua prática a música, a dança, a poesia e a luta. É considerada tanto pelos Mestres Capoeiristas quanto pelos seus praticantes uma atividade extremamente importante na sua formação global, por desenvolver através dos seus movimentos, a criatividade e o interesse pelas artes e pela cultura, levando a uma mudança de comportamento através da diversidade de experiências vivenciadas. Segundo Campos (2001) é uma excelente atividade física, que atua também na formação integral do aluno, de forma direta e indireta nos aspectos cognitivo, afetivo e motor, proporcionando ainda ao aluno uma liberdade em assimilá-la

¹³⁷ Mestre Índio possui um trabalho com um grupo de meninos, por ele assessorado na Alemanha.

¹³⁸ Na década de 80 do século XX, o Ministério da Educação, através de sua Secretaria de Esportes, lançou o Plano Nacional de Capoeira – PNC, e dentre seus projetos, encontra-se a “Capoeira na Escola”.

e atuar no campo em que se identificar: capoeira luta, capoeira dança e arte, capoeira folclore, capoeira esporte, capoeira educação, como lazer ou filosofia de vida.¹³⁹

Quando convidamos os Mestres para uma apresentação na escola, buscávamos levar aos alunos o depoimento de uma vivência dentro de uma filosofia de vida e como, ao escolher essa filosofia-profissão, eles se desenvolveram como pessoas e como cidadãos. Pedimos que narrassem suas histórias pessoais e porque adotaram a Capoeira em suas vidas. A apresentação se deu no pátio da escola, com a presença de todas as turmas da manhã, num clima de profunda atenção e, podemos dizer, fascínio. Os mestres levaram os instrumentos que os acompanham na “roda de Capoeira”, contaram sobre a origem da luta/dança, sobre suas histórias pessoais, sobre como atuam em suas profissões. A seguir fizeram uma apresentação dos movimentos entre eles e assim, passaram a convidar os alunos a formarem uma roda. Inicialmente houve muita timidez, que pouco a pouco foi sendo substituída pelo entusiasmo e participação. Percebemos que várias crianças daquele grupo já participavam de rodas de capoeira e quando a iniciaram, motivaram outras crianças a se reunirem a eles. Enquanto alguns lutavam, outros tocavam os instrumentos e outros cantavam as canções tradicionais às rodas (FIG. 58). Muitos da equipe da escola não sabiam do envolvimento de suas crianças com a Capoeira, tendo sido este encontro motivo para muitas descobertas. Para finalizarmos, os Mestres Capoeiristas encerraram a roda com uma reflexão sobre a importância do respeito às diferentes culturas e como as diferenças proporcionam ao ser humano seu crescimento e enriquecimento moral e intelectual, tornando-o mais sensível, mais sábio e com um sentimento de irmandade para com todos.

¹³⁹ CAMPOS, Helio. *Capoeira na Escola*. Salvador: EDUFBA, 2001, p. 17-24.



a – Convidados apresentando cantigas e instrumentos



b – Preparação das cantigas com os alunos



c – Luta entre os Mestres



d – Luta entre os Mestres



e – Luta entre Mestre e aluno



f – Luta entre Mestre e aluna

FIGURA 58 - Apresentação de Capoeira Angola

h) Aula sobre a restauração da Capela com apresentação de *banners*

Para quebrarmos um pouco o clima “descontração”, resolvemos dar uma aula “convencional”, através dos *banners* produzidos quando do Projeto de Restauração da Capela de São Sebastião. Os *banners* foram realizados para aulas ao ar livre à comunidade e a grupos de estudantes de turismo da FUMEC.

Levamos os *banners* para as salas de aulas, pendurando-os no quadro. Solicitamos aos alunos que se reunissem perto de nós com suas cadeiras e iniciamos nossa explicação fazendo uma breve viagem pela história de Macacos e da Capela. Discorremos sobre a importância daquele patrimônio para a cidade de Macacos, para o município de Nova Lima e para o Estado de Minas Gerais. Falamos da importância da festa tradicional da cidade, que ocorre em janeiro em homenagem a São Sebastião, sobre os objetos utilizados nessa festa, como ela ocorria, quem carregava os andores e estandartes e como as pessoas se orgulhavam de colaborar nesse dia. Descrevemos sobre quais materiais formavam a edificação, quais as técnicas tradicionais utilizadas e refletimos sobre quem poderia havê-la construído. Voltamos a falar então sobre nossas origens e nossos antepassados, sobre a importância dos saberes dos antigos e porque estávamos trabalhando para recuperar o edifício.

Enfatizamos a participação deles no processo de conservação da Capela questionando como eles a viam ou a usavam e, muitos sendo de famílias católicas, outros de famílias protestantes e outros ainda de diferentes credos, reforçamos a importância do respeito a todas as crenças. Assim relatamos a importância do Bem Patrimonial como fonte não somente de alimento espiritual de cada cultura, mas como fonte do saber. Da importância do monumento como fonte de pesquisa para historiadores, artistas plásticos, restauradores, engenheiros e arquitetos e outros

profissionais, além da fonte de prazer e deleite para aqueles que visitavam a cidade. Durante a conversa, descobrimos que muitos dos alunos adoravam frequentar o adro da Capela como campo de futebol. Discorremos sobre uma série de questões relacionadas a valores como respeito, responsabilidade, direito à privacidade, delicadeza, consideração com o outro e consigo mesmo. Usamos o exemplo da Capela e de seu estado de conservação antes de ser restaurada e as causas que a levaram ao quase desaparecimento. Transpomos esses conceitos para suas vidas cotidianas, suas casas, suas famílias levando-os a refletir sobre atitudes negativas por eles percebidas na cidade, fazendo a transposição dessas situações para seu micro-universo. Trabalhamos sobre a visão dos reflexos das atitudes positivas e negativas sobre o outro e como elas retornam a nós.

Discorremos também sobre o altar-mor e as esculturas, sobre seus materiais constitutivos, quais as técnicas utilizadas na decoração das imagens, sobre a folha de ouro (a curiosidade sobre esta etapa foi imensa) usada nas imagens. Refletimos sobre o ataque dos cupins e dos fungos nas imagens e porque eles a atacaram. Fizemos uma ponte para questões relacionadas ao desequilíbrio ecológico e voltamos ao tema preservação. As crianças levantaram várias perguntas relacionadas aos tópicos descritos, demonstrando grande interesse e capacidade de raciocínio sobre as questões propostas para reflexão. Concluimos a aula e eles questionaram se não teríamos mais atividades. Se a aula terminaria com aquela exposição, sem outra atividade mais “dinâmica”. O que foi por nós confirmado, para desagrado de alguns. Como tarefa, pedimos sugestões para o cuidado da Capela, sobre o que eles desejariam de melhor para suas vidas e como poderiam alcançar seus objetivos. Os *banners* foram dispostos no refeitório até a finalização de nossas atividades na escola.

i) Viajando através da música

A vivência proposta para essa atividade teve como objetivo despertar a sensibilidade de cada aluno quanto aos conceitos relativos à preservação e responsabilidade coletiva. Para tanto, convidamos os alunos a se transportarem conosco para outro mundo. Selecionamos uma trilha sonora que propiciasse o mergulho na situação vivenciada enquanto narrávamos a história. Utilizamos o recurso de fantasias (com roupas comuns adaptadas para a ocasião) para reforçamos o clima da situação. A situação criada foi a seguinte (APENDICE II):

- somos todos do Sistema Binário Estelar Sírius, muito mais evoluído e adiantado que o planeta Terra;
- temos como missão visitar o planeta, investigá-lo e conhecê-lo;
- devemos estar atentos aos nossos sentimentos durante nossa experiência e ao retornarmos trazermos uma lembrança que consideramos importante de ser preservada;
- daremos o veredicto sobre salvar ou não o planeta Terra.

Para as turmas dos 3º e 4º anos, a vivência foi realizada com todos deitados e relaxados no chão da classe, trabalhando exclusivamente com sua imaginação e os sentimentos produzidos pelas situações. Para os alunos das 1ª e 2ª séries, não foi possível vivenciar a situação da mesma forma, pois seria difícil para eles a concentração. Assim, a vivenciamos pela interpretação. Utilizamos como nave um grande lençol e roupas variadas para os personagens (FIG. 59).



FIGURA 59 - Interpretação da história *Os Viajantes de Sírius*

Dando seqüência à vivência, fomos para o quadro, ainda como Chefe-Supremo, para listarmos o que cada Alfa achou importante trazer da terra para ser preservado, quais os sentimentos que eles vivenciaram e qual o destino que seria dado ao planeta. As professoras listaram as opiniões (ANEXO VII).

Ao final da atividade, pedimos que cada aluno representasse em desenhos o que achasse interessante da nossa vivência, para ser guardado nas caixas de memórias.

j) Teatro de sombras, confecção e apresentação

Após vivenciarmos tão intensamente a “atividade alienígena”, procuramos reforçar os conceitos através da experiência do Teatro de Sombras. Para tanto convidamos a cineasta e roteirista Cristiane Matos (FIG 60),¹⁴⁰ para desenvolvermos juntas a atividade. Reunimos a técnica do Teatro de Sombras à história da atividade anterior. Nosso objetivo foi despertar a imaginação criadora, a sensibilidade, a criatividade e a fantasia das crianças usando o mínimo de recursos materiais, além do sentido de cooperação, cordialidade e organização, finalizando com a apresentação da produção. Dedicamos duas manhãs para tal atividade com uma breve aula teórica sobre a origem do Teatro de Sombras, aula prática com a montagem dos personagens (FIG. 61) e montagem e apresentação da história. Os alunos das 3ª e 4ª séries confeccionaram e decoraram seus bonecos. Os alunos das 1ª e 2ª séries receberam os personagens prontos para serem recortados, decorados e montados. Essa diferenciação foi necessária pelo tempo determinado para a atividade e a pouca agilidade dos alunos menores.

Os alunos aprenderam sobre a origem do Teatro de Sombras, uma tradição milenar dos chineses. As sombras, por terem se conservado na memória, na tradição dos chineses, puderam chegar até o ocidente, sendo assimilado na forma de espetáculo. Até hoje as sombras são utilizadas como componentes do cenário em teatro. É uma forma tradicional de teatro de bonecos muito utilizado no oriente. A história remete essa arte para antes de Cristo, em que Chineses e Indianos praticavam teatro de sombras em rituais religiosos. São praticados na Índia, Java, Bali e Malásia. Um boneco de varas é manipulado, atrás de uma tela, com uma luz projetando apenas sua sombra para o

¹⁴⁰ Cristiane Lage de Matos é Professora de vídeo e cinema, roteirista, graduada em Biblioteconomia, com curso de aperfeiçoamento em roteiro e realização cinematográfica. É mestranda do Curso de Mestrado em Artes Visuais da EBA/UFMG, na área de Cinema.

espectador. Na Turquia e na Grécia, há uma forma de teatro de sombras feito em figuras planas de couro e de madeira leve.¹⁴¹ Refletimos sobre a palavra tradição e a importância da preservação dessa arte até os dias de hoje.

Utilizamos para essa atividade arames finos, papel cartão, folhas coloridas de papel celofane, cola, tesoura, palitos para churrasco, um lençol branco, um refletor e a mesma trilha sonora utilizada na atividade anterior. Após a confecção dos bonecos, o palco foi preparado pelos alunos e por nós para a apresentação. Foi escolhido um narrador da história e grupos foram divididos pelos personagens. A apresentação foi feita para toda a escola (FIG. 62) Ao término das atividades, os alunos guardaram seus bonecos em suas caixas de memórias.



FIGURA 60 - Aula sobre Teatro de Sombras

¹⁴¹ <http://www.karagoz2x.com.br>



a



b



c



d



e



f

FIGURA 61 - Confeção e montagem dos personagens

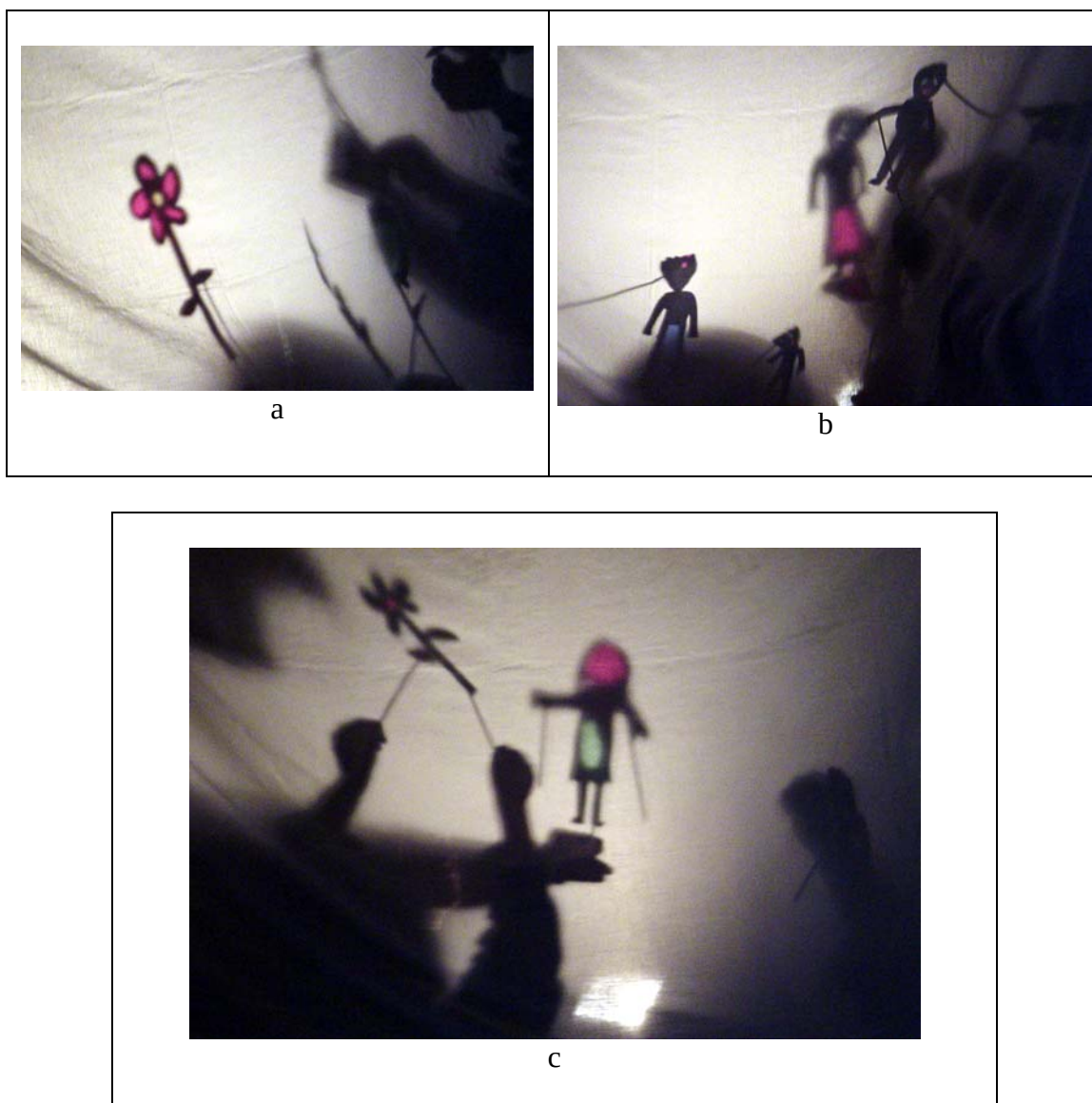


FIGURA 62 - Apresentação da história

k) Última aula individual com as turmas: apresentação de nossa própria caixa de memórias

Em um clima bem intimista realizamos a última aula individual com cada turma, apresentando nossa própria caixa de memórias, com objetos pessoais por nós considerados de grande valor sentimental. Nosso objetivo foi reforçar a idéia da caixa de memórias, para que ficasse bem marcado seu objetivo. Acreditamos que ao

compartilharmos nossas memórias com as crianças, por fim elas compreenderam o sentido do que tentamos ensinar por todo o projeto.

Levamos uma grande caixa para a sala de aula e nos dispusemos em círculo, como na primeira aula do projeto. Retiramos cada objeto da caixa, contando a história e importância de cada um, suas origens, de quem ganhamos, a quem pertenceram e porque o temos até hoje. Repassamos cada objeto pelas mãos dos alunos para que os pudessem tocar e examinar. Durante esse momento mais íntimo, conversamos sobre todo nosso trabalho, refletindo sobre cada momento e os conceitos trabalhados ao longo das atividades. Falamos sobre memória e a importância de mantê-la viva e como eles pretendiam desenvolver suas caixas a partir daquele momento. Conversamos sobre a reflexão pedida a eles na aula sobre a restauração da Capela com apresentação de banners, momento em que pedimos para nos falarem a respeito de seus sonhos, o que pretendiam ser quando crescessem e como lutariam para alcançarem seus objetivos. Cada aluno falou sobre como poderia desde já ajudar na preservação de sua cidade. Reforçamos para eles sobre a noção de patrimônios que não podem ser tocados dando exemplos dos sentimentos vivenciados em nossa *viagem espacial* e das histórias que acompanhavam os objetos que eles estavam tocando.

I) Sentindo a música

Para encerrarmos nossas atividades, convidamos o musicista Abel Morais,¹⁴² promovendo, no refeitório, uma reunião com todas as turmas da manhã. Solicitamos ao professor que levasse seu violoncelo, pois muitas daquelas crianças nunca tinham tido

¹⁴² Abel Raimundo de Moraes Silva é Mestre pela Thames Valley University de Londres, educador musical, violoncelista, pesquisador e professor da Escola de Música da Universidade Estadual de Minas Gerais. Faz parte do quadro de funcionários da Escola de Musica da UFMG, compondo a orquestra da escola.

contato com um instrumento musical (FIG. 63). Os objetivos dessa aula de encerramento, completando o nosso ciclo cultural do projeto trabalhado através da conservação/restauração, do folclore, do teatro e da literatura, foram levar as crianças a perceberem a música e suas variadas manifestações. Segundo Abel Morais, *“ao levar a música às crianças, meus objetivos foram apresentar manifestações musicais de diversas culturas e revelar a relação íntima entre a música e a sociedade, ou entre a cultura e o meio, bem como seu fator de retroalimentação: o meio que produz a cultura que produz o meio.”*



FIGURA 63 - Abel Morais

Noventa crianças foram reunidas no refeitório, montado como um palco, para as atividades. Além dos alunos, toda a equipe da escola participou da atividade (alunos, professores, diretor, secretárias, supervisora, cozinheiras, faxineira, zelador, motorista). Na primeira parte da atividade, foram apresentadas através de vídeo, diversas manifestações culturais, por diferentes culturas do mundo; as distintas formas como a

música é apresentada e sua importância na formação do homem, tornando-o mais sensível e integrado (FIG.64). Foram realizados exercícios práticos com os alunos com relação ao tema dessa primeira parte. A participação foi maciça e um espaço para perguntas foi aberto. A curiosidade se mostrou interminável e cada um queria contar alguma experiência.



FICURA 64 - Apresentação de vídeos e exercícios práticos

Na segunda parte, foram passados dois desenhos animados de Walt Disney – Fantasia II – sendo as crianças levadas ao acompanhamento da sincronia entre os movimentos dos desenhos e os sons produzidos pela música. Alguns exercícios foram realizados: o primeiro foi a percepção somente do desenho, o segundo foi a percepção

da música, com todos de olhos fechados e o terceiro, a reunião dos dois momentos. Foi pedido às crianças que tentassem distinguir os sons dos instrumentos e nomeá-los.

Na terceira parte, o violoncelista apresentou aos alunos o violoncelo, de qual material ele era feito, de onde vinham as cordas do arco que produzia seus sons e a história daquele instrumento musical ali apresentado. Foi-lhes apresentado em seguida, o som de cada corda musical, tocada com os dedos e com o arco. Por fim, foi pedido às crianças que fechassem seus olhos e sentissem a música (FIG.65). A música escolhida foi “Suíte pour violoncelle seul N° 1, en sol majeur – Prelude”, de Johann Sebastian Bach. Noventa crianças, em absoluto silêncio, absorveram cada nota musical, chegando algumas a se emocionarem imensamente. Após o término, o silêncio ainda continuou por alguns instantes, sendo rompido por uma sonora salva de palmas, assovios e pedidos de bis. Foram tocadas outras músicas, clássicas e populares e em seguida alguns alunos expuseram suas opiniões com relação ao violoncelo, aos sons escutados e ao que sentiram.



FIGURA 65 - Apresentação dos sons do violoncelo

m) Entrega dos diplomas e das caixas de memórias com solenidade de encerramento das atividades

Para finalizarmos o projeto, promovemos uma solenidade de encerramento das atividades (FIG. 66), convidando toda a equipe do colégio e a Diretora do Patrimônio de Nova Lima. O pátio foi decorado para o evento e as crianças ali acomodadas. Todas as caixas de memórias foram trazidas e divididas por turmas e para cada aluno foi confeccionado um diploma. A diretora abriu a solenidade com um discurso sobre nosso projeto e a importância da participação dos alunos, de como a escola sentia-se orgulhosa de haver ajudado na sua concretização e que todos eles foram importantíssimos para a realização do mesmo. Suas palavras foram ratificadas pela Diretora do Patrimônio de Nova Lima, que reforçou a necessidade de se transformar em ação todos os conceitos de preservação estudados e vivenciados no projeto e que eles se tornaram a partir dali, participantes fundamentais na proteção da região. A seguir, fomos convidadas a entregar os diplomas com as caixas de memórias, junto às professoras de cada série. Cada um dos noventa alunos recebeu um diploma que lhe concedia o título de *“Guardião da Memória e Senhor do Tempo’ com a honra e a responsabilidade de cuidar, amar e preservar sua cidade, a natureza que o rodeia e tudo de importante que nela existe para o bem do seu futuro e de quem ali mora.”*



FIGURA 66 - Solenidade de encerramento das atividades com entrega das caixas de memórias e diplomas

8.2.3 GRUPO III

A interação com o terceiro grupo, formado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio de Nova Lima ocorreu apenas ao final da pesquisa, quando da necessidade de realização das intervenções na Capela visando melhorar as condições ambientais em seu interior. Embora estivessem acompanhando todas as ações através da Diretora do Patrimônio de Nova Lima, Rosana Bianchini, presente em todo o processo, somente tivemos oportunidade de estabelecermos um contato mais direto ao final do projeto, devido à urgência de nossas ações. O encontro com o Conselho foi realizado através de uma

reunião na Casa de Cultura de Nova Lima, onde nos foi solicitado explicar quais as ações a serem implantadas por nós na Capela e sua pertinência. A proposta levou-nos a preparar uma explanação de todo o projeto, desde seu início até sua finalização e os desdobramentos necessários até aquela data. Através dos *banners* explicamos todo o contexto da edificação e suas condições antes e após restauração. Advertimos sobre a importância do Conselho estar atento tanto aos profissionais que venham a atuar na Capela, quanto às propostas de modificações na área tombada. Foi um encontro de quase cinco horas de explicações sobre nossa profissão, sobre a restauração dos bens integrados, sobre a revitalização da Capela e os problemas pós-restauração, além das dificuldades diárias pelas quais a cidade vem passando. Pudemos também conhecer a realidade do Conselho, quais seus poderes e restrições, e em quê podem auxiliar no processo de resgate cultural de São Sebastião das Águas Claras. Os membros do Conselho se mostraram interessados e abertos às nossas propostas, finalizando a reunião com a promessa de uma visita à Capela para visualizarem nossa proposta e a visitarem após a restauração. Considero essa disponibilidade um passo fundamental no processo de mudanças necessárias à cidade. Ao visitarem a cidade puderam sentir alguns dos problemas expostos nessa pesquisa. Acreditamos que ao finalizarmos nossa pesquisa, novos caminhos surgirão com esse grupo como uma continuidade às ações empreendidas até o momento. O diálogo continua.

9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Partindo do pressuposto de que a conservação e a restauração, a partir do século XX, vêm conquistando uma personalidade mais científica e uma postura interdisciplinar, tentamos aplicar as orientações específicas que vem sendo dadas, no que se refere aos critérios de conservação preventiva para a preservação e de educação patrimonial, na comunidade de São Sebastião das Águas Claras.

De nossa participação no trabalho de restauração dos bens integrados da Capela de São Sebastião, surgiu o questionamento: o quê fazer para impedir que o trabalho realizado se perdesse em pouco tempo? Como resposta, fruto dos estudos teóricos realizados e da consciência da carência de verba permanente, em todos os setores do país, principalmente nos de educação e cultura como um todo, só nos restava o estímulo a ações integradoras, tentando “traduzir”, de forma compreensível à comunidade, a necessidade imperiosa de sua participação em um trabalho de conservação preventiva e educação patrimonial.

Assim, nosso primeiro enfoque foi a pesquisa sobre o contexto histórico em que se formou o local e a edificação, pois ao compreendermos sua história poderíamos alcançar o grau de importância do distrito e do bem patrimonial no qual trabalharíamos. Descobrimos que o distrito traz uma história pautada principalmente na extração mineral e no comércio formado no entorno dessa atividade que, mesmo tendo entrado em declínio, não impediu que o distrito continuasse em sua atividade de pequenos comércios e com a ampliação para o turismo a partir das décadas de 70/80. Porém um turismo desordenado e caótico que, muito mais que benefícios, trouxe à região prejuízos, de ordem social e ambiental, agravados pelas mineradoras locais e suas conseqüências diretas no contexto da região. Trezentos anos, aproximadamente, de uma

história extratora e excludente que se reflete hoje na perda da identidade cultural do distrito que foi sentida no abandono em que a Capela se encontrava, mesmo após sua restauração arquitetônica no período de 1986 a 1988.

Buscamos também informações sobre questões administrativo-econômicas da Igreja, como pessoa jurídica, para entendermos sobre a Capela de São Sebastião e traçarmos planos de ações condizentes com a realidade local. Nossa intenção, desde o início da pesquisa e mesmo após o término do primeiro processo que consistiu na “Restauração da Capela de São Sebastião”, era propor soluções e se possível implementá-las. Mas como realizá-las sem levar em consideração a manutenção por eles, de nossas propostas? Qual sistema deveríamos implementar, como medida conservativa, sem interferirmos na rotina de um templo com seus trabalhos e cultos pré-estabelecidos e com recursos mínimos para sua manutenção? E a quem deveríamos nos reportar para apresentar as propostas e decidir sobre elas? Em seu histórico administrativo, a Capela é uma fonte “geradora” de recursos apenas através da pontuação que ela fornece ao Município de Nova Lima, que junto a outros bens tombados sob sua tutela, precisa administrar os poucos recursos a ele destinado pelo Estado, para serem distribuídos entre todo o seu patrimônio, de acordo com as urgências que se apresentam, na medida do possível.

Todas essas questões foram sendo construídas e percebidas, ao iniciarmos nossa aproximação com os responsáveis pela Capela, munidos da pesquisa prévia. Assim, todo o trabalho foi sendo desenvolvido com o surgimento de questões, discussões sobre elas e tomada das ações através das decisões conjuntas e/ou sua aprovação. Nesse contexto, a presença e acompanhamento de outros profissionais especializados foram fundamentais para estabelecermos uma linha de raciocínio que nos levasse a atuações mais adequadas ao contexto.

Ao sairmos em busca das soluções, a segunda etapa da pesquisa se revelou primordial para nossa compreensão sobre a edificação enquanto matéria e seus objetos integrados. Reconhecer suas técnicas construtivas e as vantagens e desvantagens oferecidas por elas, analisar os diagnósticos realizados nos períodos de sua intervenção e pontuar suas questões comuns e divergentes, levou-nos a uma pesquisa em outros campos do saber e ao apoio de profissionais especializados numa tentativa de compreender a sutil e complexa relação entre o micro-ambiente e o macro-ambiente que a envolve. Não podemos deixar de pontuar a questão do gerenciamento, que é de fundamental importância quando da intervenção de um patrimônio, qualquer que seja ele. É inegável o esforço que vem sendo empreendido por órgãos da iniciativa privada em promover a recuperação de bens patrimoniais. Graças a essas iniciativas, vimos conseguindo amenizar a perda de nossa memória material (e conseqüentemente imaterial) através da captação de recursos que extrapolam as verbas públicas, tão exíguas para esses fins. Porém, percebemos que ainda falta uma maior e melhor preparação, tanto dos gestores culturais, no gerenciamento desse tipo de empreendimento, quanto da equipe executora, no que concerne a uma maior integração no processo do restauro. A área patrimonial requer de seus agentes e dos órgãos federais, estaduais e municipais, cada vez mais, e de forma urgente, uma maior responsabilidade no que tange à implementação, divulgação e conscientização de novas abordagens sobre gerenciamento e gestão do Patrimônio, para que as parcerias continuem a ser incentivadas, porém readequadas a uma área que exige uma melhor preparação e especialização de seus profissionais, bem como daqueles que a ela aderem, que é a revitalização de um bem patrimonial.

Quanto à edificação, percebemos que muitos dos problemas relacionados a ela foram primeiramente originados pela própria técnica construtiva utilizada e por diversas

intervenções ocorridas ao longo de sua história, culminando em uma restauração arquitetônica, que eliminou e corrigiu muitas dessas intervenções inadequadas. Os procedimentos aplicados nessa intervenção (1986/88) ainda buscaram resolver os problemas da umidade, através da implementação de um sistema de drenagem que amenizasse a força das águas pluviais, sistema ainda hoje em funcionamento e em perfeitas condições.

Ao compreendermos a técnica construtiva da edificação, os materiais constitutivos dos bens integrados e a correlação de ambos com o próprio meio, percebemos que diversos aspectos considerados prejudiciais à sua conservação, como os altos índices de umidade relativa nesse contexto, tornaram-se fatores de equilíbrio para a conservação das obras, ao mesmo tempo em que provocaram, por falta de uma conservação adequada, suas patologias. O que veio apoiar nossos futuros procedimentos para atenuar tais questões. Para tanto, o monitoramento realizado por alguns meses nos trouxe subsídios que confirmaram suposições existentes quanto à inércia térmica da edificação, seu sistema passivo de ventilação/aeração e sua eficiência. Essas constatações, no entanto, produziram uma preocupação maior no que tange ao grupo humano mantenedor da capela.

Concluímos que um dos grandes problemas para a conservação dos bens integrados estava localizado no fator *alto índice de umidade interna*, presente no interior da Capela, mantida pela falta de ventilação/aeração, que conseqüentemente criava um meio propício para a proliferação de agentes biológicos que contaminavam o ambiente e os seus bens. Ao mesmo tempo, isso ocorria, não necessariamente pela inexistência de meios que proporcionassem a ventilação/aeração do local, como já discorrido em nossos textos anteriores, mas pela falta de uma rotina que permitisse a abertura dos vãos de ventilação existentes no setor (janelas e portas) que propiciassem uma boa aeração no

local. Aliado a esse fator constatamos que o problema estava na falta de contingente humano para fazer esse sistema existente funcionar. Essa impossibilidade está aliada à rotina e responsabilidades desse grupo. Grupo formado por pessoas que têm um ritmo de vida que não lhes permite ter duas ou três horas de seu dia dedicados à permanência na igreja para essa função. Pois seria necessário não somente abrir as áreas de ventilação, mas também permanecer no local, de plantão, uma vez que a Capela não possui vigias ou sistemas adequados de segurança que permitam sua abertura sem a devida fiscalização. Partindo desses dados, demos continuidade ao nosso diálogo com seus responsáveis diretos e indiretos, buscando formas de amenizar as condições inadequadas, transformando o ambiente num local propício à sua conservação.

Nesse ponto, nossa pesquisa ganhou outro ritmo, quando se fez necessário “traduzirmos” nossa investigação para que a compreensão da importância das ações a serem implementadas fosse alcançada tanto pelos responsáveis diretos pela Capela de São Sebastião – Padre, conselho consultivo, membros mantenedores e usuários – quanto pelos responsáveis indiretos da edificação – Conselho Consultivo do Patrimônio de Nova Lima. A oportunidade de repassarmos nossa pesquisa em diversos níveis de linguagem justificou o nosso esforço de investigação e nos proporcionou o encontro de soluções adequadas a todos. O resultado foi a aprovação, por parte dos responsáveis pelo patrimônio, para que implantássemos na Capela um sistema passivo de ventilação/aeração que possibilitará amenizar o impacto da alta umidade relativa interna e a conseqüente proliferação dos agentes biológicos, sem onerar a sua comunidade mantenedora nem obrigá-la a mudar sua rotina diária.

Nesse aspecto, acreditamos haver alcançado os objetivos voltados a uma melhor conservação da Capela, não somente através das medidas efetivas adotadas posteriormente à restauração da mesma e que vieram completar as ações voltadas à sua

melhoria, como também pela autonomia proporcionada a seus responsáveis diretos e que foi conquistada através de constante permuta estabelecida entre as partes envolvidas. Não sabemos ainda os resultados de nossos esforços nesse aspecto, uma vez que desejaríamos ter promovido oficinas para auxiliá-los na compreensão prática de ações preventivas, o que se tornou inviável, pela impossibilidade de reunirmos o grupo, todos em um só momento, para tais práticas. Mas acreditamos assim mesmo, que nosso convívio, nossas preocupações e conversas individuais e coletivas aliadas ao imenso carinho e devoção que essas pessoas conferem à Capela, estabelecerão os meios necessários para sua preservação.

Um outro enfoque da pesquisa foi sendo delineado no decorrer do processo de restauração da Capela. Através das várias reuniões e conversas, fomos percebendo com quais grupos poderíamos atuar, uma vez que nossa ilusão em trabalharmos toda a comunidade mostrou-se inviável para o momento em questão. Com os agentes responsáveis pela Capela, como descrito anteriormente, acreditamos haver despertado interesse pelo seu patrimônio e, conseqüentemente, por sua cultura. Confiamos que eles tenham compreendido seus papéis de co-participantes nesse processo. Quanto à Escola Municipal Rubem da Costa Lima, essa experiência nos obrigou a rever todo o nosso conceito referente à Educação Patrimonial e sua aplicabilidade, por ter sido esta a primeira vez que atuávamos com o ensino fundamental. Em nossas experiências anteriores a esse projeto trabalhamos com adultos, que, dentro de suas possibilidades, já possuíam uma vivência dentro de seu contexto social e traziam uma bagagem a ser elaborada em conjunto. No caso da escola, estávamos propondo a inserção de conceitos sobre patrimônio para um grupo ainda em formação, com uma realidade que somente após nosso convívio diário, nos possibilitou perceber o mundo em que estávamos atuando. E isso se deu, não somente por nossas observações, mas pela cooperação

generosa da própria equipe da escola que foi nos dando as chaves para estabelecer nossas práticas. Ampliamos assim nossas ações, usando a Capela e sua restauração como mais um item no processo de Educação Patrimonial. Adequando nossa programação às solicitações da direção, frente às suas impossibilidades ou dificuldades, estabelecemos um programa que pudesse ser realizado dentro do próprio ambiente escolar, através de atividades lúdicas que estimulassem os alunos à compreenderem nossa proposta. Como relatado no *Estudo de Caso*, cada encontro tornava-se uma surpresa (para os alunos e nós), sendo trabalhados aspectos relativos ao Patrimônio como um todo, desde o patrimônio pessoal, inserido em seus micro-universos, até a visão mais abrangente do sentido de preservação como uma nação, como habitantes do planeta Terra. Assim, propusemos uma viagem dentro de seu próprio contexto, trazendo para reflexão questões relativas à cidade de São Sebastião e aos rumos que esta estava percorrendo. Inserimos em nossas atividades a cultura em suas várias manifestações, como um apoio ao tema preservação, usando de variados recursos para sensibilizar as crianças.

No que tange à caixa de memórias, percebemos que haveríamos de mudar nossa abordagem se almejássemos alguma resposta efetiva, pois descobrimos que muitas crianças não tinham como realizar nossos pedidos em forma de dever de casa, pela simples condição de não possuírem mínimos recursos para tal (por exemplo, papel e lápis de cor). Que suas vidas (a da maioria) estavam vinculadas à escola e a tarefas outras ligadas a seu contexto familiar. Que algumas sequer possuíam pais alfabetizados. Assim, apostamos na própria capacidade criativa de cada aluno e em seu poder de estabelecer os vínculos necessários para a compreensão de nossas atividades. Com a ajuda das professoras, resolvemos então construir com os alunos suas caixas de memórias no decorrer de nossas atividades: as impressões vividas e registradas por eles

seriam guardadas em suas caixas. Como tarefa diária, ao final de cada aula, cada aluno a *rechearia* com o produto de nosso trabalho conjunto, quando era realizado em forma de desenhos ou textos.

Ressaltamos aqui que a participação de outras atividades como a música, o teatro e a dança, levadas a eles através de outros profissionais, enriqueceu substancialmente as atividades. Solicitamos que cada profissional contasse sua história pessoal, relatasse sobre sua profissão e o que sua escolha possibilitou em forma de crescimento pessoal em sua vida. Nosso objetivo foi o de levar a essas crianças outras visões de mundo, outras maneiras de trabalhar com prazer e seriedade. E também de demonstrar às professoras que todas as atividades por nós realizadas poderiam ser por elas também desenvolvidas através de seu círculo social e de sua criatividade. Que a educação patrimonial não requer museus e centros culturais para acontecer. Ao observarem o próprio entorno em que estão atuando e a cultura local com sua rica diversidade, podem estabelecer vínculos importantíssimos no processo educacional de seus alunos, pelas chaves que eles mesmos lhes oferecem. Nesse sentido, pontuamos aqui a valiosa contribuição dessas professoras, que nos acompanharam em todos os momentos, permitindo-nos atuar em seus ambientes e mesclando a todo instante seus conhecimentos aos nossos, enriquecendo as atividades promovidas (ANEXO VIII).

Ao encerramento das atividades, procuramos, através de uma solenidade mais formal, fortalecer o orgulho de cada aluno que, ao receber suas caixa de memórias e seu diploma, recebeu também a incumbência de auxiliar sua cidade no processo de preservação, pois ele é personagem atuante de sua própria história e quanto mais se der conta de sua importância em seu meio, mais saberá receber as influências do mundo sem abdicar ou rechaçar o seu. Tentamos fazê-lo perceber que ele é especial justamente por ser daquele lugar e pertencer àquele contexto. Acreditamos que, para esse grupo,

plantamos sementes que serão germinadas e refletirão num futuro não muito distante. Os efeitos de nossos esforços já se fazem sentir no comportamento das crianças com relação à Capela e aos turistas que ali freqüentam. Algumas continuam cultivando suas caixas de memórias. Embora tenhamos exercitado juntos, por alguns meses, a educação em forma de alegria e prazer, finalizamos nossos trabalhos com a certeza de que aprendemos muito mais no sentido de integrarmos nossa profissão ao processo de educação patrimonial.

Mas, o que nos deu a certeza de estarmos trilhando um caminho coerente foi o convite que recebemos do Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima, para esclarecermos sobre as últimas ações a serem realizadas na Capela (ventilação/aeração). Essa aproximação foi importantíssima para divulgarmos nosso trabalho junto à escola e à comunidade mantenedora, e para levarmos ao conhecimento desse grupo situações de conflito vivenciadas pela comunidade, também extramuros da Capela, e que não chegavam ao seu conhecimento. A receptividade positiva, com que nossas informações foram recebidas, veio reforçar ainda mais a importância de estabelecer e reforçar o diálogo e a interação entre todos os envolvidos numa proposta de revitalização de um bem patrimonial, estejam direta ou indiretamente a ele vinculados. Sentimos que esse grupo está aberto às novas mudanças e pré-dispostos a delas participarem.

Ao finalizarmos nossa experiência, concluímos que uma nova postura sobre Patrimônio está vinculada principalmente aos valores que a comunidade lhe outorga e que vêm refletir no seu processo de auto-estima e auto-construção. Percebemos, no decorrer desses meses de proposta de interação que é na diversidade que se atinge o todo, mas para que esse todo faça sentido é necessário fortalecer o sentido de sua própria identidade através de suas diferenças.

10 CONCLUSÃO

Conceber e realizar o projeto por nós aqui apresentado, foi antes de tudo a possibilidade de revermos nossa própria postura diante da profissão e das possibilidades por ela oferecidas. Vivenciarmos o Patrimônio Cultural dentro de um contexto real e não somente atrás dos tapumes ou na esfera ateliê, faz-nos refletir sobre a responsabilidade que assumimos enquanto profissionais e enquanto cidadãos no processo de fortalecimento e revitalização de nossa cultura. A compreensão da nossa atividade como um poderoso instrumento de fortalecimento cultural, leva-nos à reflexão sobre a responsabilidade de conduzir-nos, e a outros indivíduos, no caminho do entendimento e do profundo comprometimento, na construção desse universo sócio-cultural. Lidar com o nosso Patrimônio é lidar com o espelho do país refletido na precariedade com que tantas capelas, com cerca de trezentos anos, como a de São Sebastião, se mantêm em pequenas culturas que, em sua maioria, somente contam consigo mesmas. É encarar a falta de auto-estima e desvalorização de um grupo em detrimento de outras culturas invasoras e extratoras. É considerar que, na verdade, esse grupo é o reflexo de um país perdido em seus próprios descaminhos e em desarmonia com o que possui de genuíno e inovador.

Percebemos que nosso saber torna-se apenas um instrumento gerador de novas informações e estímulos, pois é a possibilidade de se estabelecer uma reciprocidade para com o meio que torna o saber específico coerente e construtor, recebendo resposta imediata desse meio. A postura que tomamos diante do meio em que atuamos transforma-o, propiciando nossa própria transformação. E para tanto, faz-se necessária a

interação pela emoção e pela percepção do que o outro possa nos revelar e nos fornecer em conhecimento e costumes, saberes inatos que nos servirão de material para a comunicação do nosso saber:

“A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural. Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história deste mútuo fazer mas, conseqüentemente, contam a história deste mútuo fazer.”¹⁴³

No caso aqui específico, o campo da conservação preventiva pôde proporcionar ao profissional uma abordagem bem mais abrangente, unindo seu aspecto científico a uma postura mais integradora e inclusiva. Agindo em seu aspecto investigador, a conservação preventiva pôde apontar determinados problemas relacionados ao patrimônio e oferecer soluções que viabilizassem a dilatação do tempo de vida do patrimônio em questão. Unida à educação patrimonial, tornou-se uma importante ferramenta para que uma comunidade (através de seu patrimônio) pudesse lançar um novo olhar sobre si mesma, rumo à sua autonomia.

Não sabemos as repercussões que nossas ações irão provocar. Sabemos apenas que a proposta buscou um caminho de interação e diálogo para que nossa atuação tivesse algum sentido mais profundo que apenas o de passagem. Que buscamos provocar nesse grupo específico com o qual convivemos, através do estímulo causado inicialmente pela revitalização da Capela e posteriormente pela continuidade de ações nela desenvolvidas e paralelamente a elas, a certeza de que eles são personagens fundamentais na

¹⁴³ FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 10ª ed., 2002, p. 81.

construção e delineamento de sua cidade e que o rumo que ela irá tomar depende exclusivamente do comprometimento e postura com que esse grupo guiará seus caminhos. Perceberem a si mesmos, com uma ótica renovada é o grande desafio a eles proposto. E em consequência a nós também.

11 BIBLIOGRAFIA

ADMINISTRAÇÃO Diocesana E Paroquial. Porto Alegre: CNBB. Regional Sul 3, 1976.

AGUILAR, Nelson (org.) *Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca*. Fundação Bienal de São Paulo / Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ARTE: Materiales Y Conservación. Madrid: Fundación Argentaria – Visor Dis., 1998 (Colección Debates sobre Arte, Volumen VI).

A SAGRADA LITURGIA. Constituição Sacrosanctum Concilium. Edição didática popular, comemorativa dos 40 anos do 1º documento do Concílio Vaticano II, 04.12.1963 – 04.12.2003. Tradução CNBB. Brasília: CNBB, 2002.

ASSIS, Eleonora Sad; FRANÇA, Ricardo Orlandi; CORTIZO, Eduardo Cabaleiro. *Formação para uma abordagem multidisciplinar do edifício visando à conservação de bens culturais*. Artigo apresentado à comissão científica do 3º Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios. Lisboa: 26 a 30 de maio, 2003. Cópia cedida pela autora.[s.n.t.].

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos M.; MACHADO, Reinaldo G. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. São Paulo: Fundação João Pinheiro, Fundação Roberto Marinho, Companhia Editora Nacional, 1980.

BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Tradução: Glória Lucia Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1983. (Tomo I e II).

BIANCHINI, Rosana, RIBEIRO, Carlos Alberto M., BARROSO, Ivan. *Dossiê Processo de Tombamento: Capela de São Sebastião – Distrito de São Sebastião das Águas Claras*. Nova Lima/MG: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Difícil Espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Org. Myrian Ribeiro de Oliveira. Tradução: Isa Mara Lando; São Paulo: Nobel, 1991.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS I. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2002.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPAGLIA, G. Oscar Oswald. *Igrejas do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

CAMPOS, Helio. *Capoeira na Escola*. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARTA Pastoral do Episcopado Mineiro ao clero e aos fiéis de suas dioceses sobre o Patrimônio Artístico. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1926.

CARTAS PATRIMONIAIS. Org. Isabelle Cury. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

CASSAR, May. *Environmental Management: guidelines for museums and galleries*. London: Routledge, 1995.

CIÊNCIA & LETRAS. *Educação e Patrimônio Histórico-Cultural*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. nº 11, ago. 1979. [s.n.].

CAVALCANTE, Messias. *Deterioração Biológica e Preservação da Madeira*. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo – IPT/Divisão de Madeiras. São Paulo: IPT, 1982.

CONSÓRCIO Latino-americano de Formação em Conservação Preventiva. “Taller en Edificios de Museos y sus Colecciones: un proyecto del Consorcio Latinoamericano”. Seminário sobre Edifícios e Museus e suas Coleções. Belo Horizonte: The Getty Conservation Institute, Cecor/UFGM, 2001.

CONSTITUIÇÃO SACROSANTUM CONCILIUM sobre a sagrada liturgia. Concílio Ecumênico Vaticano II. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.

CURSO de Patología: Conservación y Restauración de Edificios. Comisión de Asuntos Tecnológicos. Madrid: Servicio de Publicaciones del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1991. (Tomo 1 y 2.)

DADOS climáticos: Estação climatológica da mineração de Águas Claras. Nova Lima/MG: MBR, 1983/1990.

ELIAS, Lucienne Maria de Almeida. *Diagnóstico de Conservação do Conjunto Escultórico da Capela da Ceia dos Passos do Santuário Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas, Minas Gerais, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais com área de concentração em Tecnologia de Materiais e Conservação Preventiva). Departamento de Artes Plásticas, Escola de Belas Artes da UFGM, Belo Horizonte, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 10^a ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Educação como Prática da Liberdade*. 26^a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FRANÇA, Júnia Lessa, et al. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 5ª. ed. rev., Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GOMES, Abdias Magalhães. *Avaliação por inspeção da Igreja de São Sebastião da Águas Claras, localizada em Macacos, Município de Nova Lima do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Departamento de Engenharia de Materiais de Construção, Escola de Engenharia da UFMG, 2002.

GONÇALVES, Yacy-Ara Froner. *Os Domínios da Memória: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação*. Tese (Doutorado). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo. 2001.

HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. Tradução Neide Luzia de Rezende. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEONEL, Maria Elisa de Moraes, VASQUES, Claudia Marina M., FERREIRA, Maria Cristina P.. *Conhecer para Preservar, Preservar para Conhecer: Um Projeto de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, 1995.

MAIA, Pedro Moacir (Ed.). *O Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia*. São Paulo: Banco Safra, 1987.

MASCARENHAS, Antonio Carlos. *Os Insetos Xilófagos, Os Monumentos e Os Museus*. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 1990. (Material didático integrante do 9º Curso de Especialização do Cecor/UFMG).

_____. *Ação das térmitas sobre as estruturas de madeira e elementos afins. Maio de 1989*. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 1990. (Material didático integrante do 9º Curso de Especialização do Cecor/UFMG).

MATURANA, Humberto R.. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Tradução: José Fernando Campos Fortes.

MENDES, Marylka, BAPTISTA, Antonio Carlos. *Restauração: ciência e arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1998.

_____ et al. (Org). *Conservação: conceitos e práticas*. Tradução de Vera L. Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MIGUEL, Ana Mª Macarrón. *Historia de la Conservación y la Restauración: Desde la Antigüedad hasta Finales del Siglo XIX*. Madrid: Tecnos, 1995.

_____, MOZO, Ana González. *La Conservación y la Restauración en el siglo XX*. Madrid: Tecnos, 1998.

MONTENEGRO, Gildo. *Ventilação e Cobertas: estudo teórico, histórico e descontraído*. São Paulo: Edgard Blücher, 1984.

MORALES, Alfredo J. *Patrimonio Histórico-Artístico: Conservación de bienes Culturales*. Madrid: Historia 16, 1996.

O DIREITO à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / DPH, 1992.

QUITES, Maria Regina Emery; COLNAGO, Atílio. *Preservando nosso patrimônio cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Pró-Reitoria de Extensão (Coleção “Quem sabe faz”. v.13).

RELATÓRIO de Vistoria da Capela de São Sebastião. Belo Horizonte: IEPHA-MG, 1986.

RELATÓRIO de Restauração da Capela de São Sebastião. Belo Horizonte: Engearp Arquitetura e Engenharia Ltda., 1988.

REVISTA BARROCO 13. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Imprensa Universitária, 1984-1985.

REVISTA BARROCO 17. Belo Horizonte: Formato, 1993-1996. Patrocinado por FAPEMIG / Secretaria Estadual da Cultura - MG.

ROSE, Carolyne. *Conservación Preventiva*. Traduzido e adaptado de apresentação feita durante a XX Reunião Anual do “American Institute for Conservation”, por Amparo R. de Torres. Buffalo, USA. 1992. Cópia de Apoyo, 3:2 [s.n.t].

SEMINÁRIO INTERNACIONAL PRESERVAÇÃO: A Ética das Intervenções. 1996. Anais. Belo Horizonte: IEPHA/MG, FIEMG, FAPEMIG.

SCIGLIANO, Sérgio; HOLLO, Vilson. *IVN – Índice de Ventilação Natural. Conforto Térmico em Edifícios Comerciais e Industriais em Regiões de Clima Quente*. São Paulo: Pini, 2001.

SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. “*Evolução da Tecnologia de Policromia nas Esculturas em Minas Gerais no séc. XVII: O interior inacabado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro, um monumento exemplar*”. 1996. Tese (Doutorado em Ciências Químicas). UFMG - ICEX, Belo Horizonte.

THE CONSERVATION Assessment: A Tool for Planning, implementing and fund raising. Belo Horizonte: The Getty Conservation Institute / CECOR / UFMG, 1998.

(Taller Edificios de Museos y sus colecciones: un proyecto del Consorcio latinoamericano de formación en conservación preventiva).

THOMSON, Gary. *El Museo y su Entorno*. Madrid: Akal, 1998. Traducción de la 2ª edición inglesa por Isabel Balsinde.

UNESCO *La Conservación de Los Bienes Culturales*. [s. l.]. 1969. (Colección Museos y Monumentos, XI).

VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. 5ª ed ver. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Rona Editora Ltda, 1979.

VILLELA, Bráulio Carsalade. *Nova Lima: Formação Histórica*. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

Outras fontes:

Registro oral de moradores da comunidade de São Sebastião das Águas Claras.

WEBS (Consultas realizadas em várias datas, em variados horários, ao longo do período do Mestrado):

<http://br.weather.com>

<http://www.cecre.ufba.br>

<http://www.cecib-br.org>

<http://com.cc.org>

<http://www.icom.org.br>

<http://iga.br>

<http://www.inmet.gob.br>

<http://www.intelect.hpg.ig.com.br>

<http://www.iphan.gov.br>

<http://www.ipt.br>

<http://www.karagoz2x.com.br>

<http://www.laconsorcio.org>
<http://www.meaco.com>
<http://www.minc.gov.br>
<http://www.nps.gov>
<http://www.nuped.hpg.ig.com.br>
<http://www.nuted.edu.ufrgs.br>
<http://palimpsest.stanford.edu>
<http://www.pc-strat.com>
<http://polis.org.br>
http://unesco_whc.unesco.org

APÊNDICE I

O PRESENTE DE THEO

Belo Horizonte / 2000

Texto: Moema Nascimento Queiroz

Glossário/Atividades Interativas: Moema Nascimento Queiroz e Maria Regina Emery Quites

Texto registrado na Biblioteca Nacional

O PRESENTE DE THEO

Theo era um menino de olhos grandes e vivos. Era calado, observador e muito curioso. Seus dois grandes companheiros eram o seu relógio de bolso e seu querido avô, com quem passava horas e horas das manhãs ouvindo sobre mundos encantados e aventuras sem fim. Vivia bem pertinho do mar. O portão de sua casa, branca e antiga – que era já há muito tempo de sua família – se abria para aquela areia clarinha e para um mar lindo, lindo de doer!

Bem cedinho ele voava por aquele portãozinho de madeira para caminhar com o seu avô pela praia, molhando os pés nas ondas, rumo à grande muralha de pedras que havia no fim da enseada. Era lá, nesses rochedos, repletos de grutas secretas, que eles desvendavam grandes segredos, lutavam com terríveis piratas e polvos de gigantescos tentáculos e salvavam princesas-sereias. Lá eles ultrapassavam as grandes portas da imaginação, onde o único tempo real era o de seu relógio. Só ele tinha a capacidade de arrancá-los dos sonhos para lembrá-los da hora de voltar para casa, para o almoço da Vó Elisa, que sempre os esperava com um banquete dos Deuses!!! Vó Elisa tinha mãos de fada e aprendera a cozinhar com sua mãe que possuía os segredos das mulheres antigas da família. Esses segredos eram passados pelas vozes da memória, de mãe para filha, de avó para neta, através das mais puras e saborosas palavras. Nada era anotado. Tudo era contado e ensinado junto ao calor do fogão à lenha e à alegria da vida de se estar com quem se ama... Pura tradição oral.

Theo era isso tudo. Herdara esse enorme amor por sua gente, suas histórias, suas coisas. Como o seu relógio de bolso, gasto e corroído, mas que era o seu maior patrimônio, o seu maior tesouro. O bem mais querido que seu pai deixara de presente antes de atravessar as grandes nuvens para ver novos mundos...

Numa certa manhã, Theo foi acordado por seu avô bem mais cedo do que o costume, dizendo:

- *Levanta, Senhor do Tempo. Hoje nossa manhã vai ser mais longa. Anda!!!!* – disse baixinho, com uma voz grave e solene.

Theo, ainda meio tonto, levantou-se num pé e vestiu-se no outro e logo, logo estava lá fora. Notou que seu avô carregava algo – uma caixa grande e azul. Justamente aquela que tantas vezes ele desejara tocar, abrir, descobrir seus segredos. Mas nunca se atrevera, pelo enorme respeito ao dono e pela altura em que ela era guardada. Agora ela estava ali, brilhando como jóia rara. Bem diante de seus olhos.

- *"Ou ainda estou dormindo ou o dia hoje vai ser bem diferente..."* – pensou.

Caminharam rumo ao rochedo. Theo com o coração quase saindo pela boca de tanta curiosidade; seu avô com um sorriso no canto dos lábios. E o barulho do mar a aumentar ainda mais tanto mistério. Foi nesse clima que eles chegaram à gruta mais bonita, a preferida deles.

- *Vôoo, o que tem aí nessa caixa???...* – falou sussurrada e pausadamente para não atropelar as palavras com tamanha ansiedade.
- *Senhor do Tempo,* - respondeu seu avô - *trago aqui dentro um dos bens mais preciosos que alguém pode possuir. Eu trago a memória!*
- *"Senhor do Tempo??? Memória??? Algo aqui faz algum sentido???"* – pensou Theo.

Então, com suas grandes e antigas mãos, seu avô depositou a caixa no chão, levantando vagarosamente a tampa. Oh, magia!!! Enquanto ele erguia a tampa, todo o ambiente era iluminado por uma suave luminosidade. Theo ria de pura felicidade, inebriado, absolutamente fascinado por aquela maravilhosa luz. Sentia-se tão poderosamente encantado que desejava que esse momento durasse eternamente em seus olhos e em seu coração.

Theo via tudo se transformar. Era como se eles estivessem entrando numa cápsula do tempo. Flutuavam no ar os mais belos e fantásticos objetos, alguns exóticos, outros raros e muito antigos. Todos, muito bem cuidados e conservados: uma luneta, um astrolábio, uma ampulheta, caleidoscópios, um cavalinho de pau, álbuns de fotografias antigas, um gramofone, um monóculo, uma bússola, soldadinhos de chumbo, um violino, um leque, uma rosa seca, uma antiga jóia, um dentinho de leite, penas para escrever, mapas de tesouros, um camafeu, uma carta de amor, um carimbo, um chifre de narval, um cavalo marinho, estrelas e conchas do mar de tamanhos e cores variadas, papiros, uma orquídea, livros, selos, moedas, bolinhas de gude, um pião, uma pipa, um jogo de xadrez, um gamão, projetos antigos de construção de uma caravela, um escafandro e muito, muito, muito mais!!!!

Ele olhava para seu avô que possuía agora uma aparência majestosa! E, magicamente de sua boca saíam palavras sem sons que contavam sobre o significado de cada um desses objetos na vida de sua família. Junto às suas palavras, cenas destas histórias iam aparecendo diante dos olhos de Theo numa velocidade inacreditável. Era como se tudo fosse bem conhecido por ele. Tinha a impressão de já ter vivido todas aquelas cenas embora fosse a primeira vez que tomava contato com elas. E agora ele se via junto a muitas outras pessoas que sorriam para ele. Todas elas estavam ligadas àqueles objetos. Vestiam-se com roupas de outras épocas e pareciam muito felizes por estarem ali juntos a Theo. Sabiam que estariam sempre vivas enquanto fossem lembradas.

- *Preste atenção, meu querido neto.* – falava baixinho seu majestoso avô – *Tudo isto é você. Faz parte de sua vida, de nossa história e do*

seu futuro. Se eles desaparecerem, você aos pouquinhos também deixará de ter importância... Você também vai sumindo...

Theo sabia o que ele queria dizer. Sabia que todo o passado e tradições de sua família, todas as pessoas que por ela passaram foram importantes para ele estar hoje vivendo este momento e ser quem ele é. Sabia que se não tivesse herdado tantas referências dos seus antepassados, não entenderia sobre o grande valor do Tempo. O porquê de sua linda casa existir por tantos e longos anos; poder ainda saborear as deliciosas e antigas receitas das mulheres de sua família e ter em mãos o seu precioso relógio, tão amado e querido e que funcionava perfeitamente...

Perguntou-se:

- *“Quantos outros tantos meninos e meninas nesse mundo estão também conhecendo suas pequenas grandes histórias?”*

Neste instante, sentiu um imenso amor por tudo e desejou crescer e ter sua própria família e contar tudo o que aprendeu e mostrar todos os seus lindos tesouros a ela.

Olhou profundamente para seu avô e o beijou amorosamente. Sentiu que eram um só, que faziam parte de uma só história. Agradeceu a ele por tantas coisas lindas que hoje aprendera e desejou ardentemente voltar para casa. Queria saber sobre todos os objetos e os retratos nas paredes com os seus personagens. Sua curiosidade era enorme!

Seu avô então voltou a fechar a caixa. Como que por encanto, tudo voltou a estar como antes. Mas em Theo permaneceu aquele encantamento que ele sabia nunca mais deixar de existir dentro dele...

- *Toma. A caixa agora é sua.* – Disse seu avô.

Theo tomou-a nas mãos, tirou seu querido relógio do bolso e guardou-o dentro dela.

Já entardecia quando eles retornaram para casa. Theo e seu avô caminhavam pela areia, felizes e tranqüilos. Quem agora trazia, orgulhoso, a caixa azul nas mãos era aquele menino de olhos grandes e vivos que um dia iria crescer, fazer sua própria história e se tornar também o senhor e guardião do seu passado e de sua memória. Ele ainda não tinha percebido, mas já era o Senhor do Tempo, como seu avô carinhosamente o chamava.

Fim.

GLOSSÁRIO

As palavras são cheias de significados e se juntam para contar a história “O presente de Theo”, que é também um pouquinho de cada um de nós. Vamos aprender sobre algumas destas palavras?

Antepassado – que já passou antes; que viveu antes de nós no passado, como nossos avós ou bisavós.

Antigo – que existiu no passado, que existe há muito tempo.

Conservação – é cuidar de alguma coisa constantemente para que ela não se estrague, se perca ou desapareça.

Cuidar – ter cuidado consigo mesmo, com a natureza, o meio ambiente, com as pessoas, com sua saúde, com a sua aparência ou com as coisas que lhe são importantes; tratar com carinho.

Curiosidade – qualidade daquele ou daquilo que é curioso; desejo de saber, de ver, de se informar, desvendar segredos.

Encantamento – ato ou efeito de encantar-se, magia, coisa maravilhosa, delícia, sedução, encanto.

Herança – aquilo que se recebeu dos pais, das gerações anteriores, da tradição; pode ser um bem material (o que foi feito pelas mãos do homem) ou imaterial (danças, histórias, lendas, comidas, músicas, tanta coisa que existe e a gente não pode pegar).

História – conjunto de conhecimentos adquiridos através do tempo; conta a nossa evolução do passado para o futuro e mostra nossa identidade cultural.

Imaginação – imaginar algo; inventar alguma coisa; combinar as idéias, criar, sonhar.

Memória – capacidade de guardar as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente; lembranças, recordações.

Patrimônio – são os bens que possuímos, materiais ou imateriais, herança paterna, bens de família, bens de um estado, de um país, de um povo.

Preservação – não deixar desaparecer um bem; preservar + ação: ação de preservar alguma coisa.

Respeito – ato ou efeito de respeitar; ter consideração por alguma coisa; tratar com carinho, com cuidado.

Segredo – aquilo que não pode ser revelado, só se for uma confidência para alguém que se confie muito.

Tempo – a sucessão das horas, dos dias, dos meses, dos anos, que significa para o homem a noção do presente, passado e futuro; o período em que se vive; ano, década, século.

Tradição oral – transmissão oral, através da voz, de lendas, canções, fatos, conhecimentos, etc; passa de idade em idade, de geração em geração; transmissão de valores espirituais através de gerações; recordação, memória.

INTERAGINDO

Minha caixa azul, ou rosa ou verde, ou colorida...

Você também pode ter a sua caixa de memórias. É lá que você vai guardar algumas coisas que fazem parte da sua história, dos momentos importantes que você viveu, de sua família, de seus amigos, de quem você ama.

São aquelas coisas que contam os seus segredos! Aquelas coisas mágicas!!! Vamos pensar um pouquinho... o que pode ser... uhmmm... meu primeiro dente de leite... minha fotografia de bebê ou uma dos meus pais comigo... aquele objeto que eu guardei de umas férias na praia... Nossa!!! Pode ser tanta coisa...!!!

Então! Vamos construir nossa caixa? É fácil!!! Vamos precisar de:

- papel cartão duro
- lápis negro
- régua
- cola branca
- tesoura/estilete
- tinta guache de várias cores
- pincel
- potinho de água

Aqui você tem o desenho com o tamanho da caixa (desenho).
Os passos para fazer a dobradura (desenho).
Agora é só colar.

Vamos construir nossa caixa ou quem sabe aproveitar aquela caixa de tênis. Depois de pronta podemos usar nossa imaginação para pintá-la. Com o pincel e as tintas ela vai ficar encantadora! Então, mãos à obra!!!

Minha foto preferida

Você já pensou que a fotografia é algo mágico? Ela tem o poder de paralisar o tempo. Nela fica registrado um momento muito especial de nossa vida. Vamos então procurar uma fotografia que conte um momento seu ou de sua família, ou de coisas que são importantes para você (vasculhe as gavetas, os armários, converse com os seus avós, seus tios, seus pais.). Se uma coisa é importante para nós, temos que cuidar dela com muito carinho para conservá-la para o futuro.

Mas, você sabia que não se deve usar fita adesiva (durex, fita crepe) ou mesmo usar uma cola diretamente sobre a fotografia? Se isto acontecer ela irá estragar, deteriorar e você corre o risco de perder uma foto rara e preciosa para você. A melhor forma de guardá-la é usar cantoneiras. As cantoneiras prendem as fotos nos quatro cantos, sem aplicar a cola diretamente sobre a fotografia e sim sobre o papel e o verso da cantoneira. Desta forma você estará contribuindo para a conservação de um bem seu querido.

Fazer cantoneiras é um barato, parece brincadeira, mágica!!!! Vamos precisar de:

- papel colorido
- lápis
- régua
- cola branca ou aquela de bastão (melhor para não sujar muito) para quando for montar o álbum.

Vamos medir uma tira de papel num determinado comprimento e largura e recortar a tira de papel (desenho).

Em seguida vamos começar a dobra, ora para cima, ora para baixo fazendo um zigue-zague com o papel (desenho).

Agora, depois da tirinha pronta, é só recortar (desenho).

Pronto!!! Você já tem varias cantoneiras para montar seu “álbum de memórias”.

Qual o meu doce predileto?

Você sabia que comida também é um patrimônio, um bem cultural?

Nós temos uma receita que é muito antiga. Ela é do século XIX e foi passada pra Vó Elisa quando ela ainda era muito juvenzinha. Ela aprendeu com os seus antepassados e a receita foi passada de mãe para filhas ao longo dos tempos até chegar aqui para você. Hoje ela pode ser feita tanto por meninos quanto por meninas, pois é deliciosa e super divertida de se fazer. E o melhor é poder fazer junto de alguém que a gente gosta muito!

Vamos para cozinha? Por que você não convida esse alguém para participar? Então vamos lá:

Ovos Nevados:

- 01 L de leite adoçado com 03 colheres (de sopa) de açúcar
- 08 claras em neve (tem que ser bem firme)
- 08 gemas
- 02 colheres de maisena (de sopa, rasa)
- 01 colher (de chá) de essência de baunilha

➤ 05 colheres (de sopa) de açúcar

Bater as claras em neve (você sabe o ponto exato quando a clara ficar como uma nuvem bem dura). Enquanto isso coloque o leite adoçado numa panela larga. Quando ele estiver fervendo, vá colocando colheradas da clara em neve, pouco a pouco a vá virando devagar, sem quebrar, até ficarem cozidas (elas ficam bem durinhas). Retire-as então da panela com uma escumadeira, delicadamente e vá arrumando os montinhos numa bela vasilha de vidro. Agora, junte ao leite que restou, as gemas bem batidas com a maizena e o açúcar. Quando o creme estiver pronto, retire do fogo e acrescente a baunilha. Despeje este creme sobre as claras que estão na vasilha transparente e salpique com passas de uva. Leve à geladeira sirva bem gelado.

Que tal procurar uma receita que seja importante para você? Aquela gostosura que sua avó, sua mãe ou seu pai sabem fazer tão bem e já é uma tradição na sua família. Você já pensou qual é a comida que você mais gosta? Por que você gosta dela? Então copie a receita e peça para alguém te ensinar a fazer. E não se esqueça de guardá-la na sua caixinha de memórias...

APÊNDICE II

Essa história foi criada para a situação apresentada e vivenciada para e junto aos alunos das 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries da Escola Municipal Rubem da Costa Lima, no período do projeto.

OS VISITANTES DE SÍRIUS

Somos todos seres Alfa, do Sistema Binário Estelar Sírius e estamos sendo convocados a visitar o Planeta Terra com a missão de investigar sobre suas condições e potencialidades, pois os ecos negativos do planeta estão interferindo na harmonia de todo o Universo. Nossa missão é extremamente importante e vocês estão sendo enviados para o planeta, por serem os seres mais destacados por sua sabedoria e senso de justiça, para definirem sobre o destino final da Terra. Vocês deverão observar que o nosso sentido de tempo é diferente do da Terra e nossa frequência vibracional também. Logo, vocês não serão vistos pelos terráqueos e a velocidade do caminhar de vocês se tornará extremamente superior ao dos nativos. Ao final da inspeção terão que trazer em suas caixinhas especiais, algo que achem importante como símbolo da terra, para enfim darem o veredicto final.

Em uma nave espacial partem rumo ao planeta. Só o conheciam através de seus sistemas avançados de imagens e transporte mental. Todos estão em grande expectativa do que encontrarão e como será esse planeta dito como tão especial. Começam a se aproximar do planeta e se deslumbram com a beleza de sua esfera azul coberta por véus esbranquiçados. Vão se aproximando cada vez mais e entram em sua atmosfera. A nave pousa próxima ao mar e eles têm pela primeira vez a sensação da água marinha sobre o corpo. Ficam maravilhados e iniciam a caminhada. Penetram em uma mata e sentem o ar puro, os odores diferentes das árvores, flores e frutos, as águas puras e cristalinas dos rios, observam os diversos animais que ali habitam e os seres que ali vivem, em total interação com o seu meio. Experimentam vários sentimentos. Vão seguindo em grupo, maravilhados com suas descobertas, mas de repente o meio começa a se transformar: o verde vai desaparecendo e em lugar vão surgindo matas queimadas, rios poluídos, fome, guerra, sofrimento. Alguns membros do grupo começam a enfraquecer pela força negativa da vibração do lugar. Alguns chegam mesmo a desfalecer. Mas todos se reúnem para ajudá-los transmitindo as forças de cada um para os enfraquecidos. De repente em meio àquele caos, surge um pequeno oásis. Todos seguem para aquele ambiente e revigoram sua energia. Restabelecidos fisicamente e fortalecidos em seus ânimos, se dividem e partem rumo à coleta do que acham importante preservarem da Terra e levarem para Sírius. Assim, retornam à nave e partem rumo ao seu sistema.

Lá chegando, todos os Alfas da missão se reúnem com o Chefe-Supremo para mostrarem o que trouxeram e darem o veredicto final do planeta.

ANEXO I

Trechos da Carta Pastoral do Episcopado Mineiro ao clero e aos fiéis de suas dioceses sobre o Patrimônio Artístico datada de 1926:

“(...) Cuidar com exactidão, desvelo, diligência e carinho, do nosso patrimonio artístico em todas as suas modalidades, pelo Episcopado mineiro em peso, afim de se pôr em alto relevo o appello que vos dirigimos numa hora em que o ilustre Presidente de Minas empenha parte de sua admiravel operosidade, de sua acção forte e decisiva, na conservação de nossos monumentos e objectos de arte. (...)”

“(...) O título 8 do decreto da Consistorial trata das coisas preciosas – De rebus pretiosis (...). O Bispo deverá dizer “si em sua diocese existem egrejas em que ha coisas preciosas, pela matéria, artes, antiguidade, principalmente codices, ou livros, pinturas, esculpturas, obras insignes de mosaico ou pela antiguidade; como se guardam; si são inventariadas e si dellas se conserva inventário especial na Cúria; si há cautela para que não se venda sem licença da Santa Sé qualquer coisa, ainda tenue, preciosa em razão da materia, arte ou antiguidade.”

“(...) No intuito sempre da conservação e melhoramento do patrimônio artístico foi a Igreja editando leis no transcorrer dos séculos e, além das prescrições de que já falamos, opportuno nos parece vos lembrar outras mais recentes.”

“(...) Sem audiencia Nossa e licença por escripto é prohibido aos Parochos e mais reitores da egrejas e capellas ... deslocar ou substituir altares artísticos; inutilizar ou modificar paramentos antigos e tradicionaes; modificar, reformar ou alterar quaesquer vasos, alfaias ou objectos de arte, e, em geral, tudo aquillo que, por antiguidade ou tradição, se deve conservar.”

“(...) O mesmo Concilio Plenario, em o n 878, havia prescripto que, ainda quando se trate somente de ampliar ou restaurar egrejas, já erectas, o delineamento da obra ou o modo de reparação devem ser sujeitos ao exame do Bispo e munidos de sua aprovação e licença e, em o n 881, exige que os Parochos e outros sacerdotes se applicuem com diligencia a adquirir o conhecimento dos princípios da archeologia sacra, arte chirstã, jurisprudência canonica, para que na obra assas difficil de edificar e restaurar egrejas não caiam em não leves erros e defeitos.”

“(...) Quanto á edificação ou restauração das igrejas ordena o Codigo no cânon 1.164 cuidado de parte do Ordinario, o qual, si for necessario, deve ouvir o conselho de peritos, para que se observem as formas da tradição cristã e as leis da arte sacra. Si necessitarem de reparos imagens preciosas, isto é, notaveis pela antiguidade, arte ou culto, expostas á veneração dos fieis em egrejas ou oratórios públicos, nunca sejam restauradas, diz o Codigo, pelo cânon 1.280, sem licença escripta do Ordinario, que antes de dar a licença, consultará varões prudentes e peritos. (...) Ainda mais. Não só imagens preciosas, como dito focou, mas quaesquer coisas ecclesiasticas preciosas, isto é, as que tem valor notavel por causa da arte, historia ou matéria (can.1497), não podem, segundo o canon 1.535, ser alienadas sem licença da Sé Apostólica, e, si o beneplacito for scientemente omissito, pelo canon 2.347 incorrem em excommunhao latae sententiz os que forem de qualquer modo réos nessa alienação.”

“(...) Não conservar, portanto, o patrimônio artístico, por pequeno que seja, documentos e objectos que servem para a historia, é perder um meio de fazer surgir ante os séculos futuros o passado sob seu aspecto peculiar.”

“(...) Religiosamente observem os muito Revds. Parochos, Reitores de egrejas, confrarias, Irmandades, Associações, todos os administradores, em summa, de bens ecclesiasticos, as prescripções canonicas sobre coisas preciosas, de que havemos falado, assim como sobre tudo mais que é confiado á sua guarda.”

ANEXO II

Decreto de Tombamento

PREFEITURA DE
Nova Lima
a força de um povo convicto

DECRETO Nº. 1657/2000, de 13 de abril de 2000.

"Declara o tombamento da Capela de São Sebastião, situada na Rua São Sebastião s/nº, distrito de São Sebastião das Águas Claras, Nova Lima, e dá outras providências".

O Prefeito Municipal de Nova Lima, do Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe conferem a Constituição da República Federativa do Brasil, a Constituição do Estado de Minas Gerais, a Lei Orgânica do Município, a Lei(Municipal) nº 1611, de 23 de novembro de 1999, e, ainda, os Decretos(Municipais) nº 1638 e nº 1639, de 03 de fevereiro de 2000, e nº 1643, de 15 de março de 2000, bem como a recomendação do Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico,

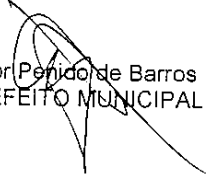
DECRETA:

Art.1º- Fica tombada a edificação de caráter religioso Capela de São Sebastião, bem como sua área externa, compreendida pelo seu adro e muros de divisa, situada à Rua São Sebastião s/nº, no distrito de São Sebastião das Águas Claras, em Nova Lima, construção do século XVIII, de grande valor arquitetônico que ainda guarda a maioria das suas características originais, com relevante valor social, e mantém traços da identidade cultural de sua comunidade.

Art.2º- Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art.3º- Revogam-se as disposições em contrário.

Nova Lima, 13 de abril de 2000.


Vitor Perillo de Barros
PREFEITO MUNICIPAL

Praça Bernardino de Lima, 80
Nova Lima - MG - Fone: (31) 541-4333

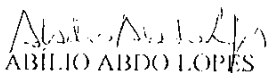
Inscrição no Livro de Tombo

TERMO DE ABERTURA

LIVRO DE TOMBO

Este livro, com 200 páginas, rubricadas, numeradas cronologicamente de 1 a 200, presta-se ao registro de tombamentos, instituídos pelo Poder Executivo Municipal, conforme a Lei nº1553, de 15 de abril de 1998, e a Lei nº1611, de 23 de novembro de 1999.

Nova Lima, 23 de novembro de 1999.


ABÍLIO ABDO LOPES

Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima
Presidente

)
)
)
)

ANEXO III

ROTINA DE ATIVIDADES
CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO

Funções		Turno	Dias da semana						
			2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	Sáb	Dom
1	Limpeza interna	Manhã	xxx	xxx	xxx	xxx	6:00 às 10:00	xxx	xxx
2	Terço	Noite (todas)	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00	19:00 às 20:00
3	Missa Dominical	Manhã (todas)	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx	8:00 às 9:30
4	Adoração do Santíssimo	Noite	xxx	xxx	xxx	19:00 às 20:00	xxx	xxx	xxx
5	Grupo de Jovens	Noite	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx	20:00 às 21:00	xxx
6	Catecismo	Manhã	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx	8:00 às 10:00	xxx
7	Apostolado	Noite	Uma vez ao mês, na primeira quinta-feira. 18:30 às 20:30/21:00						

ANEXO IV

Levantamento do Estado de Conservação realizado pelo conservador/restaurador e equipe:

1) Macro ambiente: entorno da edificação

- área urbana arborizada, com solo argiloso;
- vegetação próxima à edificação com copas altas, vegetação rasteira (gramado) e plantas ao fundo com frutos que produzem resíduos de vegetação, atraem insetos e/ou morcegos e pássaros (abelhas, cupins morcegos) e facilitam a propagação de microorganismos;
- pancadas de chuvas intensas, acompanhadas por vento, que penetram nas aberturas; movimentação de vento e ar úmido, frio com presença de neblina (presente até às 6:00h aproximadamente);
- radiação solar variável com céu limpo no inverno;
- qualidade do ar com presença de poeira urbana moderada, poeira de trânsito e escapamento de automóveis, mais intenso nos finais de semana;
- edificações vizinhas com construções mais ou menos próximas e baixas com predominância de moradias, pousadas e comércio local (algumas em uso somente nos finais de semana);
- calçamento permeável, com boa drenagem;
- fontes de água provenientes de caixa d'água, que atende apenas o anexo; sistema de esgoto através de fossa, localizado na área direita do adro, no espaço entre a fachada direita da edificação, em frente à caixa d'água do anexo e próximo ao muro limite.

2) Edificação:

Fundação e estrutura

- edificação do século XVIII;
- pancadas de chuva intensas com vento penetrando por aberturas; calçamento sem drenagem aos fundos, entre a igreja e o anexo;
- edificação com fontes de umidade, observadas através de drenagem insuficiente do telhado/cobertura, criando infiltrações e escorrimentos (internos e externos) nas paredes; água de chuva coletada/drenada para longe do edifício (escoamento na via principal) através da drenagem no entorno da capela, mas com problemas localizados no calçamento sem drenagem aos fundos, entre a igreja e o anexo; vazamento de sistemas internos de abastecimento no anexo, através da caixa d'água; atividades diárias de limpeza que liberam água para o ambiente através de pano úmido e cera; porão sem ventilação, no altar-mor (abaixo do nível da rua), e abaixo da escada do coro, favorecendo o desenvolvimento de microorganismos;
- indícios de problemas de umidade através da deterioração da argamassa e pintura, manchas de ferrugem nas luminárias externas, sinais de decomposição e desagregação, madeiras em decomposição, mofo, respingos de água nas paredes externas, desenvolvimento de microorganismos principalmente na área entre a capela e o anexo;
- verificação de rachaduras e trincas nos pontos de descargas da estrutura da edificação;
- materiais construtivos vulneráveis ao fogo; presença de alvenaria, madeira e concreto (no anexo) na edificação; não há sistema para detecção de fumaça e/ou calor com alarme; não há sistema para combater incêndio.

Alvenarias estruturais e vedações

- alvenarias estruturais e vedações com aberturas sujeitas à entrada de insetos;
- histórico de infestação de cupins na edificação e nos bens integrados;
- superfícies internas mais frias que as externas; temperaturas internas mais baixas que as externas; construção maciça; parede externa protegida por beirais e por construção anexa aos fundos, material de revestimento composto por argamassa e pintura a cal;
- fontes externas de umidade provenientes de telhado com goteiras, calhas e dutos mal dimensionados e água formando poças no passeio entre a Capela e o anexo (fundos da Capela), vazamento nos dutos de canalização, acúmulo de folhagem sobre a cobertura do anexo; paredes com fissuras e/ou aberturas permitindo entrada de umidade; proteção com beirais;
- ventilação vertical prejudicada por portas fechadas; ventilação horizontal superior no alto da Capela; aberturas sem vedação nos vãos superiores;
- aberturas com vedação (esquadrias com fechamento em madeira e tela); vedações fixas; vedações móveis com frequência esporádica de abertura; proteção contra entrada de animais de maior porte, através das telas nos vãos superiores;
- forros em madeira; presença de manchas de umidade no forro provenientes do telhado;
- instalações hidráulico-sanitárias para atendimento dos membros responsáveis pela Capela (interno no anexo) e para atendimento ao público em geral no período de festas, comemorações e reuniões (externo no anexo);
- instalações elétricas com fiação aparente e exposta a riscos de curto-circuito; fiação com sinais de comprometimento (fios descascados, com emendas precárias); tomadas e interruptores em estado regular; iluminação artificial junto com seus respectivos comandos (interruptores) disposta; quadro de distribuição do circuito dentro da Capela, atrás da porta de acesso à sacristia; relógio padrão na área externa da edificação, na lateral esquerda aos fundos (70A, Modelo D-58C, 2 fases, 120V, Kd 7,2 Wh/r);
- sem segurança física; travamento realizado na porta principal com *trava*, porta lateral esquerda com *chave*, porta lateral direita com *trincas horizontal e vertical*, janelas rasgadas do coro com *travas de madeira*, janelas da sacristia com *trincas horizontais*; portas abertas somente em ocasião de celebrações de maior porte; medidas de dissuasão através de refletores externos, usados esporadicamente; chaves e trancas vulneráveis; vedações resistentes e protegidas contra a entrada forçada de agentes externos de grau médio (janelas laterais baixas com trincas);
- acesso controlado pelos responsáveis pela manutenção e segurança da igreja (só é aberta com a presença de um deles).

ANEXO V

Transcrevemos os dados mais relevantes do relatório realizado pelo Departamento de Engenharia de Materiais e Construção da UFMG:

“Avaliação por inspeção da Igreja de São Sebastião das Águas Claras localizada em Macacos, município de Nova Lima do Estado de Minas Gerais
Departamento de Engenharia de Materiais e Construção - Escola de Engenharia da UFMG
Outubro/2002

1. PATOLOGIAS

Após as visitas realizadas na Capela de São Sebastião das Águas Claras, localizadas na região de Macacos, foram observadas patologias identificadas como sendo: trincas superficiais (fissuras) e deteriorações de peças de madeira. Ao analisar as estruturas fissuradas foi elaborado o mapeamento das mesmas. As patologias foram identificadas nas estruturas a seguir:

1.1. Alvenaria

A alvenaria da capela apresenta diversas patologias que, depois de analisadas tiveram as suas causas listadas:

- As paredes da Capela são constituídas por solo estabilizado (adobe) que são altamente suscetíveis à formação de fissuras devido tanto pela retração inicial quanto pela movimentação higroscópica reversíveis do material. Essas fissuras são caracterizadas pela distribuição em toda a superfície e ausência de orientação.
- A atuação de cargas localizadas provocou o aparecimento de fissuras inclinadas a partir do ponto de aplicação.
- A concentração de tensões nos vértices de janelas e a ausência de verga e contraverga apropriada causaram fissuras de diversas configurações no entorno das janelas.
- Na Capela foi utilizada argamassa com filito (traço 1:4), para revestimento das paredes, e por esse ser um argilo mineral expansivo esta está sujeita a descolamento (oca) e a aparecimento de fissuras.
- Não houve aderência da argamassa na madeira devido à incompatibilidade dos materiais (diferentes coeficientes de dilatação).
- Existência de infiltração do telhado, evidenciada pelo aparecimento de manchas de coloração avermelhada devido ao tijolo de adobe.
- Há indícios de uma intervenção em determinados locais, visando proteger as juntas de tijolos de adobe, onde aparentemente foi usada uma argamassa de cimento e areia.

1.2. Piso

- O passeio de entrada da capela não apresenta juntas de dilatação, o que ocasionou o surgimento de fissuras por retração.

1.3. Madeira

- A madeira é um material que é muito afetado pela umidade. Devido às paredes da capela serem constituídas de material orgânico (adobe), estes absorvem muita umidade e conseqüentemente a madeira em contato também é afetada e a resistência aos esforços mecânicos diminui bastante, facilita a proliferação de fungos e insetos, pode haver empenamento devido à variação de umidade e dilatação desta.”

ANEXO VI

Cronograma de Atividades				
Escola Municipal Rubem da Costa Lima		São Sebastião das Águas Claras – MG		
Datas	Séries	Atividades	Local	Recursos
20/08	1ª, 2ª, 3ª, 4ª	<i>Apresentação dos alunos</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Livro infantil</i>
27/08	todas	<i>Confecção da caixa de memória</i>	<i>Pátio externo</i>	<i>Caixa de sapatos, papéis variados, cola, tesoura, materiais recicláveis</i>
03/09	todas	<i>Comemoração da Semana da Pátria/ Projeção de slides com o tema Patrimônio na semana de comemoração à Pátria</i>	<i>Pátio externo Refeitório</i>	<i>Projeto de slides</i>
10/09	todas	<i>Caminhada ecológica– coleta de lixo</i>	<i>Área próxima ao colégio até o rio</i>	<i>Sacos de lixo, luvas cirúrgicas</i>
17/09	1ª e 2ª	<i>Contando história: “O presente de Theo”</i>	<i>Pátio externo</i>	<i>Texto “O presente de Theo”</i>
19/09	3ª e 4ª	<i>Contando história: “O presente de Theo”</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Idem</i>
01/10	1ª e 2ª	<i>Produção do “Recado para os turistas”</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Giz, quadro negro, papel ofício, lápis de cor, giz de cera</i>
03/10	3ª e 4ª	<i>Produção de “Recado para os turistas”</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Idem</i>
08/10	todas	<i>Vivência: Apresentação de Capoeira</i>	<i>Pátio externo</i>	<i>Mestres da Capoeira como convidados</i>
22/10	1ª e 2ª	<i>Aula sobre a restauração com apresentação dos banners</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Banners produzidos para apresentação dos trabalhos de restauro</i>
24/10	3ª e 4ª	<i>Aula sobre a restauração com apresentação dos banners</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Idem</i>
29/10	3ª e 4ª	<i>Vivência: viajando através da música</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Materiais diversos, músicas adequadas ao exercício, aparelho de som, quadro negro e giz</i>
31/10	3ª e 4ª	<i>Vivência: Teatro de sombras - confecção e apresentação</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Professora da área de cinema como convidada Papel cartão colorido cola, tesoura, arame, lençol, refletores, música</i>
05/11	1ª e 2ª	<i>Vivência: viajando através da música</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Materiais diversos, músicas adequadas ao exercício, aparelho de som, quadro negro e giz</i>

07/11	1 ^a e 2 ^a	<i>Vivência: Teatro de sombras - confecção e apresentação</i>	<i>Salas de aula Refeitório</i>	<i>Professora da área de cinema como convidada Papel cartão colorido cola, tesoura, arame, lençol, refletores, música</i>
12/11	1 ^a e 2 ^a	<i>Última aula individual com as turmas: apresentação de minha caixa de memórias</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Caixa de memórias com objetos de uso pessoal, reunidos ao longo dos anos</i>
14/11	3 ^a e 4 ^a	<i>Última aula individual com as turmas: apresentação de minha caixa de memórias</i>	<i>Salas de aula</i>	<i>Idem</i>
19/11	todas	<i>Vivência: Sentindo a música</i>	<i>Refeitório</i>	<i>Professor de Música - Violoncelista - como convidado Violoncelo, vídeos</i>
21/11	todas	<i>Entrega dos diplomas e das caixas de memória com solenidade de encerramento das atividades</i>	<i>Pátio externo</i>	<i>Diplomas produzidos pela escola Caixas de memórias produzidas pelos alunos Lanche de confraternização</i>

ANEXO VII

Quadro dos sentimentos, lembranças e vereditos

Turma s	Sentimentos	Lembranças	Veredicto (com controvérsias)
1ª	“Pena e alegria, coisas ruins, beleza, bondade, felicidade, tristeza, terror e bondade, paz.”	“Folhas, flores, ouro (a maioria o listou), pedras, carneirinhos, igreja, uma casa, areia, árvores, carro, cavalos, peixe, mundo, vacas bezerro, lagoa, estrela do mar.”	“Vale a pena preservar a Terra.”
2ª	“Harmonia, tristeza, alegria, sentimentos bons e ruins, esperança, horror, felicidade, emoção, paz, agonia, amor, nada, ódio, “pobreza e riqueza, solidariedade, compartilhar, ajudar os meninos abandonados, ajudar a terra”.”	“Árvore, amor, alegria, paz, água, felicidade, carro, avião, controle remoto, ouro, frutas, moto, roupa do Batman, pedra, emoção, luz, sombra, chuva, harmonia, retrato, subterrâneo, uma pessoa muito legal.”	“Vale a pena manter a Terra e vamos ajudá-los.”
3ª	“Muitos, emoção, muita pena, muita alegria e tristeza, alegria no coração das pessoas e tristeza, esperança, paz, amor, muita vida e harmonia, desilusão, decepção, violência.”	“Pessoas, um amigo, pessoas e animais abandonados, natureza, a vida, árvores, água e animais, flores, mar, paz e amor, harmonia, a praia, planeta, paisagem, segurança, água cristalina, vida da natureza, uma igreja, vida dos homens, baleia, lembranças, poder.”	“Vale a pena manter o planeta com a nossa ajuda; vamos conservá-lo para que fique igual ao nosso; vamos levar um pouco de compaixão, paz, harmonia, higiene, a força da luz; vamos acabar com as drogas, armas, fábricas que poluem o ar; colocar um templo nas cidades para as pessoas rezarem; acabar com a caça aos animais.”
4ª	“Bons e ruins, alegria, dor, interessante, simpatia, amor, amizade, energia muito forte, forte impressão, felicidade, emoção, tristeza/alegria, afeto, que as aparências enganam, harmonia, fonte de energia inexplicável, sinceridade, ódio.”	“Alegria, amizade, simpatia, templos e casas, praias, animais, florestas, luz, paz e harmonia, mar, golfinhos, carinho, felicidade dos povos, natureza, flores, humildade, algumas pessoas, simplicidade, união, esperança.”	“Vale a pena salvar a Terra; o planeta tem chance de se recuperar; as pessoas devem tentar se ajudarem através do cuidado com o mundo, mantendo a Terra limpa, cuidando e respeitando a natureza, ajudando a paz, pelo respeito mútuo, acabando com a desigualdade, com o preconceito e com as guerras.”

ANEXO VIII

1. Avaliação da Direção, Supervisão e Professores da Escola Municipal Rubem da Costa Lima

Perguntas:

- 01) Qual a importância, para você, das atividades de educação patrimonial realizadas nesta escola?
- 02) Você acha que seus alunos corresponderam positivamente às atividades dadas nestes meses?
- 03) Você notou alguma mudança em seus alunos ao longo dos meses de atividade?
- 04) Descreva os pontos negativos e positivos deste trabalho:
- 05) Dê sugestões quanto ao que você crê importante num trabalho de educação patrimonial nas escolas:
- 06) Avalie meu desempenho junto aos alunos:
- 07) Você se disporia a divulgar e/ou aplicar em suas aulas e em outras escolas as idéias propostas nestas atividades realizadas?

Respostas:

“1- Conscientização do dever da preservação dos nossos bens, da nossa história e da nossa cultura.

2 - Sim, porque houve interesse e mudança de comportamento entre eles.

3 - Notei. Eles ficaram mais atentos aos acontecimentos e ao comportamento individual e coletivo da escola.

4 - Negativo: O planejamento não ter sido feito junto aos professores da escola para que houvesse maior comprometimento dos mesmos.

Positivo: Sensibilização do alunado da escola para a questão da preservação dos bens individuais e da comunidade; a escolha da faixa etária a ser trabalhada (de 09 a 12 anos); enriquecimento com outros ramos de atividades culturais e a questão da preservação de cada um (Capoeira, o músico, etc); A “caixa” com as atividades de cada aluno – foi muito boa; o estudo do livro da UFMG; local de trabalho – uma área de total preservação.

5 – Para a faixa etária (de 09 a 12 anos) a qual o trabalho foi proposto acho que é o inicial, o básico mesmo. A questão do cuidado com o meio ambiente e com o bem patrimonial: limpar (ou não sujar), não pixar, não apedrejar nem quebrar. E daí para a frente graduar a “dificuldade” das questões da preservação.

Fazer a história de cada um. Historias, fotos, roupas, brinquedos, etc, de cada um. Talvez até fazer uma exposição em sala de aula, com nome e dados dos alunos.

6 – Seu desempenho foi muito bom porque é objetiva, carinhosa, gosta do que faz e é muito segura. Cativou os alunos e soube conduzi-los nas atividades. A parceria com as professoras foi boa, mas poderia ter sido melhor se fosse feito um trabalho inicial com as mesmas e se, no planejamento, tivesse também a participação delas (mesmo que mínima).”

“1 – Achei as atividades de real importância pois as crianças desde cedo tem que aprender a valorizar as coisas que elas possuem, pois tudo tem uma história e que deve ser preservada.

2 – Sim, achei que eles foram bem participativos. Gostaram do que aprenderam e isso contribuiu muito para os seus desempenhos.

3 – Percebi que depois que eles tiveram esses encontros, passaram a preservar mais as suas coisas e, também, a cobrar das pessoas essa valorização.

4 – Positivos: técnicas diferentes usadas (teatro de sombras); histórias bem elaboradas; muito conhecimento e dinamismo por parte do professor; segurança no repasse do conteúdo; disponibilidade e participação de atividades realizadas na escola; trabalho com o livro da UFMG; confecção da caixa de memórias; valorização dos desenhos das próprias crianças.

Negativo: falta de espaço; mais participação por parte dos professores.

5 – Sim. Como já havia comentado com outras supervisoras. Acho muito importante que aconteça sempre nas escolas este trabalho.

Sendo o objetivo primordial – Levar a criança a valorizar o seu patrimônio que é de todos e que deve ser preservado.

6 – Achei excelente o seu desempenho. Você foi muito carinhosa com os alunos. E toda a bagagem de conhecimentos, você repassou de uma maneira bem tranquila para os alunos. E eles souberam aproveitar estes grandes momentos.

7 – Sim.”

“1 – A educação patrimonial é importante não só para o professor como para o aluno, pois tudo que construímos e aprendemos é um patrimônio.

2 – Todos os alunos corresponderam positivamente.

3 – Sim, os alunos ficaram motivados com as atividades e me surpreendeu o entusiasmo deles.

4 – Não teve pontos negativos e positivos foram vários: o entusiasmo dos alunos, a criatividade, o desenvolvimento, etc.

5 – Respeito ao patrimônio.

6 – O desempenho foi muito bom, espero que continue e não desanime.

7 – Pode contar comigo.”

“1 – A conscientização das pessoas na preservação patrimonial, da natureza, bem como a sua própria valorização pessoal.

2 – Sim, eles tiveram bastante interesse, no geral.

3 – Alguma mudança, sim, sempre há, por menor que seja. Acho que os maiores resultados veremos a longo prazo.

4 – Acho que, quando as intenções são boas e de melhoria, nunca há pontos negativos.

Positivos: tudo que foi feito, acho que foi muito positivo, valoroso, importante.

5 – As crianças vão se tornando mais sensíveis e educadas quando têm contato com esse tipo de atividade, pois a arte é muito importante para a cultura das pessoas. Acho que todas as atividades relacionadas com a arte fazem a criança se tornar um adulto melhor, mais sensível, menos materialista.

6 – Contribuiu muito para a formação de um povo mais consciente.

7 – Sim, quando for me dada essa oportunidade.”

“1 – Eu penso que a importância foi no sentido de conscientizar os alunos para a valorização e conservação do que eles têm tão próximos.

2 – De certa forma sim, pois eles estão se educando para não depredar algo que pertence a eles.

3 – Sim.

4 – Negativos: o trabalho parou.

Positivos: orientação e valorização para estes alunos que são carentes de atenção.

5 – A participação mais efetiva dos alunos com visitas mais periódicas a ambientes em restauração.

6 – A Moema é uma pessoa que trouxe alegria e dinamismo junto aos alunos. Quanto a nós, professores, descobriu algumas técnicas simples que podemos usar no cotidiano, além, é claro, de ser muito simpática.

7 – Sim.”

“1 – O olhar dos alunos para preservar o patrimônio existente em nossa cidade.

2 – A maioria sim.

3 – Sim.

4 – Negativo: o tempo trabalhado deveria ser maior.

Positivo: a conscientização dos alunos.

5 – O conhecimento do profissional do patrimônio a ser trabalhado; um bom relacionamento do profissional/aluno.

6 – Ótimo.

7 – Sim.”

“1 – É valorosa porque eles não dão a devida importância para o meio onde vivem e realizando trabalhos como este, estimula a auto-estima e eles ficam eufóricos quando pessoas se interessam por nossa cidade.

2 – Com certeza, foi um trabalho esplêndido que poderíamos dar continuidade. Se tivéssemos “bagagem”, para caminhar da maneira que você (Moema) iniciou.

3 – Procuram valorizar mais o local, sempre que acontece algo que julgam (certo/errado) comentam, sempre lembram das coisas que fizemos e querem estar fazendo novamente.

4 – Todo o trabalho foi positivo: histórias, materiais, visitas, demonstrações.

Negativo: falta de espaço.

5 – Eu acho que todos têm que pensar nas coisas boas do local e tentar melhorar as ruins. Importante: meio ambiente, natureza, respeito mútuo, trabalho, importância à escola, comunidade integrada à escola.

6 – Seu trabalho foi excelente. Os alunos sonhavam com a sua chegada e qual seria a próxima novidade. Despertou interesses e descobriu talentos.

7 – Sim, mas devemos ter apoio, contribuição, participações, envolvimento da direção e até da comunidade.”

2. Depoimentos dos convidados

Cristiane Matos:

“O que me motivou a aceitar o convite foi pela permuta, pelo prazer em trabalhar com pessoas de uma cidade do interior, que embora próxima a Belo Horizonte, tenha uma cultura diferente, e pela maior receptividade às novidades, às informações característico das pessoas do interior. Pela possibilidade de estar realizando uma atividade que é pra mim prazerosa em uma cidade bastante agradável seja pela paisagem, seja pela cultura ‘diferente’ de Belo Horizonte.

O objetivo, ao trabalhar com o teatro de sombras, foi resgatar uma tradição milenar dos chineses que foi fundamental 'a história e constituição do cinema. Foi um dos primeiros espetáculos cinematográficos primitivos. As sombras, por terem se conservado na memória, na tradição dos chineses, pôde chegar até o ocidente e foi assimilado na forma de espetáculo. Até hoje as sombras são utilizadas em como componentes do cenário em teatro e pode ser um recurso didático interessante. No caso optamos por dar ênfase ao tema do meio ambiente de forma a conciliar o objetivo de ensinar a confecção básica de personagens do teatro de sombra e a questão ambiental que é importante para o município de Macacos. Propusemos reconstruir uma história já trabalhada anteriormente em uma vivência, mas modificamos o material expressivo, que desta vez abordaria um narrador que contaria a história e a projeção das sombras a partir dos objetos/personagens confeccionados pelas crianças. Os alunos representariam com seus personagens as cenas da história já trabalhada.No final houve uma apresentação.

O grupos trabalhados; foi super receptivo, gentil. Os professores nos receberam com simpatia e auxiliaram bastante no desenvolvimento das atividades. Parecia já existir um trabalho anterior com o grupo, pois eles demonstravam algum comportamento de interação entre si e com a comunidade.

Acho fundamental o tipo de projeto desenvolvido, por desenvolver, conforme já mencionei anteriormente, o conceito de cidadania e isso é perceptível no discurso entre as crianças e professores. A preocupação com o fortalecimento da cultura local parece ter sido uma preocupação do projeto que a meu ver vai trazer benefícios em diversos setores.”

Abel Moraes:

“O convite feito por Moema Queiroz para desenvolver uma atividade musical com os alunos da Escola Municipal Rubem da Costa Lima foi para mim um desafio, pois minha experiência em educação musical é, principalmente, relacionada ao ensino de instrumento musical, o violoncelo, na maior parte do tempo, com um número bastante pequeno de alunos em sala de aula.

O que realmente me motivou a aceitar o convite foi o fato de haver na abordagem de educação patrimonial de Moema Queiroz, objetivos amplos e integradores. Entendi que, na abordagem de Moema, as crianças devem ser levadas a se engajar numa ação e numa atitude de preservação de algo que elas possam primeiramente conhecer e se identificar afetivamente, algo que seja parte de suas próprias identidades, individuais e culturais. De forma similar, venho desenvolvendo uma abordagem de ensino musical voltada para o desenvolvimento equilibrado de aspectos do desenvolvimento da consciência, principalmente ao que se refere às vivências estéticas e afetivas, e não

somente às cognitivas e psicomotoras como o ensino musical tradicional tem priorizado. Tenho defendido como principal objetivo da educação musical, o desenvolvimento e fortalecimento da identidade pessoal e cultural através da expressão e do conhecimento musical, da nossa e de outras culturas, fortalecendo sistemicamente: indivíduo, obra de arte, cultura e sociedade.

Portanto, o objetivo das atividades musicais realizadas naquela ocasião foi apresentar manifestações musicais de diversas culturas e revelar a relação íntima entre a música e a sociedade, ou entre a cultura e o meio, bem como seu fator de retro-alimentação: o meio que produz a cultura que produz o meio. Neste sentido, colaborar para o despertar da consciência crítica e responsabilidade para com a preservação de produtos culturais, no caso a música, e para a consciência da relação entre os bens culturais e nossa própria identidade pessoal e cultural.

O que me chamou mais a atenção foi a disponibilidade que aquelas crianças apresentaram para me ouvir e a sensibilidade como resposta às atividades musicais. Uma sensibilidade aprimorada, certamente, pelo trabalho anterior de conscientização patrimonial desenvolvido por Moema Queiroz.”